



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE

NÍVEL MESTRADO

CRISTIANE NEYRE ALMEIDA DE JESUS

**PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS – PANC EM
CAPELA/SE: ESTUDO ETNOBOTÂNICO**

São Cristóvão/SE
2020

CRISTIANE NEYRE ALMEIDA DE JESUS

**PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS – PANC EM
CAPELA/SE: ESTUDO ETNOBOTÂNICO**

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Desenvolvimento e Meio Ambiente pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal de Sergipe.

Linha de Pesquisa: Dinâmica e Avaliação Ambiental

Orientadora: Profa. Dra. Marlucia Cruz de Santana

Coorientador: Prof. Dr. Jailton de Jesus Costa

São Cristóvão/SE
2020

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

J58p Jesus, Cristiane Neyre Almeida de
Plantas alimentícias não convencionais – PANC em Capela/SE
: estudo etnobotânico / Cristiane Neyre Almeida de Jesus ;
orientadora Marlucia Cruz de Santana. – São Cristóvão, SE, 2020.
171 f. : il.

Dissertação (mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente)
– Universidade Federal de Sergipe, 2020.

1. Etnobiologia. 2. Alimentos alternativos. 3. Biodiversidade. 4.
Sustentabilidade – Capela (SE). I. Santana, Marlucia Cruz de, orient.
II. Título.

CDU 502.131.1:581.6(813.7)

FICHA DE APROVAÇÃO

CRISTIANE NEYRE ALMEIDA DE JESUS

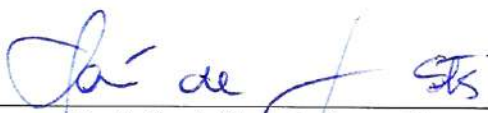
PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS - PANC EM CAPELA/SE: ESTUDO ETNOBOTÂNICO

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de Mestra em
Desenvolvimento e Meio Ambiente pelo Programa
de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio
Ambiente da Universidade Federal de Sergipe.

Aprovada em 14 de fevereiro de 2020



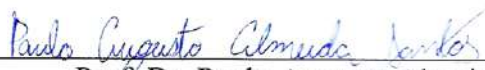
Profa. Dra. MarluCIA Cruz de Santana
Universidade Federal de Sergipe
Presidente-orientadora



Prof. Dr. Jailton de Jesus Costa
Universidade Federal de Sergipe
Coorientador

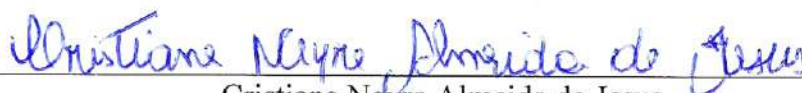


Profª. Drª. Ane Marcela das Chagas Mendonça
Universidade Federal de Sergipe
Examinadora Interna



Prof. Dr. Paulo Augusto Almeida Santos
Universidade Federal de Sergipe
Examinador Externo

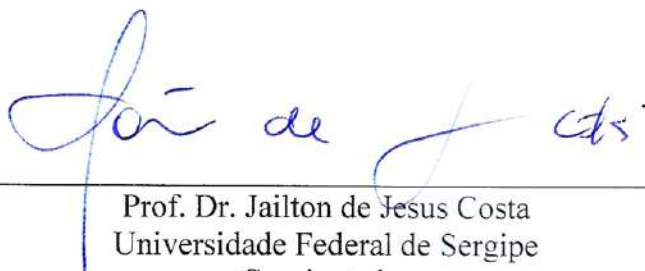
É concedido ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA) da Universidade Federal de Sergipe (UFS), responsável pelo Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente, permissão para disponibilizar, reproduzir cópia desta Dissertação e emprestar ou vender tais cópias.



Cristiane Neyre Almeida de Jesus
Programa de Pós-Graduação em
Desenvolvimento e Meio Ambiente – PRODEMA
Universidade Federal de Sergipe



Profa. Dra. Marluvia Cruz de Santana
Universidade Federal de Sergipe
Presidente-orientadora



Prof. Dr. Jailton de Jesus Costa
Universidade Federal de Sergipe
Coorientador

DEDICATÓRIA

A Deus, o que seria de mim sem a fé que eu tenho Nele. Seu fôlego de vida, em mim, foi meu sustento e me deu coragem para questionar realidades, e propor sempre um novo mundo de possibilidades.

Dedico esta, bem como todas as minhas demais conquistas, aos grandes amores de minha vida:

In memoriam ao meu vô (Ferreira) meu referencial e exemplo de vida.
Aos meus pais, Cristina e Cesar, aos quais eu rogo todas as noites a minha existência.

Esta conquista é nossa!

Aos meus irmãos (Cesar Jr., Beatriz e Breno), meus pilares de sustentação.
Ao meu grande amigo e amado esposo, Adriano, seu apoio e cuidado foram imprescindíveis para a realização deste trabalho.

Por fim, não menos importante, em especial ao meu amigo, conselheiro, chefe e Coorientador Jailton, a quem partilhei o que era broto daquilo que veio a ser este trabalho. Um ser humano cheio de luz e responsável por minhas conquistas ao longo desses 24 meses.

AGRADECIMENTOS

Gratidão é a palavra que me define! Gratidão ao meu Deus, meu criador por ter me sustentado até aqui. Sem Ele nada faria sentido em minha vida.

Agradeço imensamente aos meus pais (Cesar e Cristina) que apesar de não terem clareza e compreensão da escolha do mestrado, sempre me apoiaram e incentivaram. Obrigada por vibrar em cada conquista, por estar ao meu lado nas horas mais sombrias. Gratidão pela minha criação, pelo afeto, carinho e dedicação ao longo dos meus 34 anos e por ter formado uma filha de caráter íntegro. Sou filha e pais dos meus pais. O amor sempre nos uniu.

Irmãos de sangue são anjos que Deus nos presenteia para deixar nosso caminho mais florido e leve. Gratidão aos meus (Cesar Jr, Beatriz e Breno) pelo cuidado, amor, respeito e parceria. Obrigada por estarem sempre ao meu lado, entenderem meu cansaço e sempre estarem dispostos a ouvirem minhas aflições.

Uma eterna gratidão a Adriano, meu amado esposo. Obrigada pelo apoio, cuidado, preocupação, amor e zelo. Obrigada por viver e sonhar os meus sonhos. Deus foi muito generoso comigo em ter cruzado nossos caminhos. Obrigada por ter permitido que minha pesquisa pudesse ser realizada da forma mais suave e tranquila possíveis. Obrigada pelos abraços mais reconfortantes em momentos difíceis, e, por todas as vezes, que teve paciência em me ouvir chorar (não foram poucas) e enxugar minhas lágrimas. Suas palavras foram fundamentais “Você consegue”. Obrigada por todas as vezes que preparou almoço e lanchinhos para os longos dias de estudos com colegas de turma. Obrigada por existir e se fazer presente em minha vida!

Meu muito obrigado a todos os familiares que, direta ou indiretamente, contribuíram para esse momento e estiveram nas arquibancadas da vida sempre torcendo por mim. Vocês são importantes para mim.

Amigos, ahh como é bom ter amigos!. Gratidão a todos os amigos que vibraram e estiveram comigo nessa caminhada. Obrigada por entender minha ausência, pela paciência que tiveram a minha ausência aos encontros e principalmente por aguentarem meus estresses e ansiedades de sempre.

Aline Rocha, gratidão por sempre acreditar em mim, mesmo quando nem eu mesmo acreditei. Pela força, encorajamento, amor, carinho e dedicação ao longo dos nossos 24 anos de amizade. Ops...estamos maduras!

Dani, Layse, Luana, Monyse e Valéria os encontros do nosso sêxtuplo foram muito importantes para renovar minhas energias. Vocês são especiais, obrigada por fazer parte de minha vida.

Andreza, Any, Anne, Alexnaldo, Eduardo, Erica, Isadora, Lane, Gel, Tercilia vocês são sensacionais, cada um de vocês representa uma estrela em minha vida. Gratidão por terem iluminado minha caminhada.

O que falar da minha equipe de trabalho, (Antônio, Elisangela, Jailton, Joangela, Lucas e Kaique) minha CPPD do coração, obrigada pelo apoio incondicional, gratidão por serem sempre presentes nos momentos que precisei me fazer ausente devido aos trabalhos de campo e para cursar as disciplinas, vocês foram peças fundamentais para esta conquista.

Minha vida mudou após conhecer um anjo chamado Jailton. Difícil é conter a emoção ao falar o quanto esse homem é, e sempre será importante na minha vida. Professor, coorientador, chefe ou amigo ele é excepcional, sendo qualquer um deles. Ao conhecê-lo, tive a certeza que vale a pena acreditar em um mundo melhor. Sua dedicação, determinação, carinho, respeito e amor ao próximo marcaram a minha vida. Palavras jamais descreveriam o amor e afeto que tenho por você. MUITÍSSIMO obrigada por TUDO. Responsável direto de minhas conquistas.

A todos os colegas de turma e amigos de caminhada obrigada por todos os ensinamentos e aprendizados. Sei que construímos uma relação de respeito e afeto. Perdoe-me se faltou citar o nome de algum.

Este trabalho é fruto do esforço e dedicação de diversas pessoas, entre elas, Marcelo “Guigó” o mateiro da RVS, como carinhosamente gosta de ser chamado. Minha gratidão pela disponibilidade de sempre nos acompanhar e proteger em todas as visitas de campo.

O início da caminhada no mestrado foi marcado por conhecer vários colegas entre eles, Ingrid Carvalho que marcou e mudou a minha vida. Amiga, obrigada pela parceria, companheirismo e por sempre estar disposta a tudo. Você é um ser humano extraordinário e cheio de luz. Você foi o melhor presente que pós-graduação poderia ter me dado. Gratidão a Deus pela sua vida.

Realmente sou bastante privilegiada. Ter Marlúcia como orientadora apenas ratificou essa certeza. Sua calma, voz suave (ainda que puxando minha orelha), sua ternura, sua preocupação e paciência são virtudes fundamentais que qualquer aluno da pós-graduação sonha em ter em seu orientador. Obrigada por tudo, principalmente pelas palavras de força e coragem. Lembro-me que diversas vezes cheguei ao seu laboratório com um turbilhão de

emoções e sempre saía de lá bem mais leve e com a certeza que tudo daria certo, e deu. Minha eterna gratidão.

Gratidão ao universo por ser tão generoso e colocar pessoas tão especiais em meu caminho. Assim como o amor que transborda em meu coração, lágrimas escorrem pelo meu rosto de eterna gratidão aqueles que acreditaram que seria possível chegar até aqui. Obrigada pela torcida.

Esta dissertação tem um pedacinho de cada um de vocês que fizeram parte de minha história de vida direta ou indiretamente. Amo vocês.

Vô pode fazer festa no céu que sua “Nega” é Mestra!!

SUMÁRIO

Dedicatória	03
Agradecimentos	04
Lista de Figuras	09
Lista de Quadros	12
Lista de Tabelas	13
Resumo	14
Abstract	15
INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO 1 - A IMPORTÂNCIA DE ESTUDOS ETNOBOTÂNICOS ACERCA DAS PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS	22
1.1. Evolução do Conceito de Etnobotânica e a sua Importância	23
1.2. Plantas Alimentícias Não Convencionais - PANC	29
1.3. Segurança Alimentar e as Plantas Alimentícias Não Convencionais - PANC	39
CAPÍTULO 2 – PERCURSO METODOLÓGICO	45
2.1. Recorte espacial da pesquisa	46
2.2. Método	51
2.3. Procedimentos Metodológicos	52
2.3.1. Entrevistas	52
2.3.2. Demanda Ética da Pesquisa	54
2.3.3. Oficinas	55
a) Oficina de Degustação e Propagação de Plantas	55
b) Oficina no Colégio de Aplicação	59
2.3.4. Detalhamento dos objetivos	62
CAPÍTULO 3 – LEVANTAMENTO ETNOBOTÂNICO NA UNIDADE DE CONSERVAÇÃO RESERVA DE VIDA SILVESTRE MATA DO JUNCO	63

3.1. Potencial Sustentável da utilização das PANC: Famílias e Espécies Botânicas	64
3.2. Principais Usos pelas Comunidades do Entorno	68
Capítulo 4 – DESAFIOS PARA A UTILIZAÇÃO DAS PANC: DESUSO OU FALTA DE CONHECIMENTO?	92
4.1. O papel da divulgação das Plantas Alimentícias Não Convencionais	93
4.2. As oficinas com as comunidades do Entorno da Unidade de Conservação	96
4.3. Com a palavra, as comunidades	109
CONSIDERAÇÕES FINAIS	113
REFERÊNCIAS	116
APÊNDICES	126
Apêndice A – Termo de consentimento	127
Apêndice B – Roteiro de entrevistas	130
Apêndice C – Questionário CODAP	134
Apêndice D – Cartilha	138

LISTA DE FIGURAS

Figura 01	Localização da Unidade de Conservação Refúgio de Vida Silvestre Mata do Junco	46
Figura 02	Entrada de acesso da UC do Refúgio de Vida Silvestre Mata do Junco	47
Figura 03	Entrada da UC do Refúgio de Vida Silvestre Mata do Junco	48
Figura 04	Entrada da UC do Refúgio de Vida Silvestre Mata do Junco	48
Figura 05	Rio Lagartixo na Mata do Junco	49
Figura 06	Placa do Assentamento José Emídio dos Santos	50
Figura 07	Mapa Geológico da Unidade de Conservação Refúgio de Vida Silvestre Mata do Junco	50
Figura 08	Localização do Colégio de Aplicação na Universidade Federal de Sergipe	51
Figura 09	Entrevistas na Agrovila Santo Antônio	53
Figura 10	Entrevista no Povoado Terra Dura	53
Figura 11	Entrevista no Povoado Boa Vista	53
Figura 12	Entrevista no Povoado Estreito	53
Figura 13	Povoado Lagoa Seca	54
Figura 14	Povoado Miranda	54
Figura 15	Oficina no Povoado Terra Dura	56
Figura 16	Moradores do Povoado Terra Dura	56
Figura 17	Oficina no Povoado Miranda	57
Figura 18	Moradores do Povoado Miranda	57
Figura 19	Oficina no Povoado Boa Vista	57
Figura 20	Moradores da Boa Vista e Estreito	57
Figura 21	Oficina na Sede da Mata	58
Figura 22	Moradores na UC	58
Figura 23	Degustação na Sede da Mata	59

Figura 24	Degustação no Povoado Miranda	59
Figura 25	Aplicação de Questionário	60
Figura 26	Apresentação de formas de propagação	60
Figura 27	Grupos realizando propagação	60
Figura 28	Participante plantando	60
Figura 29	Plantação de sementes <i>Melocactus</i>	61
Figura 30	Plantação de semente de feijão	61
Figura 31	Observação do experimento	61
Figura 32	Alunos com seus experimentos	61
Figura 33	Imagem das PANC identificadas	66
Figura 34	Messias do Movimento dos Trabalhadores Rurais	70
Figura 35	Entrevistas na estufa de mudas	70
Figura 36	Morador da agrovila com Caxixi	70
Figura 37	Realização de entrevistas no Povoado Boa Vista	75
Figura 38	Única rua do Povoado Estreito	77
Figura 39	Entrevista com morador do Povoado	77
Figura 40	Lagoa no Povoado Lagoa Seca	79
Figura 41	Rua do Povoado Lagoa Seca	79
Figura 42	Esgoto a céu aberto	79
Figura 43	PANC cultivadas na alimentação	82
Figura 44	PANC citadas com frequência	84
Figura 45	Justificativas para não experimentar PANC	86
Figura 46	Formas de evitar a extinção das PANC	87
Figura 47	Conhecimento de plantas do mato na alimentação	93
Figura 48	Plantas do mato ricas em nutrientes	94
Figura 49	Conhecimento de plantas comestíveis no entorno da escola	95

Figura 50	Anfitriã da oficina no Povoado Terra Dura	97
Figura 51	Momento de explanação na oficina	98
Figura 52	Participantes da oficina na Terra Dura	98
Figura 53	Participantes da oficina de degustação e propagação de plantas no Povoado Terra Dura	99
Figura 54	Explanação na oficina do Povoado Miranda	100
Figura 55	Degustação dos alimentos no Miranda	101
Figura 56	Participantes da oficina no Miranda	101
Figura 57	Dinâmica de acolhida na oficina	102
Figura 58	Compartilhamento de experiências	102
Figura 59	Alunos da escola Municipal Rural da Boa Vista	103
Figura 60	Degustação na oficina do Povoado Boa Vista	104
Figura 61	Moradores do Povoado Boa Vista e do Povoado Estreito	104
Figura 62	Dinâmica de acolhida com participantes	105
Figura 63	Explanação na oficina da Sede da Mata do Junco	106
Figura 64	Participantes da oficina na Sede da UC na Mata do Junco	107
Figura 65	Degustação de alimentos com PANC	107
Figura 66	Alunos e moradores participantes da oficina na UC	108
Figura 67	Equipe da organização na oficina da Sede	108

LISTA DE QUADROS

Quadro 01	Estado da Arte da Pesquisa nos programas da UFS	19
Quadro 02	Estado da Arte da Pesquisa, em âmbito Nacional	20
Quadro 03	Comunidades Entrevistadas	52
Quadro 04	Levantamento das Plantas Alimentícias Não Convencionais	65
Quadro 05	Aspectos correlacionados entre as PANC e as temáticas ambiental, social e econômica	67
Quadro 06	Informações dos entrevistados no Povoado Terra Dura	68
Quadro 07	Informações dos entrevistados na Agrovila Santo Antônio	71
Quadro 08	Informações dos entrevistados do Povoado Miranda	73
Quadro 09	Informações dos entrevistados do Povoado Boa Vista	75
Quadro 10	Informações dos entrevistados no Povoado Estreito	77
Quadro 11	Informações dos entrevistados no Povoado Lagoa Seca	80
Quadro 12	Espécies utilizadas pelos entrevistados	81
Quadro 13	PANC citadas pelos entrevistados	82
Quadro 14	Justificativas para não experimentar PANC	85
Quadro 15	Formas de transmissão de conhecimento	86
Quadro 16	Formas de evitar extinção das PANC	87
Quadro 17	Discursos dos entrevistados	110

LISTA DE TABELAS

Tabela 01	Relação entre conhecer e experimentar	85
Tabela 02	Relação entre conhecer e hábitos saudáveis	88
Tabela 03	Relação entre cultivar na alimentação X hábitos saudáveis	88
Tabela 04	Relação de PANC na alimentação X dificuldade para encontrar PANC	89
Tabela 05	Medidas para evitar desaparecimento das PANC	90

RESUMO

As Plantas Alimentícias Não Convencionais – PANC possuem significativo valor nutritivo por serem fonte de vitaminas, sais minerais, carboidratos e proteínas que podem fazer parte da dieta ao serem consumidas como alimento alternativo, uma vez que grande parte dessas espécies também são popularmente utilizada como plantas medicinais. Entretanto, de um modo geral, são pouco valorizadas e conhecidas como ervas ou “mato”. Nesta pesquisa, realizou-se o levantamento das espécies de PANC na Unidade de Conservação Reserva de Vida Silvestre Mata do Junco, em Capela/SE e nas comunidades do seu entorno, com a identificação de 20 espécies, além de investigar o consumo e/ou cultivo pelas comunidades do entorno da mata. Para atingir esse objetivo, foram realizados os seguintes procedimentos metodológicos: aplicação de questionários, realização de entrevistas semiestruturadas com membros das comunidades do entorno da reserva e oficinas de degustação e de propagação de plantas. Dentre os resultados da pesquisa, foi produzida e publicada uma cartilha, em formato de *e-book* com ISBN, para demonstrar às comunidades envolvidas neste estudo a importância das PANC e os principais usos de algumas espécies, ressaltando a necessidade de conservação destas através de uma divulgação mais efetiva. Apesar de serem conhecidas pela maioria dos entrevistados, estes informaram que não utilizam as espécies na alimentação. A falta de divulgação, a facilidade de acesso às comidas industrializadas, além do preconceito, são fatores que contribuem para a não utilização dessas plantas pelos moradores das comunidades estudadas. Conclui-se que as Plantas Alimentícias Não Convencionais podem ser utilizadas como um alimento alternativo e saudável, podendo ainda se tornar fonte de renda. O papel da divulgação dessas espécies, associadas à sua importância, é um marco primordial para a disseminação desses conhecimentos que não podem ser apagados das gerações futuras.

Palavras-Chave: Alimento alternativo, Biodiversidade, Etnobiologia, Sustentabilidade.

ABSTRACT

The Unconventional Food Plants – UFPs they have significant nutritional value because they are a source of vitamins, minerals, carbohydrates and proteins that can be part of the diet when consumed as an alternative food, once the most of these species are also popularly used as medicinal plants. However, in general, they are little valued and are known as herbs or “bush”. This research aims to survey the species of unconventional food plants in the Conservation Unit Mata do Junco Wildlife Reserve, in Capela/SE and in communities around that, with the identification of 20 species, in addition to investigating consumption and/or cultivation by communities surrounding the forest. To achieve this objective, the following methodological procedures were carried out: application of questionnaires, semi-structured interviews with members of the communities surrounding the reserve and workshops for tasting and propagating plants. Among the results of the research, a booklet was produced and published, in e-book format with ISBN, to demonstrate to the communities involved in this study the importance of UFPs and the main uses of some species, emphasizing the need for their conservation through a more effective disclosure. Despite being known by the majority of the interviewees, they informed that they do not use the species in food. The lacks of disclosure, the easy access to industrialized foods, in addition to the preconception, are factors that contribute to the non-use of these plants by the residents of the communities studied. It is concluded that unconventional Food Plants can be used as an alternative and healthy food, and can also become a source of income. The role of the divulgation of these species, associated with their importance, is a major milestone for the dissemination of this knowledge that cannot be erased from future generations.

Keywords: Alternative Food, Biodiversity, Ethnobiology, Sustainability.

INTRODUÇÃO

O cultivo de plantas teve início no período neolítico com a domesticação de algumas espécies vegetais pelo homem primitivo. Em todo o mundo, existem cerca de 200 mil espécies de plantas, entre as quais, aproximadamente, 100 espécies foram domesticadas e possuem grande importância econômica e social para a saúde. A maioria das espécies domesticadas pertence a um pequeno número de famílias, ou seja, 2.489 espécies domesticadas pertencem a somente 173 famílias (BARBIERI; STUMPF, 2008). Atualmente, cerca de 90% do alimento mundial é fornecido por aproximadamente 20 espécies de plantas, dentre as quais estão o trigo, milho, cana-de-açúcar, aveia, feijão, soja, amendoim, coco, tâmara, maçã, tomate, batata-inglesa, entre outros (KINUPP; LORENZI, 2014).

O Brasil detém a maior biodiversidade do mundo em espécies vegetais, entretanto, de modo geral, a população não possui hábitos alimentares saudáveis (BENTO *et al.*, 2015). Estima-se que existe uma variedade de Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) ruderais e espontâneas, não exploradas. A partir dessa informação, faz-se necessário valorizar as culturas das comunidades tradicionais e resgatar as formas de cultivos e de preparos culinários, pois atualmente as PANC não fazem parte da cadeia produtiva que estão disponíveis no mercado de alimentos.

De acordo com Santilli (2015),

“Se os sistemas alimentares diferentes correspondem a sistemas culturais, distintos produtos, práticas e saberes alimentares locais se tornaram símbolo de resistências culturais contra a homogeneização. Afinal, os alimentos expressam tradições e práticas culturais das comunidades que os produzem e consomem, e estão inseridos em sistemas sociais e culturais específicos, que atribuem distintos significados ao que se come, como, quando e com quem se come. Sistemas alimentares locais portam referências culturais que devem ser preservadas” (SANTILLI, 2015, p. 586).

A humanidade depende de agroecossistemas saudáveis e estes dependem da biodiversidade ao nível do ecossistema, das espécies e dos genes (RUDEBJER *et al.*, 2014). O alto índice de subnutrição em algumas camadas da sociedade está relacionado à falta de alimentação adequada, dentre outros fatores. Enquanto a população se alimenta de um número reduzido de espécies, que foram domesticadas e cultivadas há cerca de 10.000 anos, existe mais de 3.000 espécies com alto potencial nutritivo e que podem vir a serem utilizadas por milhões de famílias. Além disso, existe o preconceito por essas plantas se desenvolverem de maneira espontânea na natureza. De acordo com Kinupp e Lorenzi (2014):

“A produção mundial atual de gêneros alimentícios é maior que a necessária para alimentar a população do planeta. Contudo, há especulações econômicas, má distribuição de alimentos, usos indevidos e grandes desperdícios, desde o campo até

as nossas mesas. É de dar pena, nos estarrecer e nos deixar preocupados com nossa (in) sustentabilidade – isto sem focar a pobreza dos ‘ingredientes’, calorias vazias, monotonia das refeições e ausência do colorido e do verde das PANC” (KINUPP; LORENZI, 2014, p. 18).

Desta forma, há a necessidade de novas formas de cultivos, diversificação dos alimentos, incentivos e políticas para garantir a sustentabilidade da agricultura e dos serviços ecossistêmicos, para atender às demandas de melhorar os rendimentos sem comprometer a integridade ambiental ou a saúde pública (TILMAN *et al.*, 2002).

As Plantas Alimentícias Não Convencionais são uma forma sustentável, nutritiva e saudável, apesar de serem encaradas como mato, não sendo conhecidas pela maioria das pessoas. O conceito de PANC se estende às partes não utilizadas de plantas conhecidas de uso convencional (KINUPP; LORENZI, 2014).

Assim, fica evidente a necessidade de difundir a diversidade das espécies para que a população tenha diferentes opções na gastronomia, obtendo hábitos saudáveis, com baixo custo, além de diversificar as fontes de rendas familiares. De forma geral, as PANC são negligenciadas, seja por desconhecimento ou por não saber identificar as espécies que podem ser consumidas ou as partes que podem ser ingeridas e de que forma podem ser preparadas, por isso, são descartadas.

Em algumas regiões do estado de Sergipe, existem diversas espécies de Plantas Alimentícias Não Convencionais pouco exploradas e conhecidas. Vale ressaltar o projeto chamado “Gastrotinga” que tem como base os ingredientes do bioma da Caatinga. Segundo entendimento de Domingos (2017),

“Um dos nossos ideais é mostrar que os cactos não só são comestíveis como possuem uma infinidade de texturas, sabores e valores que agregados a nossa alimentação podem mudar a realidade de milhares de nordestinos, atingindo assim uma de nossas principais metas que é diminuir o índice de fome no nordeste brasileiro, mostramos os cactos como o “alimento do século”” (DOMINGOS, 2017, p. 24).

Diante do exposto, esse estudo parte da seguinte hipótese: Na Unidade de Conservação Reserva de Vida Silvestre Mata do Junco existem diversas espécies de PANC que não são utilizadas de forma nutricional e econômica pelas comunidades do entorno da Mata. Assim, o objetivo geral foi realizar um levantamento etnobotânico das espécies de PANC na Unidade de Conservação Reserva de Vida Silvestre Mata do Junco e nas

comunidades de seu entorno, em Capela/SE. Para se alcançar tal propósito, foram definidos os objetivos específicos, a saber:

- Identificar as espécies de PANC e as famílias botânicas no recorte espacial;
- Investigar se há consumo e/ou cultivo de PANC nas comunidades do entorno da UC;
- Demonstrar nas comunidades do entorno as formas de propagação de PANC para que possam contribuir para a segurança alimentar e se tornar fonte de renda;
- Realizar oficina de propagação com PANC com alunos do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe.

Foi realizado um breve estado da arte a partir de buscas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações da Universidade Federal de Sergipe (BDTD – UFS) e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações Nacionais (BDTD) sobre temas relacionados à Etnobotânica e às Plantas Alimentícias Não Convencionais. Foram encontradas quatro dissertações de mestrado com diferentes abordagens e temas, defendidas na UFS (Quadro 01), e cinco dissertações de mestrado e uma tese de doutorado, em âmbito nacional (Quadro 02).

QUADRO 01 - Estado da arte da pesquisa nos Programas da UFS.

ANO DE DEFESA	AUTOR (A)	PROGRAMA	OBJETIVO DO ESTUDO
2017	FERREIRA, F. N.	PRODEMA	Analisou as interconexões do saber e uso popular de plantas medicinais com propriedades terapêuticas e a melhoria da saúde pública do município de Arauá/SE.
2014	BRAVO FILHO, E. S.	PRODEMA	Diagnosticou a diversidade das espécies de <i>Melocactus</i> no Estado de Sergipe, verificou as utilidades e importância econômico-cultural dessas plantas para as comunidades locais e realizou teste de germinação com espécies <i>Melocactus</i> .
2012	OLIVEIRA, D.M. de	PRODEMA	Investigou como se dá a relação entre as pessoas e o meio ambiente botânico, através de métodos e técnicas empregados pela etnobotânica, a fim de suscitar discussões acerca da sustentabilidade destes recursos no assentamento.
2010	LIMA, J. S.	NEREN	Realizou levantamento etnobotânico no entorno do PARNASI, com o intuito de verificar quais as espécies de plantas utilizadas pelas comunidades e quantas são nativas da Mata Atlântica.

Fonte: BDTD – UFS.

Organização: Cristiane Neyre Almeida de Jesus, 2018.

QUADRO 02 - Estado da arte da pesquisa, em âmbito Nacional.

ANO DE DEFESA	AUTOR (A)	PROGRAMA	OBJETIVO DO ESTUDO
2018	RANIERI, G. R.	PROCAM/USP	Identificou e caracterizou o uso de plantas alimentícias em quintais, com vistas a identificar as vulnerabilidades nas quais elas e saberes a elas associados estão sujeitos.
2017	SILVIA, E. S. da	PPG-BOT DO INPA	Catalogou as plantas alimentícias convencionais e as de uso não convencional e buscou uma correlação do número de plantas citadas e suas categorias, além de verificar o consenso de uso e identificar as não convencionais.
2016	RAUBER, A. C.	PPGADR/UFSCar	Realizou um levantamento etnobotânico de plantas medicinais e PANC conhecidas e utilizadas pelas famílias agricultoras camponesas pertencentes ao núcleo regional.
2016	CHAVES, M. S.	PROGRAMA EM AGROECOLOGIA/UFV	Investigou o conhecimento das tradições culturais e a importância das plantas alimentícias não convencionais utilizadas em comunidades ribeirinhas na Amazônia.
2015	LIPORACCI, H. S. N.	PPGFAP/UFSC	Compilou as espécies conhecidas e utilizadas para fins medicinais e alimentícios citadas em trabalhos de etnobotânica realizados em território de Mata Atlântica e Caatinga no Brasil.
2007	KINUPP, V. F.	PROGRAMA EM FITOTECNIA/UFRGS	Realizou um levantamento das espécies nativas na RMPA potencialmente alimentícias, estabelecendo a riqueza percentual da flora com potencial alimento e suas formas de uso.

Fonte: BDTD – Nacional.

Organização: Cristiane Neyre Almeida de Jesus, 2018.

Diante dos resultados presentes nos quadros 01 e 02, esta pesquisa revela-se inédita, por não ter sido encontrado nenhum estudo com a mesma abordagem no recorte espacial. Pode-se observar que nos estudos apresentados no quadro 02, foi abordada a relação socioambiental, o levantamento etnobotânico, a identificação de espécies de plantas alimentícias convencionais e não convencionais, entretanto, com abordagens diferentes.

Diferentemente dos trabalhos já desenvolvidos, esta pesquisa visou apresentar a diversidade e importância das Plantas Alimentícias Não Convencionais para as comunidades do recorte espacial da pesquisa. Unindo pensamentos interdisciplinares, proporciona-se um melhor conhecimento em prol da diversidade e da utilização das espécies de forma sustentável.

Este estudo está compartimentado em quatro capítulos, onde, no primeiro, tem-se uma breve discussão dos principais conceitos que permeiam a pesquisa e os caminhos teóricos escolhidos, além de suas definições. Os saberes e as plantas no viés dos estudos etnobotânicos, a perspectiva da importância das Plantas Alimentícias Não Convencionais e a relação da segurança alimentar com as PANC.

No segundo capítulo, definiram-se o recorte da pesquisa, materiais e métodos utilizados, contextualizando e explorando as características e peculiaridades da área estudada. Na exposição da metodologia, abordou-se tanto aspectos associados à realização das entrevistas, quanto das oficinas realizadas com as comunidades e o detalhamento dos objetivos.

No terceiro capítulo, apresentou-se o levantamento realizado das espécies de Plantas Alimentícias Não Convencionais na Unidade de Conservação Reserva de Vida Silvestre Mata do Junco e nas comunidades do seu entorno, além dos principais usos pelas comunidades estudadas.

No quarto capítulo, foram apresentados os resultados da pesquisa de campo nas comunidades: Agrovila Santo Antônio e Povoados: Terra Dura, Miranda, Boa Vista, Lagoa Seca e Estreito, além dos desafios e possibilidades de uso das PANC.

Além desses quatro capítulos, tem-se a introdução do estudo, as considerações finais, referências, apêndices e anexos.

CAPÍTULO 1 -

A IMPORTÂNCIA DE ESTUDOS ETNOBOTÂNICOS ACERCA DAS PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS

Este capítulo está organizado em três tópicos que se correlacionam, no tocante a compreensão da temática da pesquisa escolhida. O referencial teórico apresentado é reflexo da revisão realizada, que pretendeu alinhar os conteúdos abordados no desenvolver da pesquisa.

A literatura e os argumentos apresentados visam trazer aspectos conectados com o levantamento das espécies de Plantas Alimentícias Não Convencionais e a relação com as comunidades do entorno do recorte espacial.

Nesse contexto, o primeiro tópico procurou contextualizar a importância dos estudos etnobotânicos, trazendo conceitos de etnobotânica e sua relação com o ser humano; no segundo tópico, foram descritas as Plantas Alimentícias Não Convencionais - PANC e a importância de sua divulgação como alimentação alternativa e sustentável; já no terceiro tópico, construiu-se a relação das PANC com a segurança alimentar.

1.1. Evolução do conceito de etnobotânica e a sua importância

O termo etnobotânica foi formalmente designado em 1895 pelo americano J. W. Harshberger e inicialmente entendido como o uso de plantas por aborígenes. Durante muito tempo, por força da influência inicial desta definição, foi entendida somente com base neste conceito. A partir de meados do século XX, a etnobotânica passou a ser compreendida como o estudo das inter-relações entre povos primitivos e plantas. Porém, o entendimento atual expandiu a definição do termo, estendendo o seu campo tanto para o estudo das populações tradicionais quanto das sociedades industriais, em uma inter-relação entre populações humanas e ambiente botânico. Com essa ampliação e a colaboração da antropologia cultural, bem como de outras ciências relacionadas (Fitoquímica, Ecologia, Economia e Linguística), ocorreu ainda, uma maior diversificação de objetivos e métodos obtidos a partir destes estudos (ALBUQUERQUE, 2002).

Sempre houve ao longo da História, a necessidade de se estudar o conhecimento e o uso das plantas por grupos humanos de diferentes culturas, de modo a resgatar informações essenciais à descoberta de substâncias biologicamente ativas, as quais pudessem ser utilizadas na produção de medicamento ou como alimento. Assim, o conceito atual da Etnobotânica, é que representa a área da pesquisa destinada à investigação das relações entre povos e plantas, ressaltando-se o estudo da relação do homem com as plantas envolvendo vegetais utilizados na medicina popular (MACIEL *et al.*, 2002).

A Etnobotânica pode ser definida como o estudo da relação existente entre o homem e as plantas e o modo como essas plantas são usadas como recursos. Atualmente, a Etnobotânica tenta se comprometer com o mundo em desenvolvimento, adotando uma posição estratégica com seu foco integrativo (ALCORN, 1995). Sendo assim, esse estudo inclui as formas de percepção e apropriação dos recursos vegetais, sempre buscando agregar as plantas e a cultura humana.

Para Fonseca-Kruel e Peixoto (2004), a etnobotânica compreende o estudo das sociedades humanas, passadas e presentes, e suas interações ecológicas, genéticas, evolutivas, simbólicas e culturais com as plantas.

A ciência que investiga também os conhecimentos pertencentes às informações em relação a população e às plantas é chamada de Etnobotânica. Muitos estudos etnobotânicos indicam a importância do conhecimento tradicional associado às PANC utilizadas por comunidades tradicionais (VÁSQUEZ, 2014).

A Etnobotânica resgata conhecimentos tradicionais para os mais diversos usos dos vegetais, ajudando a contribuir com um processo de desenvolvimento econômico. O estudo da Etnobotânica estaria voltado para entender quais plantas são mais utilizadas em determinada região, como utilizá-las e a indicação no combate e/ou prevenção de patologias.

A utilização de muitas espécies tem ajudado no progresso e sustento de grande número de povos em todo o mundo, satisfazendo principalmente as necessidades de alimento, forragem e remédios (VITTO; PETENATTI, 2009).

De acordo com Ming (2009),

“Nos dias de hoje, a Etnobotânica no Brasil apresenta algumas características e potencialidades. Dentro da grande gama de abordagens possíveis nos trabalhos etnobotânicos, uma que adquire características de trabalho inicial, importante também, é a abordagem utilitarista, que tem como principal resultado, o conhecimento das espécies utilizadas pelas pessoas das comunidades trabalhadas. Isso permitiu e permite que outras pessoas possam fazer uso de espécies que anteriormente não utilizavam, aumentando o leque de espécies úteis para os mais variados fins, como alimento, medicamentos, fibras, corantes, artesanato, construção, utensílios, etc. Como detentor da mega diversidade, o Brasil não pode se dar ao luxo de desconhecer essas espécies, com risco de perdê-las, diante do desenfreado processo de devastação das florestas e outros biomas” (MING, 2009, p. 2).

Portanto, é preciso realizar ações, que de alguma forma, possam mostrar para as comunidades a importância de conservar a biodiversidade. De acordo com Lopes (2017), o

conhecimento das culturas locais fornece elementos para conservação dos recursos e estes saberes têm despertado o interesse na busca da biodiversidade para fins farmacêuticos, biotecnológicos e conservacionistas.

Dentre as inúmeras contribuições do conhecimento popular, o uso de plantas medicinais constitui uma forma de tratamento, com origens muito antigas, relacionada aos primórdios da medicina e fundamentada no acúmulo de informações por sucessivas gerações (BRASIL, 2015).

Sendo uma área da ciência relativamente recente, a Etnobotânica ainda se encontra com um corpo teórico em desenvolvimento. Ela se faz necessária em países como o Brasil, com uma grande biodiversidade, que necessitam de uma legislação que proteja seu conhecimento tradicional e patrimônio genético, permitindo o desenvolvimento da pesquisa científica, além de facilitar o acesso do pesquisador às comunidades tradicionais, detentoras do conhecimento popular (OLIVEIRA *et al.*, 2009).

A importância das pesquisas etnobotânicas dar-se-á por ser um instrumento a compreender e registrar dados acerca do conhecimento popular do uso das plantas. Além disso, o conhecimento popular fornece informações essenciais para novas descobertas científicas e pesquisas etnobotânicas direcionadas para plantas medicinais podem proporcionar, entre outros, novos conhecimentos sobre as propriedades terapêuticas das plantas, reduzindo os esforços de bioprospecção (ALBUQUERQUE, 2010).

Nesse contexto, fica evidenciado que a troca de informações entre as práticas populares e a teoria possibilita obter resultados sobre os benefícios das plantas para a medicina alternativa. Os estudos etnobotânicos servem como auxílio para identificar e propor práticas apropriadas ao manejo da vegetação. Entretanto, a valorização e a vivência das comunidades locais podem nortear estudos acerca do uso adequado da biodiversidade, incentivando, além do levantamento das espécies, contribuir para sua conservação (FONSECA-KRUEL; PEIXOTO, 2004).

No contexto da investigação etnobotânica é de fundamental importância que exista a troca de saberes para se obter registros dos costumes, conceitos locais, a forma como a comunidade utiliza os recursos naturais, o dia-a-dia das comunidades e sua cultura.

Conforme Costa (2015), existe uma gama de trabalhos com foco na investigação das plantas utilizadas por populações e que os objetivos se diversificam e favorecem o enriquecimento e especificidade das pesquisas em cada local.

A abordagem etnobotânica, entre outros aspectos, permite investigar e analisar o uso das plantas com finalidades terapêuticas de determinado grupo populacional, bem como entender a história e a relação do homem com essas plantas (ALBUQUERQUE, 2005; ALBUQUERQUE; HANAZAKI, 2006). Da mesma maneira, é importante observar que a investigação etnobotânica também contribui para o desenvolvimento de novas formas de exploração dos ecossistemas, proporcionando recursos que promovam o uso e manejo sustentáveis se contrapondo às formas de devastação atual (ALBUQUERQUE, 1999).

Além do conhecimento etnobotânico contribuir para o conhecimento científico das espécies vegetais, seu estudo deve ter como foco, também, a reversão do conhecimento fornecido pelos informantes para sua própria comunidade. Desta forma, a etnobotânica não deve ser usada apenas como ferramenta para resgatar os conhecimentos tradicionais, mas também é importante no resgate dos próprios valores das culturas que entram em contato entre si (PRACE, 1987; DELWING *et al.*, 2007).

Com a crescente relação intrínseca do homem com a natureza, percebe-se a necessidade de pesquisas que estudem a importância do conhecimento popular e sua interação e como estes percebem o meio a sua volta.

Percebe-se com base no exposto, que se torna necessário valorizar e propagar o conhecimento popular a fim de minimizar o desperdício alimentar e atenuar a pobreza e a fome. Tal medida pode ser alcançada através da mudança de hábitos alimentares. Contudo, a maioria da população ainda resiste em experimentar e comercializar as Plantas Alimentícias Não Convencionais por questões culturais.

A utilização dos recursos naturais pelas comunidades, desde a antiguidade, revela uma associação entre o conhecimento empírico e o conhecimento científico. Ambos importantes para o desenvolvimento das pesquisas, pois, os membros das comunidades são detentores do conhecimento vivenciado na prática e os pesquisadores buscam por meio da ciência comprovar fatos e informações (DROESCHER; SILVA, 2014).

As comunidades tradicionais, em função da forte influência do meio natural, apresentam modos de vida e cultura diferenciadas. Seus hábitos estão diretamente submetidos

aos ciclos naturais e a forma como apreendem a realidade e a natureza é baseada não só em experiência e racionalidade, mas em valores, símbolos, crenças e mitos (MONTELES; PINHEIRO, 2007). Sendo assim, tais comunidades tornam-se o principal objeto de estudo da Etnobotânica. Esse entendimento demonstra que cada vez mais, há o interesse pela utilização e conhecimento das PANC como alimentos e medicamentos alternativos.

De acordo com Borges e Peixoto (2009), comunidades tradicionais, cuja existência baseia-se em sistemas sustentáveis de exploração dos recursos naturais, desenvolvidos ao longo de gerações e adaptados às condições ecológicas locais, desempenham um papel fundamental na proteção da natureza e a manutenção da diversidade biológica.

Dessa forma, o saber popular é tido como um conjunto de saberes intuitivos que foram acumulados no alicerce da sabedoria para a vida. Já o saber científico tem o intuito de comprovar e socializar os resultados obtidos para as diversas camadas da população.

Com isso, é certo que, apesar de pontos de vista diferentes, a convergência entre a experiência da prática vivenciada e a ciência aplicada através de pesquisas realizadas, permite a obtenção de resultados reais.

Conforme Costa (2015),

“A categorização das espécies vegetais por intermédio do conhecimento popular (etnocatégoria) possibilita a identificação da diversificação de usos da flora regional, que varia conforme o conhecimento e a necessidade local. Essa averiguação permite o aumento da aplicabilidade dessas espécies às demais pessoas” (COSTA, 2015, p. 27-28).

Portanto, existe a necessidade de construir conhecimentos que dialoguem com diferentes saberes e ciências. De acordo com Rauber (2016), a etnobotânica é uma ciência multi, inter e transdisciplinar, que interage com várias áreas da ciência como a Botânica, a Antropologia, a Farmacologia, a Medicina, entre outras, e realiza o diálogo entre os conhecimentos tradicionais e científicos.

A etnobotânica pode servir como auxílio na identificação de práticas adequadas ao manejo da vegetação. Além do mais, a valorização e a vivência das sociedades humanas locais podem embasar estudos sobre o uso adequado da biodiversidade, incentivando, não apenas o levantamento das espécies, como contribuindo para sua conservação (FONSECA-KRUEL; PEIXOTO, 2004).

O homem ainda não perdeu sua estreita relação com os vegetais, observando os fenômenos da natureza e utilizando-os para o seu próprio interesse. O uso dos recursos naturais é uma prática milenar, da qual o homem é o protagonista, ultrapassando todos os obstáculos do processo evolutivo e chegando até os dias atuais, sendo aplicada a toda população mundial (MOREIRA *et al.*, 2002)

As populações locais, em geral, possuem uma proximidade muito grande com o meio à sua volta. Isto ocorre, dentre outros motivos, pela necessidade de explorar o meio, recursos que serão utilizados para as mais variadas finalidades. Essas populações possuem geralmente um alto conhecimento sobre o ambiente (AMOROZO, 2002).

O bem-estar pessoal e coletivo depende dos conhecimentos que se tem sobre recursos de origem vegetal e dos usos que se fazem desses recursos (HAVERROTH, 2013).

O contato com a sociedade capitalista está conduzindo as populações locais a perderem seu referencial cultural inicial e, como consequência, antigas práticas de manejo estão se perdendo ou estão entrando em esquecimento. Este contato também tem levado à exploração abusiva dos recursos naturais devido ao aumento da população e/ou da entrada destas na economia de mercado (AMOROZO, 2002).

Com o passar dos anos, o avanço das ciências da saúde e o aumento de ações antrópicas nos ambientes naturais, fez com que a medicina popular sofresse uma diminuição de seu uso por parte da sociedade. A evidente descaracterização das comunidades tradicionais, acompanhada da destruição de habitats e da inserção de novos elementos culturais, põe em risco um grande acervo de conhecimentos empíricos e um patrimônio genético de valor inestimável para as futuras gerações (PIRES *et al.*, 2009).

Albuquerque e Andrade (2002) citam que uma vez perdido, o conhecimento advindo da cultura popular se torna irrecuperável. Ciência e Saber Local são fontes de conhecimento, no entanto trazem destaques e pontos de vista distintos. A ciência apresenta uma visão global do conhecimento e o saber local uma visão particular. O trabalho em conjunto destas diferentes visões tem alcançado resultados mais férteis do que quando realizados em separado. Sendo assim é de extrema importância no que se refere à complexa problemática do uso e conservação dos recursos biológicos (AMOROZO, 2002).

As populações locais possuem o conhecimento popular, além da vivência diária com o meio à sua volta. Convém ressaltar, que esse conhecimento tem sido repassado de geração em geração, ou seja, herdado dos mais velhos (a chamada sabedoria popular).

A ciência transdisciplinar propõe um olhar cruzado, interligado por uma rede com todas as áreas de conhecimento, utilizando várias ferramentas a fim de construir pesquisas transdisciplinares com a finalidade de aproximar os diversos saberes.

Após a revisão bibliográfica realizada e os esclarecimentos acerca dos estudos etnobotânicos, tem-se o seguinte tópico que aborda o conceito das Plantas Alimentícias Não Convencionais- PANC.

1.2. Plantas Alimentícias Não Convencionais - PANC

A presente pesquisa possui embasamento teórico pautado em autores que tratam de assuntos voltados as Plantas Alimentícias Não Convencionais, cujas abordagens teóricas, alicerçam este estudo. Analisando as informações, procura-se demonstrar a importância e a diversidade das PANC existentes na natureza. De acordo com Kinupp e Lorenzi (2014):

O potencial de aproveitamento da biodiversidade depende da disponibilidade de matéria-prima (de produção: cultivo, manejo ou extrativismo), da tecnologia de processamento (criação de derivados e processados) e do mercado o qual, se houver os dois anteriores, ou pelo menos o primeiro, é possível ser criado e fortalecido, se bem conduzido por profissionais da área (KINUPP; LORENZI, 2014, p. 17).

No Brasil, a discussão sobre as Plantas Alimentícias Não Convencionais teve início, por volta dos anos 1950, quando as primeiras obras na literatura começaram a abordar esse tema. Entretanto, mesmo após tantos anos, seus estudos não evoluíram como se esperava. Hoje em dia, ainda são escassos os trabalhos científicos sobre as Plantas Alimentícias Não Convencionais, assim como ressaltam Kinupp e Lorenzi (2014).

A busca pela qualidade dos alimentos reflete, além do seu valor nutricional, as preocupações com processos de produção e conservação de alimentos que priorizam tudo que for natural. Fato este estimulado pela consciência ecológica, refletindo em indicadores de mercado, com o acesso de produtos naturais e orgânicos (PROENÇA, 2010).

De acordo com Kinupp (2007), as PANC são plantas silvestres, espontâneas (surgem em plantação ou jardim), de fácil crescimento, cultivadas ou exóticas, que não necessitam de

cuidados especiais, que possuem partes comestíveis e podem ser utilizadas na alimentação humana.

Diante desse entendimento, é possível afirmar que, na maioria das vezes, as PANC se desenvolvem facilmente em qualquer lugar, não necessitando de grandes espaços e cuidados.

Entende-se que essa discussão é necessária com vistas a divulgar os estudos sobre Plantas Alimentícias Não Convencionais, os quais tem o intuito de entender os padrões de conhecimento e o uso dessas espécies de plantas pelas comunidades tradicionais, pois a alimentação com qualidade é essencial para a vida.

Os alimentos selvagens/silvestres, ou seja, as PANC, fazem parte da alimentação dos europeus há muitos anos, além de terem representado uma parcela significativa na alimentação em épocas de escassez no passado. Na Itália, muitos pratos tradicionais apresentam, na sua composição, plantas silvestres (GUERRERA; SAVO, 2013).

Sendo assim, torna-se evidente que a utilização das PANC como medicamento ou alimento alternativo, depende de fatores que precisam estar devidamente monitorados por profissionais capacitados.

O conjunto de práticas desenvolvidas pelas populações humanas, que favorece a sobrevivência de indivíduos de espécies vegetais com características desejáveis, dentro de populações de espécies úteis, recebe a denominação de manejo (GONZÁLEZ-INSUASTI; CABALLERO, 2007), prática essa que conduz à domesticação das espécies.

Para Fuhr (2016, p. 20) “a procura de produtos de origem orgânica atualmente é mais expressiva, com isso, as pessoas tendem a ter uma dieta mais rica em nutrientes, e a tendência que seja mais balanceada [...]”. Dessa forma, fica evidente que as PANC podem servir de alimentação alternativa para diminuir a desnutrição.

Entretanto, conforme Luadan (2011), há um tempo, o uso dessas plantas era algo normal e, além disso, era algo do cotidiano, pois, os conhecimentos empíricos eram passados de geração em geração.

Sendo assim, é possível afirmar que no passado o uso de Plantas Alimentícias Não Convencionais como remédio ou alimento era realizado de acordo com os conhecimentos dos mais idosos.

No trabalho realizado por Pardo-de-Santayana e colaboradores (2007), aponta-se que os usos de plantas espontâneas dependem muito mais de fatores socioculturais do que de fatores biológicos. O tempo livre para cuidar dos quintais, as trocas de conhecimento dentro das comunidades, valores culturais e preferências são razões para o consumo de determinada planta ou outra.

Vale ressaltar, segundo Vogl-Lukasser *et al.* (2010), que o afeto as gerações passadas trazem um senso de pertencimento no que se refere ao uso de certas espécies:

“Outro aspecto a considerar é que muitas espécies bem-vindas ou toleradas servem a propósitos específicos para a pessoa ou família, indo além do potencial econômico das plantas. Algumas espécies espontâneas são mantidas no jardim porque foram distribuídas a partir da geração anterior. Plantas admitidas que são transmitidas para outras gerações, como a cebolinha, indicam um apego emocional ou um sentimento de herança para o agricultor, um significado que vai além do potencial econômico da planta. Em outras palavras, as cebolinhas cultivadas pela mãe ou a avó mostram melhor na sopa, não só porque elas podem ser uma variedade melhor adaptada, mas também porque fazem com que “se sinta uma conexão com as gerações anteriores” (VOGL-LUKASSER *et al.*, 2010, p. 12).

O consumo de plantas espontâneas por comunidades rurais mais isoladas foi verificado em Galluzi e Negri (2010), focando na recorrência de consumo de plantas espontâneas comestíveis, categorizadas dentro do que aqui foi denominado de plantas alimentícias não convencionais. Em sintonia com os resultados obtidos, os autores relatam que populações rurais mais isoladas tendem a consumir mais esses recursos. Os relatos abrangem uma grande quantidade de plantas cujo aprendizado de consumo se deu “na roça” em época de maior afastamento do urbano, sendo algumas delas consumidas atualmente, outras identificadas, porém não consumidas. Plantas cultivadas por comunidades, segundo os autores, são parte relevante do conhecimento ecológico desenvolvido pelas comunidades que possuem contato direto com o campo, em geral, um conhecimento transmitido entre as gerações.

De acordo com Kinupp e Lorenzi (2014), “essas plantas possuem um enorme potencial para complementar a alimentação das pessoas, diversificar cardápios, e nutrientes consumidos a até mesmo como fontes de renda, como a venda das partes das plantas ou de produtos [...]”. Algumas espécies, além de alimentícias, poderão ser utilizadas e comercializadas como plantas medicinais pelo potencial enquanto medicação.

O uso de plantas medicinais pelas populações no Brasil foi sempre expressivo para o tratamento de algumas enfermidades, sendo assim, Di Stasi (2007) defende que:

“Nesse contexto, há necessidade de estudos etnobotânicos em comunidades rurais visando catalogar as espécies vegetais utilizadas na medicina popular, resgatando o conhecimento e a relação que estas populações possuem com as plantas, o que pode contribuir para a conservação do Cerrado e seu uso sustentável” (DI STASI, 2007, p. 89).

Convém frisar, que a divulgação e a promoção de eventos junto as comunidades, referente a importância das PANC, poderá despertar o interesse pela conservação do meio ambiente, evitando, inclusive, desperdício de alimentos.

Existe um grande desperdício de alimentos convencionais por parte das comunidades no geral, que não utilizam ou subutilizam as espécies que tem um rico potencial alimentar. A conservação da diversidade de espécies vegetais comestíveis é a chave para o abastecimento de alimentos, especialmente, para populações mais pobres e com menos terra (PRESCOTT-ALLEN; PRESCOTT-ALLEN, 1990).

O desconhecimento sobre a utilidade e a forma de uso das Plantas Alimentícias Não Convencionais, associados às tendências “modernas” resultou no uso reduzido de muitas plantas que faziam parte do cotidiano alimentar dos moradores de zonas rurais e periferias urbanas, principalmente. Hoje, com a agricultura moderna, as Plantas Alimentícias Não Convencionais foram deixadas de lado pelas pessoas, muito pelo desconhecimento das propriedades alimentares dessas plantas que são superiores quanto a quantidade de proteínas, carboidratos, vitaminas e minerais (PLEAPO, 2016).

As graves ocorrências de desnutrição e fome no sertão sergipano são decorrentes de falta de recursos e muitas vezes maus hábitos alimentares, além do difícil acesso ao alimento. A fome pode ser causada por catástrofes ambientais diversas, guerras, crises econômicas e problemas políticos, como a má distribuição de renda. Arelado a isso, existe o desperdício de alimentos produzidos, às vezes, por falta de conhecimento ou pelo simples fato de não dar importância ao reaproveitamento (KINUPP; LORENZI, 2014). Portanto, de acordo com os autores citados, as plantas alimentícias não conhecidas pela maioria das pessoas e as partes não usuais de plantas conhecidas, podem ser classificadas como PANC.

Por isso, Borges (2017) afirma que:

“Na realidade há uma gama de fatores que permeiam esse desconhecimento, e consequentemente o desuso das espécies, entendemos que, isso se dá principalmente

em nossos lares, pois a partir do momento em que começamos a entender como se dá o uso dessas espécies, para que sevem e como podem ser utilizadas, e não o fazemos, acabamos de certa forma reproduzindo essa desvalorização e desuso desses recursos com amplo potencial” (BORGES, 2017, p. 28).

As Plantas Alimentícias Não Convencionais, estão inseridas no contexto de promoção de dietas saudáveis e ricas em biodiversidade, pois, segundo Monteiro (2014), apresentam benefícios socioambientais que vão desde o combate à desnutrição às novas oportunidades de negócios e geração de renda. Vale salientar que estas plantas oportunizam a produção de alimentos nutricionalmente equilibrados e livres de agrotóxicos, a inserção de pessoas na cadeia produtiva, a utilização racional dos recursos naturais, a redução de áreas impermeabilizadas, a ampliação da diversidade nas propriedades rurais, a movimentação cultural em torno das trocas de sementes com o compartilhamento de experiências e conhecimentos, bem como o impulso à atividade econômica na abertura de novos nichos de mercado relacionados à gastronomia (MONTEIRO, 2014).

Segundo Borges e Silva (2018), para que as PANC possam ser utilizadas, consumidas e conhecidas, elas precisam ser divulgadas. Os autores frisam que o conhecimento se origina de pesquisas científicas, porém deve ser repassado de forma clara e fácil para toda a população. Logo, não basta conhecer as espécies de plantas na teoria, se na prática não procurar utilizá-las e propagar seus benefícios para outras pessoas.

Atualmente, alguns estudos têm abordado o levantamento, caracterização, divulgação e inserção na dieta alimentar humana, conforme apresentado a seguir.

Um trabalho foi realizado no Parque Florestal de Monsanto, em Lisboa, que visava realizar o levantamento e caracterização de diferentes espécies de Plantas Alimentícias Não Convencionais com o intuito de introduzi-las na dieta alimentar humana, ampliar e diversificar a alimentação. De acordo com o autor:

“Para melhor compreensão dos objetivos propostos e a riqueza das plantas alimentícias não convencionais, foi realizado o estudo detalhado. [...] e com o intuito de propagar o levantamento e caracterização das plantas alimentícias não convencionais do Parque Florestal de Monsanto, promovendo o equilíbrio ecológico e diversidade ao prato, o presente estudo demonstrou como é possível obter biodiversidade alimentar. Para, além disso, salienta-se a necessidade da propagação de uma dieta alimentar no qual essas plantas possam ser incluídas” (DUARTE, 2017, p. 89).

Borges (2017) verificou a ocorrência da divulgação das espécies de Plantas Alimentícias Não Convencionais na cidade de Manaus.

“O objetivo desse trabalho foi verificar se há a ocorrência da divulgação científica das espécies de plantas alimentícias não convencionais encontradas na cidade de Manaus. [...] o presente trabalho visou evidenciar a ocorrência da divulgação das espécies de PANC, assim bem como salientar as possíveis formas de divulgação, que podem contribuir nessa divulgação” (BORGES, 2017, p. 73).

Ranieri (2018) tratou de uma pesquisa que teve o objetivo de caracterizar o uso de plantas alimentícias nesses quintais, com vistas a identificar as vulnerabilidades nas quais plantas e saberes a elas associados estão sujeitos.

“Os objetivos foram alcançados, de forma que obtivemos um inventário, apontando quais espécies tem o uso restrito a poucos moradores, saberes que estão em risco de desaparecimento, assim como aquelas plantas com potencial de uso que são negligenciadas ou subutilizadas” (RANIERI, 2018, p. 142).

Chaves (2016) abordou, em sua dissertação, o conhecimento e das tradições culturais das Plantas Alimentícias Não Convencionais em comunidades ribeirinhas da Amazônia.

“A pesquisa permitiu verificar que as comunidades ribeirinhas do baixo Tapajós, ainda possuem conhecimento e plantas alimentícias não convencionais e ainda utilizam em sua alimentação, principalmente os frutos *in natura*. O cultivo e a coleta em ambientes como capoeiras, fragmentos florestais e quintais são as principais formas de obtenção das PANC” (CHAVES, 2016, p. 42).

Na pesquisa de Dutra (2013), o autor assegura que a substituição dos recursos alimentares tradicionais por produtos semi-processados e industrializados constitui graves fatores de ameaça à soberania alimentar de famílias da zona rural, uma vez que resulta em maior dependência de alimentos externos com alto custo financeiro.

Segundo Kellen (2015) a alimentação mundial atual depende de um grande monopólio financeiro, em que os donos de grandes latifúndios produzem em enormes monoculturas em elevadas escalas, necessitando de diversos agrotóxicos para sua manutenção, são cultivadas pequenas variedades de plantas, restringindo assim a alimentação da população, sem observar sequer as verdadeiras necessidades nutricionais e de saúde. O estudo sobre as plantas alimentícias convencionais ou não convencionais concebem benefícios na alimentação, na conservação do bioma natural, preservação da tradição e cultura regional e da geração de renda a pequenos agricultores.

Desta forma, torna-se evidente que a exagerada utilização de produtos industrializados leva ao consumo de alimentos que a curto ou longo prazo, trazem malefícios irreparáveis à saúde humana.

O acesso a alimentação de qualidade é direito de todos. A soberania alimentar é o direito real ao alimento e a produção deste, o que significa que todos têm direito a alimento saudável, seguro e nutritivo, levando em consideração sua cultura e a possibilidade de sustentar-se (DUARTE, 2017).

Deste modo, a escolha de uma alimentação saudável é influenciada geralmente pela cultura e forma de sustento de cada indivíduo. Contudo, é necessária a construção de um paradigma alimentar, baseado no direito à biodiversidade e ao acesso aos recursos, para criar subsídios para enfrentar a problemática alimentar (SOGLIO; KUBO, 2009).

Diante desse contexto, Kinupp e Lorenzi (2014) explicitam que:

“Precisamos rever nossa bioparanoia, afinal comemos a biodiversidade alheia e precisamos, como política de Estado, fomentar a pesquisa e até subsidiar, inicialmente, cultivos e manejos de PANC nativas e criar as condições para comercialização e inserção destas espécies no mercado, inclusive na merenda escolar (isto é já uma grande forma de ensino, pois as crianças já cresceriam conhecendo e educando seu paladar para frutas, verduras e legumes diferenciados, e isto é o que chamamos de merenda e refeitório/cantinas pedagógicos)” (KINUPP; LORENZI, 2014, p. 19).

Também merece destaque as plantas ruderais ou silvestres, também chamadas de daninhas, que são aquelas que se desenvolvem em qualquer lugar e se adaptam com facilidade às condições criadas pelo homem, sem nenhuma exigência para germinar. Calcula-se que 90% das plantas alimentícias não convencionais são comestíveis, e possuem um alto índice de proteínas em sua composição e geralmente são encontradas em solo férteis (GROSSL, 2016).

Vale ressaltar que as plantas chamadas “daninhas” ruderais ou silvestres, podem ser fonte de alimentação em comunidades rurais ou urbanas. Segundo Dam (1984) é necessária uma forte campanha educativa para mudar os hábitos alimentares, possibilitando o aproveitamento de recurso mais nutritivo e que podem ser obtidos de plantas locais.

Daí a necessidade de fomentar os estudos etnobotânicos em Sergipe, com vistas a resgatar o conhecimento popular acerca das origens e a valorização das espécies locais para estimular o cultivo e consumo como alimento alternativo. De acordo com Valdely Ferreira

Kinupp (2007), existem poucos estudos sobre como se deve cultivar e consumir as plantas tradicionais, sendo esse assunto uma lacuna para novas e inovadoras pesquisas.

Diante desse contexto, Kinupp (2007) ressalta que:

“Outro aspecto é que não existem informações básicas detalhadas sobre a disponibilidade de recursos alimentícios nativos, seu rendimento e produtividade, qualidade, modos de preparo e utilização, bem como de sua importância para as economias (rural e urbana locais) e, menos ainda, os valores potenciais destes recursos genéticos para economia nacional” (KINUPP, 2007, p. 9).

Esse entendimento reforça a ideia de que é preciso elaborar estudos que permitam obter dados precisos referente a questões específicas relativas as PANC.

Outro motivo apresentado por Kinupp (2009) acerca do que pode afetar o amplo uso das espécies de Plantas Alimentícias Não Convencionais é que:

“No que se refere às hortaliças nativas a pesquisa, o cultivo, o uso e a valorização parece ser ainda menor. As frutas têm o chamariz da cor, da doçura e da suculência, já as hortaliças em geral são tratadas como “mato”, “coisas verdes” aguadas e sem sabores característicos. As nativas, as quais são tratadas aqui como hortaliças regionais ou genericamente como não convencionais, inegavelmente são “matos” enquanto não cultivadas e utilizadas com regularidade. Mas, este enquadramento pode ser transitório. Algumas espécies hoje tidas como culturas agrônômicas foram tratadas como inços ou “daninhas” até muito recente e outras, outrora muito utilizadas, caíram em desuso” (KINUPP, 2009, p. 2).

Sendo assim, de acordo com Machado *et al.* (2015), essas plantas, por serem espontâneas e brotarem com facilidade nos quintais e em terrenos, caso estudadas e catalogadas, podem contribuir para enriquecer o cardápio das famílias.

“As hortaliças não-convencionais são aquelas com distribuição limitada, restrita a determinadas localidades ou regiões, exercendo grande influência na alimentação e na cultura de populações tradicionais. Além disso, são espécies que não estão organizadas enquanto cadeia produtiva propriamente dita, diferentemente das hortaliças convencionais (batata, tomate, repolho, alface, etc...) não despertando o interesse comercial por parte das empresas de sementes, fertilizantes ou agroquímicos” (BRASIL, 2013, p. 10).

Desta forma, a inserção das PANC na alimentação, favorece a diversidade alimentar. Porém, o desafio é o levantamento e orientações sobre reconhecimento botânico e uso culinário das Plantas Alimentícias Não Convencionais (KELLEN *et al.*, 2015).

Oliveira e Ranieri (2017), buscando entender como o uso do termo PANC estava sendo explorado pela mídia, constataram que as principais discussões são, em geral, relacionadas à alimentação saudável e à gastronomia, sem praticamente enfoque na cultura alimentar envolvida com as plantas, e sua relevância na diversificação e soberania alimentar. Ainda que citado pelos autores nesse sentido (KINUPP, 2007; KINUPP; LORENZI, 2014), o termo pode invisibilizar culturas. Isso porque, uma vez denominada a espécie como não convencional, aqueles que convencionalmente utilizam certas plantas são negligenciados, sendo imposto, em aspectos técnicos, acadêmicos e urbanos. Nesse sentido, de acordo com Madeira *et al.* (2013), a espécie ora-pro-nóbis (*Pereskia aculeata*), por exemplo, deixa de ser não convencional, quando,

“o ora-pro-nóbis em algumas regiões de Minas Gerais, havendo inclusive o festival anual do ora-pro-nóbis em Sabará, a vinagreira no Maranhão, base do prato mais significativo da culinária maranhense – o arroz de cuchá, o jambu e a chicória-do-Pará no norte do Brasil, especialmente Amazonas e Pará, entre outros” (MADEIRA, *et al.*, 2013, p. 210).

Segundo Ranieri (2018), o uso da terminologia PANC está cercado de algumas contradições, e pode tornar-se, de certa forma, inapropriado no momento que denomina certas espécies como “não convencionais”, ou seja, indicando que não são rotineiramente consumidas. Essa característica depende do indivíduo, do seu conhecimento e uso sobre a planta.

Possivelmente, poderíamos enumerar outras plantas que têm sua utilização relacionada a hábitos e costumes tradicionais e diferentes localidades em todo o país e que está ligado a um passado cultural.

De acordo com Reyes-Garcia *et al.* (2015), sobre o uso de plantas alimentícias não cultivadas, a redução do conhecimento sobre sua utilização na alimentação, assim como o seu uso, ocorre simultaneamente com a urbanização, com a migração do campo, com a modernização dos estilos de vida e com a industrialização.

Haruyama (2004) relata três mecanismos de perda de conhecimento, quais sejam: a redução da população (que detém o conhecimento), a redução do conhecimento dessa população e a redução da transferência do conhecimento dessa população para os mais jovens. O primeiro, está associado à redução da população madura da comunidade, como a população detentora do conhecimento não foi renovada, existe uma menor quantidade de pessoas para

transmitir o conhecimento. O segundo mecanismo está relacionado ao desaparecimento do conhecimento, ou seja, as habilidades e conhecimentos não são praticadas por esses indivíduos. O terceiro mecanismo, a redução da transferência do conhecimento está ligada a redução da transferência dos saberes entre as gerações.

Ainda de acordo com o autor, o conhecimento pode se perder à medida que a geração detentora desaparece por falta de oportunidade de aprendizado.

Esse processo é expresso em uma alimentação cada vez mais homogênea, na dependência de mercados de alimentos que oferecem produtos em escala global; na industrialização, na erosão de conhecimento e no desaparecimento e negligência de várias espécies (SHIVA, 2005). Nesse contexto,

“Destacamos que a influência da globalização nas culturas e valores, portanto, nas identidades, acontece por meios de transformações aceleradas da indústria e dos padrões de consumo, alimentados pela presença aguçada do modo de produção capitalista. Isto é, os processos de globalização repercutem diretamente na sociedade, resultando em alterações, desde o curto prazo, movidas pela consolidação dos processos de “modernização”” (SIMON; ETGES; MISASI, 2015, p. 160).

Zimmermann (2009), destaca os efeitos negativos da produção agrícola mundial envolvendo desmatamento, queimadas, utilização de agrotóxicos, fertilizantes químicos e transgênicos, propiciando a destruição da biodiversidade e esgotamento dos solos e recursos hídricos.

De acordo com Carlos (2013, p. 5), a urbanização está associada também a um individualismo, ligado “à implosão das orientações socioculturais e da crise da cidade, que tende a separar e dividir os habitantes na cidade em função das formas de apropriação determinadas pela existência da propriedade do solo urbano (...) apontando para uma segregação espacial bem nítida”. Segundo a autora, “essa delimitação, bem marcada, separando a casa da rua, reduzindo o espaço público, apagando a vida nos bairros (...), torna a cidade anônima, funcional e institucionalizada, marcando os contornos de uma nova urbanidade”. Nessa nova urbanidade, pode não haver espaço para o conhecimento agrícola e para a prática do conhecimento botânico local.

Em um trabalho realizado por Salami (2009), aponta-se que, mesmo em populações rurais relativamente isoladas dos grandes centros urbanos, é possível constatar maior

dependência de compras de alimentos, perda da biodiversidade cultivada, transformações nos hábitos alimentares, do hibridismo dos cardápios e do estreitamento da base alimentar.

Este fato pode estar relacionado com vários fatores como: ciclo familiar avançado, onde as famílias são constituídas por casais idosos que diminuíram o cultivo de plantas anuais; desinteresse das gerações mais novas em cultivar plantas, o fácil acesso ao mercado que as famílias urbanas têm e as atividades não agrícolas exercidas pelos integrantes de famílias mais jovens (CULTRERA, 2008, p. 82).

A valorização dos saberes populares das comunidades é uma forma de gerar interesse e relevância pelo conhecimento, gerando protagonismo para os possuidores, em geral os idosos. Espaços de interação social poderiam ser positivos no reforço desse vínculo entre gerações, que também não garante, sozinho, a transmissão desse conhecimento.

Assim sendo, entende-se que é de fundamental importância desenvolver pesquisas que visam propagar e assim assegurar a sustentabilidade, a diversidade e conhecimento das Plantas Alimentícias Não Convencionais como alimento alternativo, além de fomentar a produção, desmistificando sua utilização e benefícios.

1.3. Segurança Alimentar e as Plantas Alimentícias Não Convencionais - PANC

A referência histórica da Segurança alimentar teve início quando a questão da produção e do abastecimento de alimentos tornou-se notória em nível mundial. Para melhorar a Segurança Alimentar, as estratégias centraram-se, principalmente, em aumentar o plantio de produtos alimentares e garantir uma maior disponibilidade de alimentos (SIMON, 2012).

A consolidação da Segurança Alimentar e Nutricional ocorreu com a Lei 11.346, Lei Orgânica da Segurança Alimentar e Nutricional (LOSAN), de 15 de setembro de 2006, onde o direito à alimentação transformou-se num direito fundamental (COLUCCI; TONIN, 2008). No ano de 2006, com a LOSAN, também é criado o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (SISAN) com o objetivo de assegurar o direito humano à alimentação adequada. Dessa forma, o tema da segurança alimentar foi, aos poucos, assumindo seu lugar diante da necessidade do equacionamento.

Em nossa alimentação, percebe-se a grande representatividade de alimentos, cuja origem remete à Europa e ao norte da África e da Ásia. Segundo Rapoport (2007), com base em listagens européias de plantas mais consumidas pelos seres humanos como alimento, quase 52% têm origem nessas regiões, com apenas 18% de espécies originárias do centro e sul da América (RAPOPORT, 2007), sendo, curiosamente, essa última, a mais rica em espécies vegetais. Nossa alimentação sofre grande influência dos processos de colonização, que nos parecem tão distantes, mas influenciaram a nossa agricultura, a nossa cozinha e os nossos rituais alimentares (MADEIRA; REIFSCHNEIDER; GIORDANO, 2008).

No que se refere ao uso da biodiversidade no incremento da segurança alimentar e nutricional, além da produção e comercialização, está o cultivo para autoconsumo, realizado especialmente dentro do contexto de pequena produção, seja ela na agricultura urbana ou periurbana, assim como em quintais (WINKLERPRINS; OLIVEIRA, 2010). Dessa forma, agricultura no urbano tem seu papel na manutenção da biodiversidade, assim como o envolvimento com atividades agrícolas dentro da cidade, representando maior oferta e diversidade de alimentos frescos disponíveis (ALTIERI *et al.*, 1999; ARMAR-KLEMESU, 2000; ZEZZA; TASCIOTTI, 2010).

O direito à alimentação abarca o direito de acesso aos recursos e meios para produzir ou adquirir alimentos seguros e saudáveis que possibilitem uma alimentação de acordo com os hábitos e práticas alimentares de sua cultura, de sua região ou de sua origem étnica (VALENTE, 2002).

O conceito de Soberania Alimentar que vem sendo amplamente usado, foi formulado pelos participantes do Fórum Mundial de Soberania Alimentar, que ocorreu em Havana (Cuba), em setembro de 2001. Após analisar as reais causas da fome no mundo e os impactos das políticas neoliberais, a declaração final do fórum afirmou que:

“A soberania alimentar é a via para erradicar a fome e a desnutrição e garantir a segurança alimentar duradoura e sustentável para todos os povos. Entendemos por soberania alimentar o direito dos povos a definir suas próprias políticas e estratégias sustentáveis de produção, distribuição e consumo de alimentos que garantam o direito a alimentação para toda população, com base na pequena e média produção, respeitando suas próprias culturas e diversidade dos modos camponeses, pesqueiros e indígenas de produção agropecuária, de comercialização e gestão dos espaços rurais, nos quais a mulher desempenha um papel fundamental” (FÓRUM MUNDIAL SOBERANIA ALIMENTAR, 2001).

No que se refere ao conceito de Segurança Alimentar está na realização do Direito Humano à Alimentação Adequada (DHAA), a partir da garantia do acesso permanente a alimentos saudáveis, capazes de promover bons níveis de saúde e nutrição da população, e que respeitem a diversidade cultural e a natureza, sem comprometer a capacidade de produção futura nem o acesso a outros direitos sociais. O conceito multidimensional construído no Brasil, com a participação da sociedade civil foi incorporado à lei que institui e regulamenta o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (SISAN) no país:

“Segurança Alimentar e Nutricional é a realização do direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras da saúde que respeitem a diversidade cultural e que sejam ambiental, cultural, econômica e socialmente sustentáveis” (BRASIL, 2006b).

Cabe destacar, ainda que sucintamente, que a Soberania Alimentar, toca a autonomia dos países e de seus povos com o direito de decidir sobre as dinâmicas de produção e consumo de seus alimentos. Já a Segurança alimentar, consiste em a população ter acesso regular e permanente a alimentos de qualidade e em quantidade suficiente, além de outras necessidades básicas.

“[...] o atual estado nutricional e alimentar da população brasileira, considerando sua relação com as desigualdades sociais, está fortemente condicionado pela forma como os alimentos têm sido produzidos e comercializados no país. Assim, alternativas para enfrentar tarefas prioritárias em relação à nutrição (obesidades, deficiências de micronutrientes, fome e subnutrição) residem, principalmente, na transformação do modelo de produção de alimentos em modelos agroecológicos, bem como na alteração dos padrões de abastecimento e acesso aos alimentos” (MALUF *et al.*, 2015, p. 2305).

De acordo com Belik (2003), o conceito de segurança alimentar leva em consideração três aspectos principais: quantidade, qualidade e regularidade no acesso aos alimentos. Vale ressaltar a questão do acesso aos alimentos, uma vez que isso difere da disponibilidade destes.

No entanto, de acordo com Marques (2010), a questão da soberania alimentar possui ambivalências e provoca imprecisões quanto à utilização do termo. O conceito contempla tantas medidas de proteção da agricultura local quanto à elaboração de estratégias favoráveis à liberalização do comércio internacional de alimentos. Ainda conforme o autor, nesta perspectiva, o livre comércio fundado no poder das multinacionais e em modelos agroexportadores, contribui para a expulsão dos agricultores de suas terras, sendo o principal obstáculo para alcançar o desenvolvimento e a Segurança Alimentar local.

Nesse contexto, Gonçalo (2006) explica que a segurança alimentar pode ser vista sob dois aspectos: quantitativo, que é a disponibilidade de alimentos para a população, e qualitativo, que são focados na qualidade dos alimentos e na preservação da saúde. Figueiroa (2004) explica que:

“Comer não representa apenas o fato de incorporar elementos nutritivos importantes para o nosso organismo, é antes de tudo um ato social, Os padrões alimentares de um grupo sustentam a identidade coletiva ao mesmo tempo em que são centrais para a identidade individual” (FIGUEIROA, 2004, p. 105).

Vale acrescentar que, conforme nos apresenta Renato Maluf (2000), o consumo de alimentos deve ser feito de forma digna, isto é, assegurando que as pessoas possam se alimentar com cidadania, utilizando alimentos tradicionais, mantendo sua cultura alimentar ancestral, sem que sejam tratadas com rações, pílulas e outras fórmulas utilizadas em programas de combate à desnutrição.

Segundo Brewer *et al.* (2004, p. 8) a insegurança alimentar significa “uma limitada ou precária disponibilidade de alimentos nutricionalmente adequados, incluindo a redução involuntária de refeições, porção de alimentos, ou desconhecer a procedência da próxima refeição”. A mensuração da insegurança alimentar abrange problemas relacionados à quantidade de alimentos para suprir as necessidades humanas, à quantidade, à salubridade da alimentação e a garantia de acesso digno a esses alimentos (FRITZ, 2009). No que se refere às Plantas Alimentícias Não Convencionais, pode-se supor que a maioria das pessoas, nos centros urbanos, não percebe a importância dessas plantas para a promoção da saúde, para a diversificação do paladar e para a segurança alimentar.

O sistema de poder corporativo, responsável pela perda da soberania alimentar, pelo empobrecimento generalizado das dietas e pela acelerada perda de agrobiodiversidade, procura se colocar diante dessa catástrofe de dimensões civilizatórias como seu principal beneficiário. Logo, a promoção das PANC pode ser vista como uma fonte de alimentação em tempo de fome, como algo acessível a todos e prontamente disponível para nutrir a população (KÖHLER; BRACK, 2016).

Bezerra (2014) verificou, em seu estudo, que as hortas exercem papéis ambientais e sociais no ambiente urbano, tanto no sentido de minimizar potencialmente os impactos causados pelo crescimento das cidades, por ser uma alternativa para conectar áreas fragmentadas ou oferecer refúgios à vida silvestre e assim apoiar a conservação da

biodiversidade, quanto no aumento do bem estar humano, devido às possibilidades de socialização, contato com a natureza, cultura local e melhoria da segurança alimentar que estes ambientes permitem às famílias urbanas.

Conforme afirma Kinupp (2007), em relação à produção para o autoconsumo, as PANC podem representar maior segurança alimentar, maior oferta perante a sazonalidade de hortaliças e maior autonomia, aproveitando vegetais que seriam desperdiçados por desconhecimento.

Dos usos da biodiversidade no incremento da segurança alimentar e nutricional, além da produção e comercialização, está o cultivo para autoconsumo, realizado especialmente dentro do contexto da pequena produção, seja ela na agricultura urbana ou periurbana, assim como em quintais (WINKLERPRINS; OLIVEIRA, 2010).

Compreender os impactos ambientais da produção mundial de alimentos e como obter maiores rendimentos com menores conflitos requer estratégias multifacetadas para assegurar a segurança alimentar nutricional sustentável e equitativa (GODFRAY *et al.*, 2010; TILMAN *et al.*, 2002, 2011). Sendo assim, as PANC podem ser oferecidas como alimentos diferenciados e nutritivos na alimentação humana, contribuindo para uma alimentação saudável.

Apesar da sua importância para a segurança alimentar e nutricional, a agrodiversidade e a geração de renda, pouco se conhece na comunidade científica sobre as melhores formas de cultivos e disseminação desse potencial das PANC. Muitas vezes, desempenham um papel vital na obtenção de alimentos, na geração de renda e nas necessidades calóricas da população em determinadas localidades, mas com pouca abrangência para toda a população (SAHA *et al.*, 2014).

Assegurar o direito humano à alimentação, de qualidade, saudável e que tenha em conta as diferenças culturais de cada população e a preservação da biodiversidade é o que respeita o conceito de segurança alimentar. Nessa perspectiva a efetivação da agricultura familiar, o suporte aos agricultores é de extrema importância para produção de alimentos saudáveis (KEPPLE, 2014).

Segundo Mapa (2013), a alimentação saudável deve contemplar como atributo básico, o consumo de ampla variedade de alimentos de todos os grupos, que forneçam os diferentes nutrientes, evitando a monotonia alimentar, que limita a disponibilidade de nutrientes necessários para atender as demandas fisiológicas e garantir uma alimentação adequada.

A busca pelo alimento de qualidade terá que ser restabelecida, com um solo arável, com ausências de agrotóxicos e emissões de gases que possam provocar alterações climáticas e perda da produtividade, ou seja, produzindo mais com menos. É nesse enquadramento que podemos utilizar novos conceitos alimentares introduzindo as plantas alimentícias não convencionais como uma alternativa de novos hábitos alimentares (ANA, 2010).

Diante do exposto, neste capítulo, observa-se a importância das Plantas Alimentícias Não Convencionais quanto ao benefício na alimentação podendo garantir a segurança alimentar e o direito da população a uma alimentação saudável, de forma digna e com cidadania, mantendo sua cultura alimentar. Nesse sentido, as PANC podem representar maior segurança alimentar e contribuir para a diversidade de alimentos.

CAPÍTULO 2 - PERCURSO METODOLÓGICO

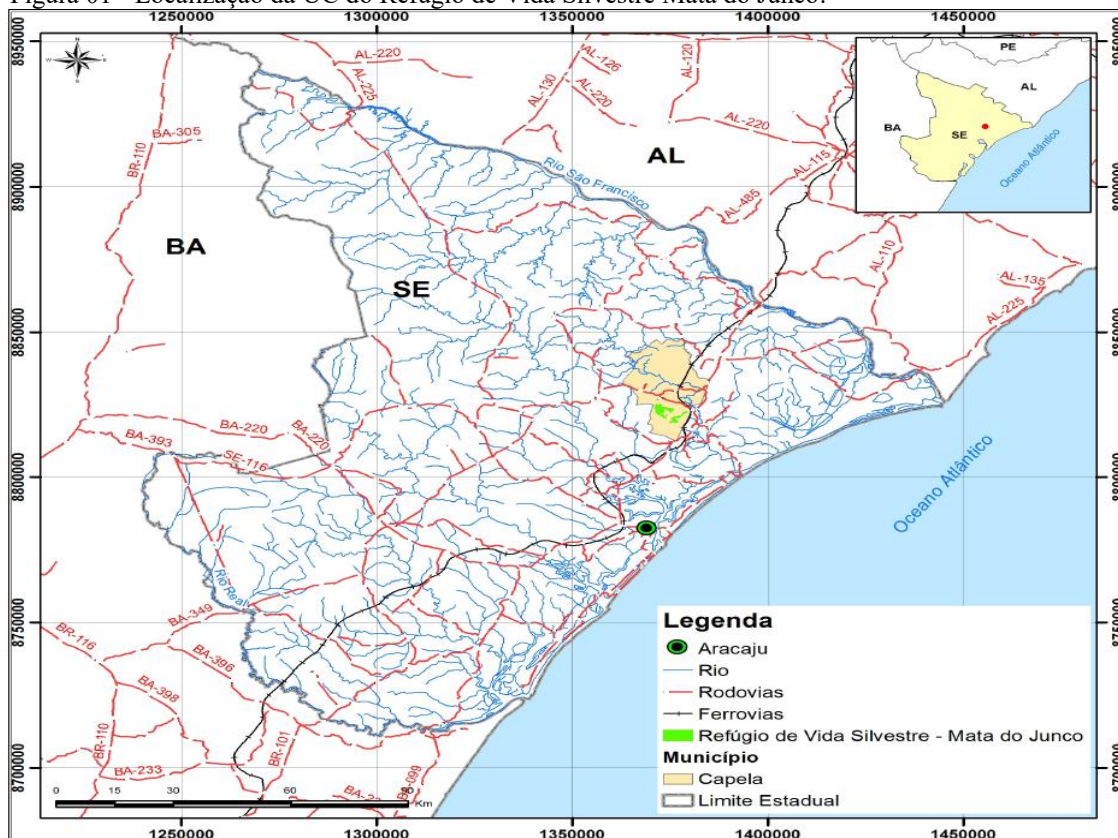
2.1. Recorte espacial da pesquisa

A pesquisa foi realizada na Unidade de Conservação do Refúgio de Vida Silvestre (RVS) Mata do Junco (Figuras 01, 02, 03 e 04) e em algumas comunidades de seu entorno, em Capela/SE, além de realizar atividades com alunos do Colégio de Aplicação – CODAP situado na Universidade Federal de Sergipe. A escolha dessa Unidade de Conservação (UC) se deu por possuir comunidades tradicionais em seu entorno e ser destaque na diversidade e produção de plantas alimentícias, além da existência de espécies ameaçadas de extinção.

O município de Capela possui uma área de 431,90 km². Situada na porção Oriental de Sergipe, no Nordeste do Brasil, entre os paralelos de 10° e 21' e 10° e 39', de latitude sul e entre os meridianos de 36° 56' e 37° 09' de longitude oeste de Greenwich e localiza-se a 120m de altitude (SEPLANTEC, 1997).

A Unidade de Conservação RVS da Mata do Junco fica localizada na porção centro oriental do Estado de Sergipe, que pertence à Mesorregião Leste Sergipana e Microrregião Sergipana do Cotinguiba, com abrangência em parte do município de Capela, localizada a 86 quilômetros de Aracaju.

Figura 01 - Localização da UC do Refúgio de Vida Silvestre Mata do Junco.



Fonte: STCP. Consultoria para elaboração do Plano de Manejo da RVS, 2010.

A Mata do Junco possui 1500 hectares, sendo que, deste total, 920 se localizam dentro do Assentamento Santa Clara, e o restante inseridos na Fazenda Junco Novo e Cutia (INCRA, 2005).

A Unidade de Conservação Refúgio de Vida Silvestre Mata do Junco foi criada através do Decreto Estadual nº 24.944, de 26 de dezembro de 2007 e possui área de 894.76 hectares. A criação da Unidade deu-se pela necessidade de preservação do macaco-guigó, espécie ameaçada de extinção. De acordo com o Art. 1º deste decreto:

“Art. 1º Fica criado o Refúgio de Vida Silvestre, no Município de Capela, com objetivo de proteger a Mata Atlântica e seus recursos naturais, em especial as nascentes do Riacho Lagartixo, garantindo condições para a existência do macaco-guigó (*Callicebus coimbrai*) e realização de pesquisas científicas, educação ambiental e ecoturismo” (Decreto Estadual nº 24.944).

Figura 02 – Entrada de acesso da UC do Refúgio de Vida Silvestre Mata do Junco.



Fonte: Cristiane Neyre Almeida de Jesus, 2019.

Os objetivos da UC foram baseados no Art. 13 da Lei nº 9.985/2000 que considera as condições para exigência ou reprodução de espécies ou comunidades da fauna e flora. Dentre os objetivos específicos, pode-se citar: disponibilizar os recursos naturais para a pesquisa científica; investigar e dar suporte a pesquisas científicas e interdisciplinares que gerem

conhecimento sobre a região e auxiliem na formulação de estratégias de conservação da Mata Atlântica; contribuir para a promoção do processo participativo das comunidades do entorno no desenvolvimento de alternativas econômicas sustentáveis e na prática de atividades sustentáveis; promover a educação ambiental, constituindo-se como espaço difusor de práticas ambientais corretas, entre outros.

Figura 03 – Entrada da UC do Refúgio de Vida Silvestre Mata do Junco.



Fonte: Cristiane Neyre Almeida de Jesus, 2019.

Figura 04 – Entrada da UC do Refúgio de Vida Silvestre Mata do Junco.



Fonte: Cristiane Neyre Almeida de Jesus, 2019.

Na Mata do Junco, encontra-se uma diversidade de plantas e animais, sendo o local da nascente do rio Lagartixo, afluente da Bacia do Rio Japaratuba, que abastece a cidade e refúgio da espécie ameaçada de extinção, macaco Guigó – *Callicebus coimbrai*, o que é de suma importância não somente ao município, mas em um contexto social global.

Segundo Santos (2007, p. 96), o Rio Lagartixo (Figura 05) é importante, principalmente, em virtude da grande quantidade de nascentes, cerca de 24, distribuídas em 51,10 km de sua área, além de outras não registradas ou extintas, devido ao processo de degradação causado principalmente pela ação de queimadas, derrubadas de árvores, além do pisoteamento animal e humano, que vem provocando sua extinção.

Figura 05 – Rio Lagartixo na Mata do Junco.



Fonte: Jailton de Jesus Costa, 2019.

Em 2005, foi criado pelo INCRA o Projeto de Assentamento José Emídio dos Santos (Figura 06), que teve esse nome em homenagem ao trabalhador rural José Emídio dos Santos, morto nas lutas de campo pela disputa de terra. Este assentamento foi distribuído em 08 agrovilas: Chapada do Aparecido; Santo Antônio; Campinhos; Boa Vista; Cantagalo; Analiço Barros (Miranda); Eucalipto e Sede.

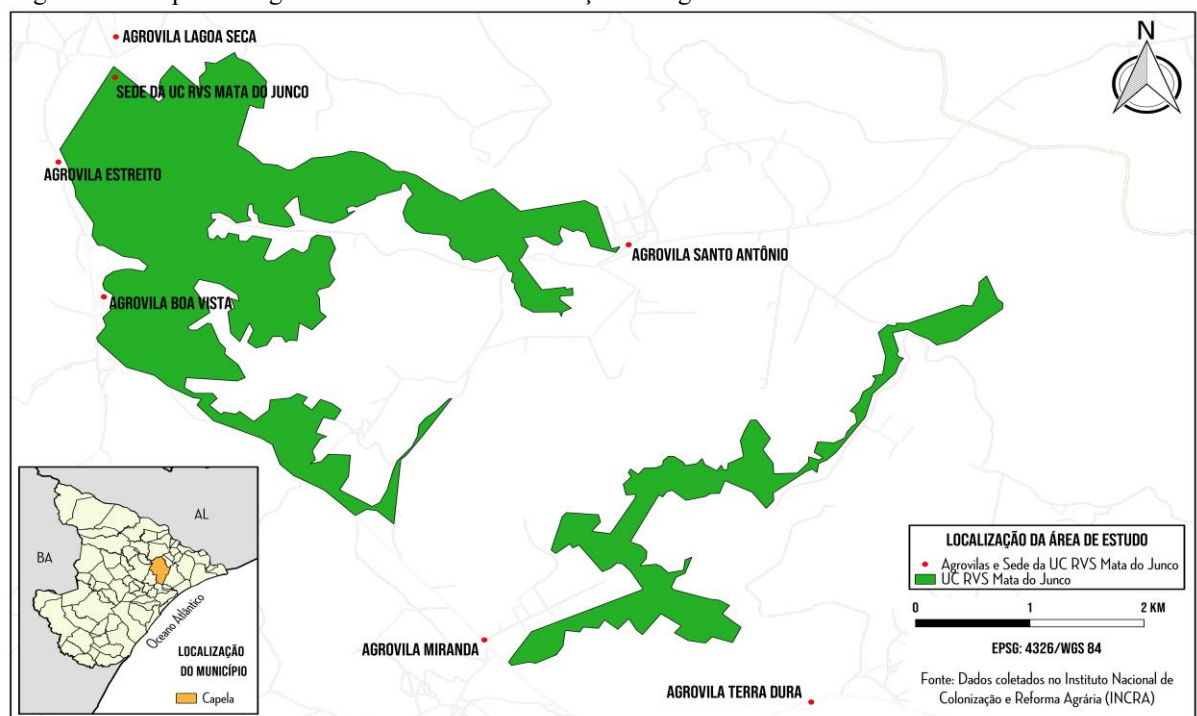
Figura 06 - Assentamento José Emídio dos Santos



Fonte: Cristiane Neyre Almeida de Jesus, 2020.

As comunidades do entorno da Unidade de Conservação do Refúgio de Vida Silvestre estão espalhadas nessas agrovilas, consideradas um conjunto habitacional de casas pequenas com infraestrutura básica (Figura 07).

Figura 07 - Mapa Geológico da Unidade de Conservação Refúgio de Vida Silvestre Mata do Junco.

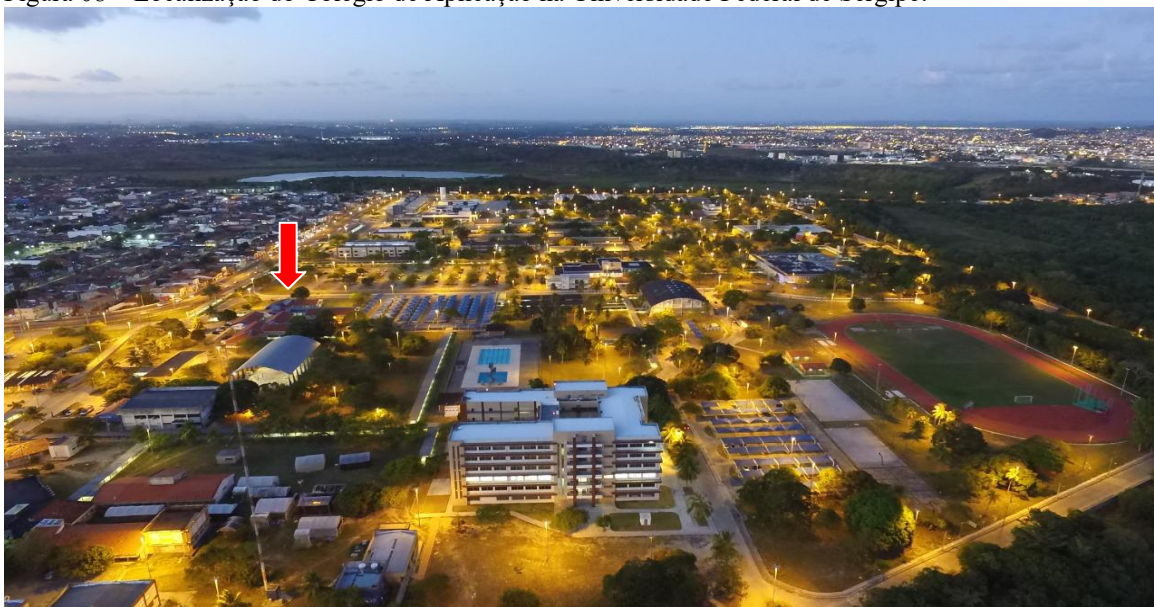


Fonte: Ingrid Carvalho Oliveira, 2020.

As famílias que moram nas Agrovilas e Povoados do entorno da UC residem em casas com pouca infraestrutura, sobrevivem do campo ou benefícios do governo. Verificaram-se diversos usos da mata pelos moradores, a exemplo de atividades aeróbicas, tais como: passeio ciclístico, caminhadas, atividades escolares, trilhas, entre outros.

A escolha do Colégio de Aplicação, onde foram desenvolvidas as atividades em espaço formal de ensino, justifica-se por ser a única escola de Educação Básica da Rede Federal de Ensino de Sergipe e estar localizada da Universidade Federal de Sergipe (Figura 08).

Figura 08 – Localização do Colégio de Aplicação na Universidade Federal de Sergipe.



Fonte: Superintendência de Infraestrutura - INFRAUFS

2.2. Método

Essa pesquisa é de caráter quali-quantitativa ao considerar seu processo investigativo e estatístico e, a fim de alcançar os objetivos propostos, será utilizado o método hipotético – dedutivo. Desenvolvido pelo filósofo Karl L. Popper, este método refere-se à escolha de hipóteses que contém certa viabilidade de responder um problema de caráter científico. Feito isto, procura-se o falseamento dessas hipóteses com o intuito de comprovar a sustentabilidade delas, encerrando-se assim o método: com a confirmação ou a rejeição das hipóteses (BONAT, 2009). Segundo Soares (2003, p.39) o método hipotético-dedutivo é:

“(...) construção de conjecturas, as quais deveriam ser submetidas a testes, os mais diversos possíveis, à crítica intersubjetiva e ao controle mútuo pela discussão crítica, à publicidade crítica e ao confronto com os fatos, para ver quais as hipóteses que

sobrevivem como mais aptas na luta pela vida, resistindo às tentativas de refutação e falseamento” (SOARES, 2003, p.39).

Inicialmente, foi necessário o reconhecimento do recorte espacial, através da observação direta do ambiente. As visitas às comunidades tiveram como objetivo o reconhecimento mais detalhado da região, incluindo os aspectos ambientais do local. Foi adotado um roteiro de observação para analisar os aspectos de infraestrutura local, aspectos sociais e os impactos visualmente perceptíveis relacionados à interação homem-natureza, além, é claro, dos dados das espécies de PANC.

Foi elaborada uma cartilha (anexo) em formato de *e-book* com ISBN, intitulada Sabores da Mata do Junco, com o levantamento de algumas espécies de PANC encontradas na UC e nas comunidades de seu entorno, além de conter informações sobre receitas feitas com plantas com o intuito de divulgar nas comunidades a importância das PANC.

2.3. Procedimentos Metodológicos

2.3.1. Entrevistas

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas (Apêndice B), inicialmente, com a caracterização do entrevistado, com questões de múltipla escolha e questões abertas, onde os entrevistados apresentaram seus conhecimentos relacionados ao tema e possíveis utilizações das PANC (Quadro 03). As comunidades escolhidas foram: Agrovila Santo Antônio e os Povoados: Terra Dura, Miranda, Boa Vista, Lagoa Seca e Estreito. A agrovila e o Povoado Lagoa Seca por serem vizinhos a Unidade de Conservação, o Povoado Miranda por ser o povoado mais populoso, Terra Dura e Miranda por serem os mais distantes da Mata do Junco e o Povoado Estreito por ser o menor e mais carente (Figuras 09, 10, 11, 12, 13 e 14).

Quadro 03 – Comunidades Entrevistadas

COMUNIDADES ENTREVISTADAS			
LOCAL	FAMÍLIAS	DATA DA VISITA	TOTAL DE ENTREVISTADOS
Agrovila Santo Antônio	Sem informação	22/05/19 e 29/05/2019	20
Povoado Terra Dura	277	30/03/2019 e 06/04/2019	20
Povoado Miranda	434	03/07/2019 e 06/08/2019	20
Povoado Boa Vista	137	03/10/2019	20
Povoado Lagoa Seca	141	08/10/2019	20
Povoado Estreito	34	03/10/2019	12

Fonte: Cristiane Neyre Almeida de Jesus, 2020.

A informação do quantitativo de famílias por região foi disponibilizada pela senhora Regina, Secretaria Adjunta de Assistência Social do Município de Capela.

Essas questões auxiliaram na composição de um diagnóstico acerca do conhecimento e diversidade das espécies de Plantas Alimentícias Não Convencionais nessas comunidades.

Figura 09 – Entrevistas na Agrovila Santo Antônio



Fonte: Cristiane Neyre Almeida de Jesus, 2019.

Figura 10 – Entrevista no Povoado Terra Dura



Fonte: Cristiane Neyre Almeida de Jesus, 2019.

Figura 11 – Entrevista no Povoado Boa Vista



Fonte: Cristiane Neyre Almeida de Jesus, 2019.

Figura 12 – Entrevista no Povoado Estreito



Fonte: Cristiane Neyre Almeida de Jesus, 2019.

Figura 13 – Povoado Lagoa Seca



Fonte: Cristiane Neyre Almeida de Jesus, 2019.

Figura 14 – Povoado Miranda



Fonte: Cristiane Neyre Almeida de Jesus, 2019.

O objetivo da aplicação desse instrumento de coleta de dados foi obter testemunhos da existência de um conhecimento (saber ambiental) que corre o risco de desaparecer, caso não seja transmitido/repassado, assim como a percepção dos entrevistados sobre a importância da difusão desse conhecimento. Para tanto, sempre que possível, foram selecionados idosos, oriundos do meio rural, de longa residência no município, com conhecimento sobre os usos que puderam testemunhar em outros tempos e confrontar com as informações do tempo presente.

A partir do reconhecimento do universo da pesquisa, a escolha da amostra foi aleatória e não probabilística, além de ser acompanhada pelo mateiro da região a algumas residências de pessoas específicas que indicavam outras, que possivelmente poderiam conhecer um pouco da história das comunidades, utilizando assim a técnica bola de neve onde os participantes indicavam outros para participar da pesquisa.

2.3.2. Demanda Ética da Pesquisa

A pesquisa contou com um termo de consentimento esclarecido (TCLE) que foi entregue para os entrevistados, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, via Plataforma Brasil (Decisão CAAE: 12263319.0.0000.5546, aprovada em 15/03/2019). Dessa forma, foi obtido o consentimento do uso das falas (Apêndice A). A pesquisa foi cadastrada no banco do SISGEN.

2.3.3 Oficinas

A abordagem desta pesquisa é classificada como quali-quantitativa, que de acordo com Minayo e Sanches (1993), propõe aprofundar a complexidade dos fenômenos e processos particulares e específicos de grupos mais ou menos delimitados, em extensão, e capazes de serem abrangidos intensamente.

A concepção participativa (FREIRE, 1979) que dá prioridade à relação dialógica entre os mediadores e os residentes da comunidade, será a abordagem utilizada durante a oficina.

Foram realizadas quatro oficinas de degustação e propagação de plantas, nas quais houve a interação e a troca de saberes, que contou com a participação das comunidades estudadas. De acordo com Candau (1995), a oficina constitui um espaço de construção coletiva do conhecimento, de análise da realidade, de confronto e de troca de experiências.

Foi escolhido um espaço em cada comunidade estudada, como ponto de apoio (escola, centro social), onde se realizou uma dinâmica de acolhida com o intuito de facilitar o entrosamento e conhecimento dos participantes.

Foram realizadas palestras acerca da importância das PANC e a partir daí, as experiências com essas espécies foram compartilhadas. Houve distribuição da cartilha, elaborada pela pesquisadora, com o levantamento de algumas espécies de plantas encontradas na Unidade de Conservação Reserva de Vida Silvestre Mata do Junco e nas comunidades de seu entorno, além de informações sobre receitas feitas com espécies nativas.

Além disso, os participantes das oficinas tiveram a oportunidade de degustar alimentos preparados pela pesquisadora com as PANC, para que tivessem noção do que pode ser produzido e consumido com o uso dessas plantas. Realizaram-se ainda, palestras acerca das formas de propagação de plantas e importância delas, além da distribuição de estacas da espécie ora-pro-nobis – *Pereskia aculeata*.

a) Oficina de degustação e Propagação de plantas:

Após o período de aplicação das entrevistas, foram realizadas visitas prévias às comunidades para consultar se os residentes tinham interesse e disponibilidade para participar das oficinas de degustação e de formas de propagação de PANC. A partir de então, procedeu-se com o agendamento e entrega de convites para as oficinas, além de conversar com os

moradores. No referido convite havia informações sobre horário, data, local e uma breve explicação a respeito da oficina.

As quatro oficinas de degustação e propagação de plantas com as comunidades escolhidas para este estudo foram realizadas entre os meses de novembro e dezembro de 2019.

A primeira oficina de degustação e propagação de plantas foi realizada no dia 13 de novembro de 2019, às 14h, no Povoado Terra Dura, na residência de dona Raimunda que anteriormente exercia a função de presidente da Associação dos Moradores do Povoado (Figuras 15 e 16). A ex-presidente é bastante conhecida por todos do povoado e sempre nos recepcionou com bastante carisma. Nesse dia, contou-se com a participação de 20 moradores, entre eles, três crianças.

Figura 15 – Oficina no Povoado Terra Dura



Fonte: Marlucia Cruz de Santana, 2019.

Figura 16 – Moradores no Povoado Terra Dura



Fonte: Marlucia Cruz de Santana, 2019.

A segunda oficina foi realizada no dia 20 de novembro de 2019, às 15h, no Povoado Miranda, na Escola Municipal Professora Maria da Conceição Barreto Alves Souza (Figuras 17 e 18). A diretora da escola, professora Djalma, nos cedeu o espaço prontamente para realização da oficina. Nesse dia, contou-se com a participação de 10 moradores, entre eles, duas crianças. O número pequeno de participantes deu-se devido ao feriado do dia da Consciência Negra, em que muitos moradores estavam envolvidos em outras atividades.

Figura 17 – Oficina no Povoado Miranda



Fonte: Cristiane Neyre Almeida de Jesus, 2019.

Figura 18 – Moradores no Povoado Miranda



Fonte: Cristiane Neyre Almeida de Jesus, 2019

No dia 27 de novembro de 2019, às 14h30, foi realizada a terceira oficina de degustação e propagação de plantas, que aconteceu no Povoado Boa Vista, mais especificamente na Escola Municipal Rural da Boa Vista (Figuras 19 e 20). O *hall* da escola foi cedido pela Diretora, Profª Maria, para realização da atividade. Nesse dia, contou-se com a participação de 14 moradores dos Povoados Boa Vista e Estreito e 28 alunos de duas turmas do 5º ano da referida escola.

Figura 19 – Oficina no Povoado Boa Vista



Fonte: Cristiane Neyre Almeida de Jesus, 2019.

Figura 20 – Moradores da Boa Vista e Estreito



Fonte: Cristiane Neyre Almeida de Jesus, 2019.

A quarta e última oficina foi realizada no dia 04 de dezembro de 2019, às 15h, e aconteceu na Sede da Unidade de Conservação Reserva de Vida Silvestre Mata do Junco

(Figuras 21 e 22). Nesse dia, contou-se com a participação de 13 moradores do Povoado Lagoa Seca e Agrovila Santo Antônio e 27 alunos do 6º ano da Escola Municipal Rural Lagoa Seca.

Figura 21 – Oficina na Sede da Mata



Fonte: Cristiane Neyre Almeida de Jesus, 2019.

Figura 22 – Moradores na UC



Fonte: Cristiane Neyre Almeida de Jesus, 2019.

Inicialmente, realizamos a dinâmica de acolhida, onde os participantes tiveram a oportunidade de se apresentar e compartilhar algumas experiências sobre Plantas Alimentícias Não Convencionais. Percebeu-se bastante interesse e interação entre os participantes. Os recursos didáticos utilizados foram *banners*, que continham além dos tópicos abordados na pesquisa, fotografias das espécies e as técnicas de propagação de plantas. Em seguida, realizava-se uma breve explanação sobre a importância e as formas de propagação de plantas, destacando, sobretudo a importância da conservação, valorização e participação de todos nesse processo. Foram suscitadas discussões acerca do valor das plantas e da conservação do ambiente para manutenção da biodiversidade e a relevância da propagação das espécies.

A posteriori, realizava-se uma palestra, ressaltando a importância do cultivo e uso das Plantas Alimentícias Não Convencionais como alimento alternativo. Após a realização das palestras, os entrevistados eram questionados quanto aos conhecimentos adquiridos durante a oficina e todos os presentes consideraram importante a ocorrência de atividades como aquela.

Na segunda parte da oficina, havia a degustação de suco, geleia e mousse de maracujá-do-mato (*Passiflora* sp.). Sempre havia boa receptividade por alguns participantes, os quais demonstravam bastante empolgação e satisfação e outros mostravam receio de experimentar os alimentos e afirmavam que somente experimentar se os pesquisadores envolvidos também o fizessem (Figuras 23 e 24). Após a degustação de alimentos com PANC, os

entrevistados tiveram a oportunidade de participar de um lanche da tarde feito com alimentos tradicionais. Cabe ressaltar que todos os presentes demonstraram estar empolgados com o evento.

Figura 23 – Degustação na Sede da Mata



Fonte: Cristiane Neyre Almeida de Jesus, 2019.

Figura 24 – Degustação no Povoado Miranda



Fonte: Cristiane Neyre Almeida de Jesus, 2019.

Por fim, havia realização de sorteio e posterior distribuição das cartilhas com os presentes, que receberam com bastante satisfação, além da distribuição de estacas de ora-pro-nobis (*Pereskia aculeata*) para todos os participantes presentes, os quais davam retorno positivo.

Com relação à terceira e à quarta oficina, que contou com a presença de alunos das escolas, observamos que o momento de atividade prática estimula o aprendizado, uma vez que os alunos foram retirados da rotina de aulas expositivas e convidados a participar do processo de construção do conhecimento. A resposta dos alunos foi bastante positiva.

b) Oficina no Colégio de Aplicação:

Objetivou-se com essa oficina perceber o conhecimento de estudantes de Educação Básica sobre as PANC, tendo em vista que a maioria dos estudantes não tem contato com Unidades de Conservação e/ou com áreas rurais. Esta atividade contou com a participação de 26 alunos do 6º ano do CODAP.

O trabalho foi desenvolvido em duas etapas. Na primeira, foi aplicado questionário (Apêndice C) para verificar o conhecimento dos alunos referente à plantas alimentícias, propagação de plantas e a utilização destas. Foi realizada uma apresentação com os conceitos de propagação vegetativa e reprodutiva (Figuras 25 e 26). Os recursos didáticos utilizados

foram *Datashow* para apresentação de slides que continham, além de tópicos teóricos abordados, fotos de espécies de plantas, principalmente alimentícias, e suas formas de propagação. Durante a atividade prática, os alunos tiveram a oportunidade de plantar sementes de feijão guandu (*Cajanus cajan*), do cacto cabeça-de-frade (*Melocactus zehntineri*), segmentos de caule (estacas) de palmas (*Opuntia cochelinifera*) e de ora-pro-nobis (*Pereskia aculeata*) utilizadas para os testes de propagação (Figuras 27, 28, 29 e 30).

Na segunda etapa da pesquisa, os alunos observaram o resultado do experimento de propagação das quatro espécies de plantas com as plantas da etapa anterior e foi aplicado novo questionário para comparar a percepção dos mesmos (Figuras 31 e 32). Ainda foram suscitadas discussões acerca dos tipos de propagação de plantas e de sua importância, da educação ambiental e conservação do ambiente.

Figura 25 – Aplicação de questionário



Fonte: Jailton de Jesus Costa, 2019.

Figura 26 – Apresentação formas de propagação



Fonte: Jailton de Jesus Costa, 2019.

Figura 27 – Grupos realizando propagação



Fonte: Jailton de Jesus Costa, 2019.

Figura 28 – Participante plantando



Fonte: Jailton de Jesus Costa, 2019.

Figura 29 – Plantação de sementes *Melocactus*



Fonte: Jailton de Jesus Costa, 2019.

Figura 30 – Plantação de semente de feijão



Fonte: Jailton de Jesus Costa, 2019.

Figura 31 – Observação do experimento



Fonte: Cristiane Neyre Almeida de Jesus, 2019.

Figura 32 – Alunos com seus experimentos



Fonte: Marlucia Cruz de Santana, 2019.

Os alunos demonstraram interesse pelas atividades, pois eles se sentiram motivados através do contato direto com o objeto de estudo. Em posse de todas essas informações, os dados foram tabulados no programa **Microsoft Excel**, gerando quadros, tabelas e gráficos a partir da análise estatística dos dados levantados, demonstrando os resultados obtidos. Foram realizados dois testes estatísticos, a razão de chance (RC) e o teste qui-quadrado para analisar se existe associação entre as variáveis. Dessa forma, serviram de suporte na interpretação dos dados que possibilitou atingir os objetivos do estudo.

2.3.4 Detalhamento dos Objetivos

Para se atingir o primeiro objetivo específico “Identificar as espécies de PANC e as famílias botânicas”, foram realizadas visitas de campo com auxílio de um experiente mateiro da região (Marcelo Guigó), para auxiliar a identificação dos nomes populares das espécies. Essas visitas foram realizadas no período março a maio, nas comunidades já citadas no item 2.3.1.

Para o segundo objetivo, “Investigar se há consumo e/ou cultivo de PANC nas comunidades do entorno da UC”, foram realizadas entrevistas e observação direta do ambiente no período março a agosto, nas comunidades já citadas no item 2.3.1. Foram entrevistadas 112 pessoas a partir dos critérios de amostra aleatória e não probabilística, além de indicações por outros sujeitos da pesquisa.

O terceiro objetivo, "Demonstrar nas comunidades do entorno as formas de propagação de PANC para que possam contribuir para a segurança alimentar e se tornar fonte de renda", foram realizadas quatro oficinas de degustação e propagação de plantas, conforme descrito detalhadamente no item 2.3.3.

No quarto e último objetivo “Realizar oficina de propagação com PANC com alunos do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe”, realizamos atividade sobre propagação de plantas com alunos do 6º ano do Colégio de Aplicação nos dias 08 de abril e 06 de maio de 2019.

CAPÍTULO 3 -
LEVANTAMENTO ETNOBOTÂNICO
NA UNIDADE DE CONSERVAÇÃO
RVS MATA DO JUNCO

3.1. Potencial Sustentável da utilização das PANC: Famílias e Espécies Botânicas

A segurança alimentar e nutricional de população, o desenvolvimento rural sustentável, a inclusão social e o combate à fome e à miséria estão diretamente relacionados à conservação e ao uso dos recursos da agrobiodiversidade.

A sustentabilidade ambiental surge como uma prática que busca preservar a natureza na proposição econômica e nas técnicas do desenvolvimento, estabelecendo categorias ecológicas de fabricação que garantam a sobrevivência e um bom futuro para as próximas gerações (LEFF, 2011).

Segundo Barbosa (2007) os componentes fundamentais para o desenvolvimento sustentável consistem em: crescimento econômico, proteção ao meio ambiente e igualdade social. Esses fundamentos são imprescindíveis para o desenvolvimento sustentável no contexto da utilização das Plantas Alimentícias Não Convencionais.

O consumo das PANC possibilita uma nova experiência alimentar mais saudável, sustentável e solidária. A utilização delas contribui com a segurança alimentar, nutricional, sustentável e com a cultura da população. A diversificação da alimentação vai além de representar promoção da saúde, mas constitui uma estratégia para garantir a longevidade dos sistemas de produção que atendem à crescente demanda por alimentos livre de agrotóxicos.

Assim, destaca-se a importância de mudanças nos padrões de consumo, de forma a promover a preservação da cultura local. No entanto, o potencial das Plantas Alimentícias Não Convencionais na alimentação humana é essencial além de apontar que essas plantas poderiam contribuir para cultivos mais sustentáveis para o meio ambiente. Ter uma dieta mais saudável, com o uso eficiente dos recursos naturais e maior equidade no consumo de alimentos é o que se pretende.

Após a realização do levantamento das espécies de PANC na UC e nas comunidades trabalhadas no entorno da Mata do Junco, pode-se apontar que se utilizadas pelas comunidades apresentadas nesse estudo, a população teria maior sensibilização na conservação do meio ambiente, resgate de conhecimentos tradicionais, melhor qualidade de vida e alimentos de baixo custo, desta forma, interagindo com o tripé da sustentabilidade.

As espécies identificadas estão descritas no Quadro 04, e apresentadas na Figura 14. Vinte espécies foram coletadas e identificadas. As plantas pertencem a 16 famílias botânicas e as mais frequentes, com duas espécies cada, foram das famílias: *Asteraceae*, *Annonaceae* e *Myrtaceae*. Estes dados são um indicativo da diversidade florística da região.

Quadro 04 – Levantamento das Plantas Alimentícias Não Convencionais.

LEVANTAMENTO DAS ESPÉCIES			
NOME POPULAR	NOME CIENTÍFICO (Família) - porte	UTILIZAÇÃO	PARTE UTILIZADA
Abacaxi-do-mato	<i>Ananas sp.</i> (Bromeliaceae) - herbácea	Doces, <i>in natura</i>	Fruto
Adicuri	<i>Syagrus coronata</i> (Arecaceae) - arbustiva	Doce, <i>in natura</i>	Fruto
Araçá-de-boi	<i>Campomanesia eugenoides</i> (Myrtaceae) - árvore	Suco e doce	Fruto
Araticum	<i>Annona sp.</i> (Annonaceae) - árvore	Consumo <i>in natura</i>	Fruto
Assafroa	<i>Bixa orellana</i> (Bixaceae) - Arbusto	Colorau	Sementes
Azedinho	erva	Saladas	Folha
Coentrão	<i>Eryngium foetidum</i> (Asteraceae)- erva	Saladas	Folha
Guabiraba	<i>Campomanesia guaviroba</i> (Myrtaceae) árvore	Doces	Fruto
Jurubeba	<i>Solanum sp.</i> (Solanaceae) - subarbusto	Cachaça	Fruto
Língua-de-Vaca	Fam. <i>Portulacaceae</i> - erva	Refogados, Salada	Folha
Major Gomes	<i>Talinum paniculatum</i> (Portulacaceae) - erva	Salada e refogados	Folha
Maracujá-do-mato	<i>Passiflora sp.</i> (Passifloraceae)- erva	Suco, doce	Fruto
Maria-preta	Fam. <i>Rubiaceae</i> - árvore	Doce, licor	Fruto
Mastruz	<i>Chenopodium ambrosioides</i> (Chenopodiaceae) - erva	Chá	Folha
Moringa	<i>Moringa oleifera</i> (Moringaceae) - árvore	Salada, patê e temperos	Folha
Murici	<i>Byrsonima sericea</i> (Malpighiaceae)- arbusto	Doce, licor, bolo	Fruto
Ora-pro-nobis	<i>Pereskia aculeata</i> (Cactaceae) - arbusto	Saladas, refogados	Folha
Pindaíba	<i>Duguetia lanceolata</i> (Annonaceae) - árvore	Tempero, cachaça	Semente
Taioba	<i>Xanthosoma sagittifolium</i> (Araceae) - erva	Salada, farofa, sopas etc.	Folha
Tomatinho	<i>Lycopersicon sp.</i> (Solanaceae) - erva	Saladas	Fruto

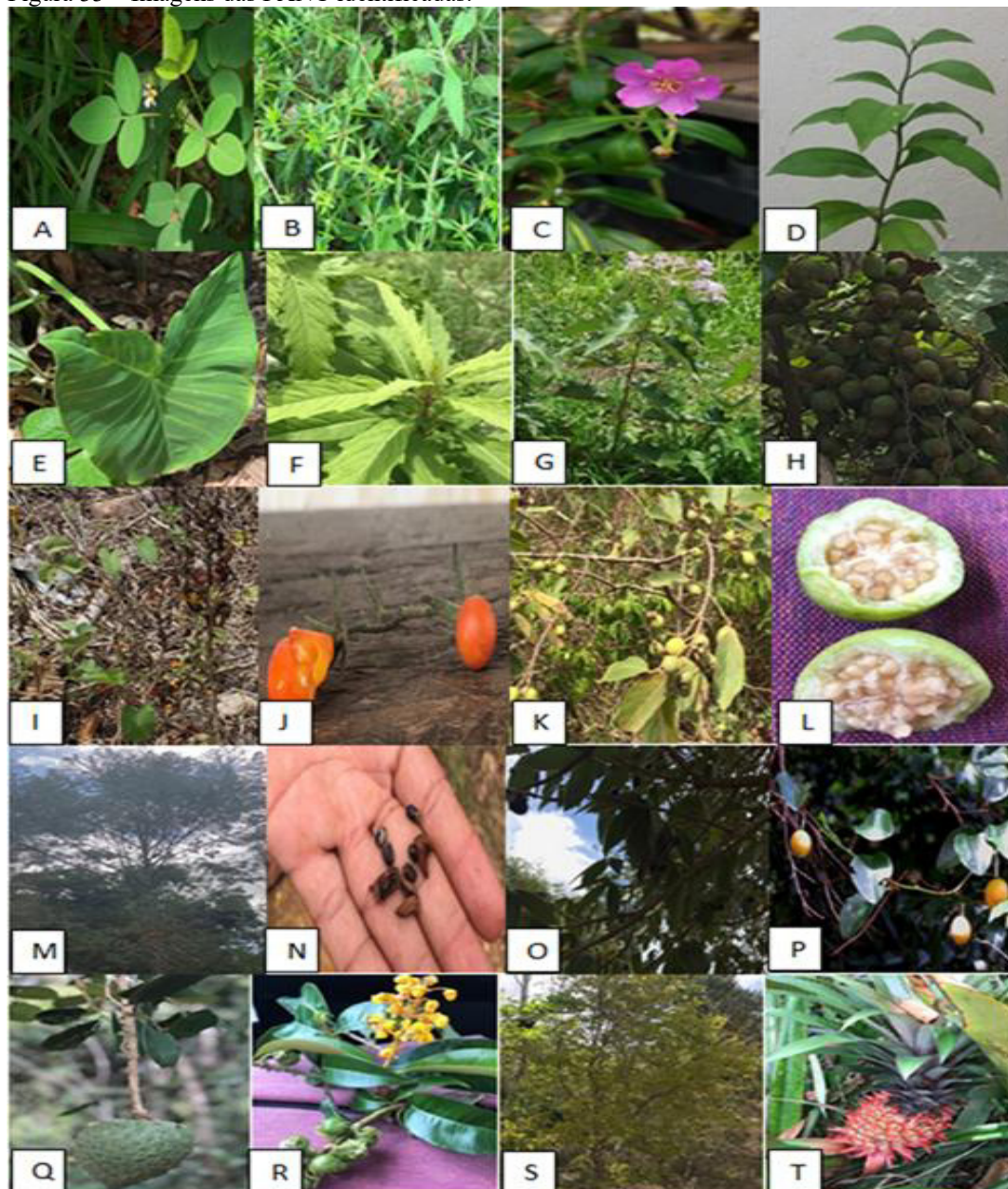
Fonte: Trabalho de Campo, 2019.

Organização: Cristiane Neyre Almeida de Jesus, 2019.

Em um levantamento botânico realizado por Oliveira *et al.*, (2016), na RVS Mata do Junco, foram registradas 380 espécies e 80 famílias, incluindo 45 novas ocorrências para a Mata Atlântica de Sergipe e duas espécies ameaçadas de extinção.

Uma espécie exótica foi catalogada neste estudo, a moringa (*Moringa oleifera*), que tem origem na Índia (SOUZA; LORENZI, 2012; KINUPP; LORENZI, 2014).

Figura 33 – Imagens das PANC identificadas.



Fonte: Trabalho de Campo, 2019.

A – Azedinha, B – Coentrão, C – Major Gomes, D – Ora-pro-nobis, E – Taioba, F – Mastruz, G – Jurubeba, H – Adicuri, I – Tomatinho, J – Fruto do tomatinho, K – Araçá-de-boi, L – Fruto do Araçá-de-boi, M – Pindaíba, N – Semente da Pindaíba, O – Maria-preta, P – Maracujá-do-mato, Q – Araticum, R – Murici, S – Guabiraba, T – Abacaxi-do-mato.

Nas espécies de plantas encontradas nesta pesquisa, as folhas e os frutos são as partes mais utilizadas como alimento (90%): as folhas como componentes de saladas, ensopados e refogados; enquanto os frutos são consumidos *in natura* ainda como ingrediente principal de doces e licores.

Apesar de, durante a aplicação das entrevistas, termos solicitado que fossem identificadas as plantas alimentícias (comestíveis), os entrevistados nos forneceram algumas indicações de plantas que são usadas apenas com finalidades medicinais ou terapêuticas, sem necessariamente a intencionalidade de um alimento. Dessa forma, apesar de terem sido apresentadas pelos entrevistados, elas não foram contabilizadas no presente trabalho, cujo foco são as plantas alimentícias.

A utilização das plantas alimentícias não convencionais é benéfica sob vários aspectos (Quadro 05), inclusive na diversificação da dieta e no acesso mais fácil aos nutrientes fundamentais à dieta humana. Essas plantas possuem um potencial econômico, beneficiando a agricultura familiar, com importante contribuição para a sustentabilidade e a biodiversidade (MARIA FILHO, 2016; NARCISO *et al.*, 2017).

QUADRO 05 - Aspectos correlacionados entre as PANC e as temáticas ambiental, social e econômica.

PANC E AS DIMENSÕES DA SUSTENTABILIDADE	
DIMENSÃO	VANTAGENS
Social	- Soberania alimentar; - Melhora na qualidade de vida; - Resgate de conhecimentos tradicionais; - Enriquecimento da história da região; - Maior contato com a natureza.
Ambiental	- Garantia da biodiversidade das PANC; - Valorização de áreas verdes; - Maior sensibilização na conservação do meio ambiente.
Econômica	- Alimentação de baixo custo; - Remédio de baixo custo; - Comercialização de PANC e/ou produtos (alimentícios, farmacêuticos, entre outros); elaborados com PANC.

Organização: Cristiane Neyre Almeida de Jesus, 2020.

De acordo com o levantamento realizado, foram encontradas 20 (vinte) espécies que podem ser utilizadas na alimentação humana, sendo múltiplas as formas de utilização, com destaque para a produção de doce, suco, chá, saladas, entre outros. Para tais usos, as partes utilizadas das plantas são as folhas, frutos e sementes.

Portanto, o estudo das PANC pôde ser realizado a partir das dimensões da sustentabilidade. É nítida a importância ambiental, social e econômica dessas espécies na UC Refúgio de Vida Silvestre Mata do Junco e comunidades do seu entorno.

3.2. Principais Usos pelas Comunidades do Entorno

Na fase da aplicação de questionários, tivemos a oportunidade de conversar diretamente com os participantes da pesquisa. Conforme explicado no item 2.3.1, foram realizadas 20 entrevistas em cada comunidade, com exceção do Povoado Estreito onde foram realizadas apenas 12 entrevistas por ter uma população menor, além do fato que o Povoado resume-se a uma única rua.

A priori, os objetivos da pesquisa eram explicados novamente, assim como apresentado e explicado o termo de consentimento livre esclarecido - TCLE, e na sequência, era realizada a entrevista semi-estruturada.

O Povoado Terra Dura foi o primeiro a ser visitado, bem como aconteceu a aplicação dos questionários nos dias 30 de março e 06 de abril de 2019 (Figura 34). Em algumas residências, os moradores apresentaram certo receio em nos receber, em outras, éramos recebidos com bastante entusiasmo. Do total de entrevistados, 14 foram do sexo feminino e 06 do sexo masculino, na faixa etária entre 20 a 74 anos. Com relação à escolaridade, apenas um entrevistado informou ter o ensino médio completo, 05 tem o ensino fundamental completo e 04 incompleto, 06 apenas o primário e 04 preferiram não informar.

Dos participantes entrevistados no Povoado Terra Dura, obtivemos as seguintes respostas, conforme o quadro 06:

QUADRO 06 – Informações dos entrevistados no Povoado Terra Dura

POVOADO TERRA DURA			
	SIM	NÃO	NÃO SOUBE
Conhece plantas alimentícias não convencionais	15	05	X
Tem dificuldade de encontrar essas plantas na região	03	11	06
Existe época do ano adequada para a coleta	15	X	05
Cultiva alguma planta que utiliza na alimentação	02	18	X
Conhece panc na uc mata do junco	03	17	X
Experimentaria planta alimentícia não convencional	06	14	X
Transmite seu conhecimento	09	06	X
Acredita que o saber e práticas populares podem desaparecer	10	10	X
Tem feito alguma coisa para evitar a extinção	03	17	X
Possui hábitos alimentares saudáveis	09	11	X
	NADA	ACONSELHAR	PLANTAR
Que tem feito para o Conhecimento não desaparecer	17	02	01

Fonte: Trabalho de campo, 2020.

Organização: Cristiane Neyre Almeida de Jesus, 2020.

Dos 15 participantes que informaram conhecer as PANC, as citadas foram: língua-de-vaca, taioba, major-gomes, coentrão, breço (sem identificação), feijão-andu (*Cajanus cajan*) e araticum. Ao serem perguntados se adquirem essas plantas, 11 participantes informaram que procuram na rua, pede nos quintais dos vizinhos, pega nos canaviais, pede aos amigos, procura no brejo e oito informaram que não adquire, apenas um disse que encontra em qualquer lugar.

Os entrevistados também foram questionados sobre qual época do ano seria mais fácil encontrar as plantas, 13 informaram ser no inverno, uma pessoa disse que seria no outono e outra no verão. As duas pessoas que confirmaram utilizar as PANC na alimentação informaram usar a língua-de-vaca e major-gomes.

Os entrevistados foram perguntados se conhecem PANC na Mata do Junco. Acerca desse questionamento, as três pessoas que responderam que sim informaram ter visto: murici, maracujá-do-mato, língua-de-vaca, taioba, major-gomes. Ao serem questionados se experimentariam PANC, dentre os 14 entrevistados que responderam não, seis informaram que não experimentariam por medo e oito preferiram não informar o motivo. Quando perguntados sobre qual o local onde as plantas podem ser encontradas, as 15 pessoas que informaram conhecer as PANC disseram que podem ser encontradas em sítio, canavial, mata, quintais e quatro não souberam informar.

Ao serem questionados como conheceram as PANC eles informaram ter sido através dos mais antigos, a exemplo da mãe, do pai, dos avós e um deles disse não lembrar como conheceu. Foi perguntado ainda, se o interesse dos jovens pelas plantas atualmente é maior ou menor que antigamente, obtivemos 18 participantes que responderam ser menor e apenas dois disseram ser maior justificando que a internet ajuda os jovens a pesquisar e o conhecimento popular sempre cresce. Por fim, perguntamos se eles possuem hábitos alimentares saudáveis, nove disseram ter hábitos saudáveis e 11 acham que não.

Percebeu-se que a maioria dos entrevistados do Povoado Terra Dura expressavam sentimento de tristeza ao saber que o conhecimento empírico (saber ambiental) não era praticado com frequência se comparado com antigamente.

A agrovila Santo Antônio foi a segunda comunidade a ser visitada para a aplicação dos questionários, que aconteceu nos dias 22 e 29 de maio de 2019. Os moradores dessa agrovila

nos receberam com cordialidade, carinho e demonstravam estar dispostos a responder todas as perguntas e ajudar no que fosse necessário para que o conhecimento sobre as PANC não desaparecesse, em especial, seu Manoel, conhecido como Messias dos sem terra, um dos responsáveis pela criação do assentamento José Emídio dos Santos (Figuras 34, 35 e 36).

Figura 34 – Messias do MST



Fonte: Cristiane Neyre Almeida de Jesus, 2019.

Figura 35 –Entrevistas na estufa de mudas



Fonte: Cristiane Neyre Almeida de Jesus, 2019.

Figura 36 – Morador da Agrovila com Caxixi



Fonte: Cristiane Neyre Almeida de Jesus, 2019.

Do total de entrevistados, 11 foram do sexo feminino e nove do sexo masculino na faixa etária de idade entre 18 a 69 anos. Com relação à escolaridade, apenas uma pessoa informou ter o ensino médio completo e cinco incompleto, seis tem o ensino fundamental incompleto, três tem o primário completo e dois incompleto, e três preferiram não informar.

Dos participantes entrevistados na Agrovila Santo Antônio, obtiveram-se as seguintes respostas, conforme quadro 07:

QUADRO 07 – Informação dos entrevistados na Agrovila Santo Antônio

AGROVILA SANTO ANTÔNIO			
	SIM	NÃO	NÃO SOUBE
Conhece plantas alimentícias não convencionais	17	03	X
Tem dificuldade de encontrar essas plantas na região	09	07	04
Existe época do ano adequada para a coleta	14	X	06
Cultiva alguma planta que utiliza na alimentação	04	16	X
Conhece PANC na UC mata do junco	03	17	X
Experimentaria planta alimentícia não convencional	11	09	X
Transmite seu conhecimento	10	07	X
Acredita que o saber e práticas populares podem desaparecer	19	01	X
Tem feito alguma coisa para evitar a extinção	02	18	X
Possui hábitos alimentares saudáveis	09	11	X
	NADA	ACONSELHAR	PLANTAR
Que tem feito para o conhecimento não desaparecer	16	04	X

Fonte: Trabalho de campo, 2020.

Organização: Cristiane Neyre Almeida de Jesus, 2020.

Dos 17 entrevistados que informaram conhecer as PANC, foram citadas: bredo, major-gomes, semente de mandacaru (*Cereus jamacaru* DC), taioba, língua-de-vaca, coentrão, feijão-andu, caxixi (sem identificação), quiabo-de-metro (*Trichosanthes cucumerina* L.), tomatinho, azedinho (erva), folha de mandioca (*Manihot esculenta* Crantz), gangorra (*Fam. Solanaceae*) e palma (*Opuntia* sp). Ao serem questionados como adquirem essas plantas, cinco participantes informaram que procuram na rua e pela estrada, pegam no próprio quintal, pede nos quintais dos vizinhos e 10 informaram que não adquirem, apenas um não soube responder. Foram questionados também sobre qual época do ano seria mais fácil encontrar as plantas, 12 informaram ser no inverno, uma pessoa disse que seria na primavera e outra no verão e seis não souberam informar.

Ao serem perguntados se fazem uso de PANC na alimentação diariamente, um dos entrevistados relatou: “*Aqui mal tem água para beber, imagine para cultivar*”, realmente era nítida a situação de carência em muitas famílias. Outro entrevistado relatou: “*Quando estou trabalhando no mato eu como algumas plantas, mas em casa a situação está ruim, mais nem tanto*”. Algumas pessoas atribuem a utilização das Plantas Alimentícias Não Convencionais à

pobreza. As quatro pessoas que confirmaram utilizar as PANC na alimentação, informaram usar a taioba, língua-de-vaca, coentão e tomatinho.

Quando questionados se conhecem PANC na Mata do Junco, três pessoas responderam que sim, sendo as espécies: arará, maria-preta, araticum, língua-de-vaca e Folhinha roxa (sem identificação). Ao serem questionados se experimentariam PANC, das nove que responderam não, sete informaram que não experimentariam por medo, um disse que é “ruim de boca” e um preferiu não informar o motivo.

Quando perguntados qual o local onde as plantas podem ser encontradas, as 17 pessoas que informaram conhecer as PANC, disseram que podem ser encontradas em sítio, beira de rio, na rua, canavial, mata, quintais e 12 não souberam informar. Ao serem questionados como conheceram as PANC eles informaram ter sido através dos mais antigos, a exemplo da mãe, do pai, do tio, dos avós e um deles disse: *“conheci na época da fome, na década de 80, ou comia ou morria de fome”*.

Perguntou-se ainda se o interesse dos jovens pelas plantas atualmente é maior ou menor que antigamente, todos os participantes entrevistados responderam ser menor. Por fim, perguntamos se eles possuem hábitos alimentares saudáveis, nove disseram ter hábitos saudáveis e 11 acham que não.

Os dois dias de entrevistas na Agrovila Santo Antônio foram bastante gratificantes e enriquecedores. A comunidade é bastante humilde e todos os entrevistados conversavam com bastante entusiasmo e demonstraram satisfação em nos receber. De acordo com as informações dos entrevistados, percebeu-se que eles sentem falta de informações técnicas e atividades práticas que envolvam os moradores e os motive a desenvolver práticas sustentáveis.

O Povoado Miranda foi o terceiro a ser visitado e a aplicação dos questionários se deu nos dias 03 de julho e 06 de agosto de 2019. O acesso aos povoados sempre se dava pela rodovia SE-226 que dá acesso à cidade de Capela e às comunidades do entorno da mata (Figura 39). As visitas a essa comunidade foram permeadas de incertezas e dificuldades. A maioria dos moradores que tivemos contato quando da aplicação dos questionários, manifestou certo receio em nos receber e para responder as perguntas. Outros entrevistados foram bastante solícitos. Do total de entrevistados, 18 foram do sexo feminino e 02 do sexo masculino, na faixa etária entre 21 a 78 anos. Com relação à escolaridade, apenas uma pessoa

informou ter o ensino médio completo e quatro incompleto, 10 tem o ensino fundamental incompleto e cinco completaram o curso primário.

Dos participantes entrevistados no Povoado Miranda, obtiveram-se as seguintes respostas, conforme quadro 08:

QUADRO 08 – Informação dos entrevistados do Povoado Miranda

POVOADO MIRANDA			
	SIM	NÃO	NÃO SOUBE
Conhece plantas alimentícias não convencionais	19	01	X
Tem dificuldade de encontrar essas plantas na região	09	09	01
Existe época do ano adequada para a coleta	15	02	02
Cultiva alguma planta que utiliza na alimentação	05	14	X
Conhece PANC na UC mata do junco	01	18	X
Experimentaria planta alimentícia não convencional	07	13	X
Transmite seu conhecimento	07	12	X
Acredita que o saber e práticas populares podem desaparecer	15	04	X
Tem feito alguma coisa para evitar a extinção	02	17	X
Possui hábitos alimentares saudáveis	06	14	X
	NADA	ACONSELHAR	PLANTAR
Que tem feito para o conhecimento não desaparecer	18	X	01

Fonte: Trabalho de campo, 2020.

Organização: Cristiane Neyre Almeida de Jesus, 2020.

Dos 19 entrevistados que informaram conhecer as PANC, as espécies citadas foram: bertalia, bredo, língua-de-vaca, taioba, major-gomes, assafroa e tomatinho. Ao serem perguntados como adquirem essas plantas, sete participantes informaram que aparece no quintal, compra, cultiva, no canavial, em sítios e 12 informaram que não adquirem. Os sujeitos da pesquisa foram questionados sobre qual época do ano seria mais fácil encontrar as plantas, 15 informaram ser no inverno e cinco não souberam informar. Ao serem perguntados se fazem uso de PANC na alimentação diariamente, cinco confirmaram utilizar as PANC na alimentação, e citaram usar língua-de-vaca, taioba, major-gomes.

Quando perguntados se conhecem PANC na Mata do Junco, apenas uma pessoa respondeu que sim, mas não conseguiu lembrar o nome da planta. Ao serem questionados se experimentariam PANC, entre as 13 que responderam não, 11 informaram que não experimentariam por medo, um disse que “não gosta” e outro relatou: “tenho traumas de infância”. Quando perguntados quanto ao local onde as plantas podem ser encontradas, as 19

pessoas que informaram conhecer as PANC disseram que podem ser encontradas em sítio, canavial e mata, os outros cinco não souberam informar.

Ao serem questionados como conheceram as PANC, eles informaram ter sido através da sogra, da mãe, dos tios e dos avós. Perguntamos ainda, se atualmente o interesse dos jovens pelas plantas é maior ou menor que antigamente, 19 participantes responderam ser menor e um afirmou ser maior, pois atualmente eles têm acesso a vários cursos. Por fim, perguntamos se eles possuem hábitos alimentares saudáveis, seis disseram ter hábitos saudáveis e 14 acham que não.

Apesar do receio da maioria dos moradores em responder as perguntas do questionário, fomos recebidos com cordialidade e respeito. Os dois dias de entrevistas foram bastante produtivos e podemos afirmar que o contato com os moradores dessa comunidade enriqueceu nosso conhecimento.

A quarta comunidade em que foi realizada a aplicação dos questionários foi o Povoado Boa Vista, no dia 03 de outubro de 2019, onde contamos com o auxílio de uma pesquisadora (Figura 37). Essa comunidade foi marcada pela recepção de todos os moradores para conosco, fomos recebidas com bastante entusiasmo. Do total de entrevistados, 18 foram do sexo feminino e dois do sexo masculino, na faixa etária entre 18 a 76 anos. Com relação à escolaridade, duas pessoas informaram ter o ensino médio completo e três incompleto, 10 tem o ensino fundamental incompleto e apenas um completo, dois tem o primário completo e dois preferiram não informar.

Figura 37 – Realização de entrevistas no Povoado Boa Vista.



Fonte: Cristiane Neyre Almeida de Jesus, 2019.

Dos participantes entrevistados na Agrovila Santo Antônio, obtivemos as seguintes respostas, conforme quadro 09:

QUADRO 09 – Informação dos entrevistados do Povoado Boa Vista

POVOADO BOA VISTA			
	SIM	NÃO	NÃO SOUBE
Conhece plantas alimentícias não convencionais	13	07	X
Tem dificuldade de encontrar essas plantas na região	03	09	01
Existe época do ano adequada para a coleta	11	X	02
Cultiva alguma planta que utiliza na alimentação	05	08	X
Conhece PANC na UC mata do junco	04	09	X
Experimentaria planta alimentícia não convencional	07	13	X
Transmite seu conhecimento	09	04	X
Acredita que o saber e práticas populares podem desaparecer	14	06	X
Tem feito alguma coisa para evitar a extinção	03	17	X
Possui hábitos alimentares saudáveis	14	06	X
	NADA	ACONSELHAR	PLANTAR
Que tem feito para o conhecimento não desaparecer	10	02	01

Fonte: Trabalho de campo, 2020.

Organização: Cristiane Neyre Almeida de Jesus, 2020.

Nesse povoado, 13 entrevistados informaram conhecer as PANC, as espécies citadas foram: segurelha [*Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spreng], taioba, coentrão, bredo, maior-

gomes, língua-de-vaca, mamão-de-cerca (não identificado) e palma. Ao serem perguntados como adquirem essas plantas, seis participantes informaram que procuram no campo, pede aos vizinhos, no quintal, em canaviais e sete informaram que não adquirem. Foram questionados sobre qual época do ano seria mais fácil encontrar as plantas, 10 informaram ser no inverno, uma pessoa disse que seria no verão e dois não souberam informar. Ao serem perguntados se fazem uso de PANC na alimentação diariamente, cinco confirmaram utilizar as PANC na alimentação informaram usar segurelha, coentrão, major-gomes e língua-de-vaca.

Foram perguntados se conhecem PANC na Mata do Junco, quatro pessoas responderam que sim e citaram a taioba e língua-de-vaca. Ao serem questionados se experimentariam PANC, das oito que responderam não, cinco informaram que não experimentariam por medo, dois disseram que não gostam e um preferiu não responder, pois não soube informar o motivo. Quando questionados acerca do local onde as plantas podem ser encontradas, as 13 pessoas que informaram conhecer as PANC, disseram que podem ser encontradas em sítio, mata e canavial e duas não souberam informar.

Ao serem questionados como conheceram as PANC, os entrevistados informaram ter sido através dos mais antigos, citando como exemplo a mãe e a avó. Foi perguntado ainda, se atualmente o interesse dos jovens pelas plantas é maior ou menor que antigamente, 02 afirmam ser maior, pois “o conhecimento vem aumentando” o outro disse: *“os jovens andam procurando mais informação”*, 11 entrevistados consideram menor. Por fim, quando questionados acerca dos hábitos alimentares saudáveis, 14 disseram ter hábitos saudáveis e seis acharam que não.

As entrevistas realizadas no Povoado Boa Vista foram de fundamental importância na construção do conhecimento desse estudo através das experiências compartilhadas pelos moradores. Todos os moradores da comunidade demonstraram interesse e entusiasmo por terem participado da pesquisa.

O Povoado Estreito foi a quinta comunidade em que foi realizada a aplicação dos questionários, no dia 03 de outubro de 2019. Essa comunidade diferencia-se das outras, por ser a menor, se comparado com as outras comunidades estudadas nessa pesquisa, além de ser a mais carente, caracterizando-se como um povoado com pouquíssima infraestrutura e saneamento básico (Figuras 38 e 39). As entrevistas foram feitas na maioria das casas da única rua do povoado, mesmo com dificuldade de acesso, pois alguns moradores faziam uso

de entorpecentes na rua. Vale ressaltar que algumas pessoas se interessaram em responder a entrevista.

Figura 38 – Única rua do Povoado Estreito



Fonte: Cristiane Neyre Almeida de Jesus, 2019.

Figura 39 – Entrevista com morador do Povoado



Fonte: Cristiane Neyre Almeida de Jesus, 2019.

Foram entrevistados 12 moradores, desse total, 08 foram do sexo feminino e 04 do sexo masculino, na faixa etária entre 18 a 82 anos. Com relação à escolaridade, 03 pessoas informaram ter o ensino médio incompleto, 03 tem o ensino fundamental incompleto e 05 pessoas o fundamental completo, além de uma pessoa se identificando como analfabeta.

Dos participantes entrevistados no Povoado Estreito, obtiveram-se as seguintes respostas, conforme o quadro 10:

QUADRO 10 – Informação dos entrevistados do Povoado Estreito

POVOADO ESTREITO			
	SIM	NÃO	NÃO SOUBE
Conhece plantas alimentícias não convencionais	10	02	X
Tem dificuldade de encontrar essas plantas na região	06	03	01
Existe época do ano adequada para a coleta	10	X	X
Cultiva alguma planta que utiliza na alimentação	02	08	X
Conhece panc na uc mata do junco	X	10	X
Experimentaria planta alimentícia não convencional	05	07	X
Transmite seu conhecimento	06	04	X
Acredita que o saber e práticas populares podem desaparecer	11	01	X
Tem feito alguma coisa para evitar a extinção	03	09	X
Possui Hábitos Alimentares Saudáveis	11	01	X
	NADA	ACONSELHAR	PLANTAR
Que tem feito para o conhecimento não desaparecer	09	X	01

Fonte: Trabalho de campo, 2020.

Organização: Cristiane Neyre Almeida de Jesus, 2020.

Os 10 entrevistados que informaram conhecer as PANC citaram as seguintes espécies: taioba, bredo, major-gomes, língua-de-vaca, azedinho e segurelha. Ao serem questionados como adquirem essas plantas, quatro participantes informaram que compram, pedem aos vizinhos e plantam em casa, seis informaram que não adquirem essas espécies. Os sujeitos da pesquisa foram questionados sobre qual época do ano seria mais fácil encontrar as plantas, nove informaram ser no inverno e um informou que seria no verão. Ao serem perguntados se fazem uso de PANC na alimentação diariamente, duas pessoas confirmaram utilizar as PANC na alimentação, principalmente as seguintes espécies: bredo, major-gomes, língua-de-vaca e segurelha.

Nenhum dos entrevistados informou conhecer as PANC na Mata do Junco. Ao serem questionados se experimentariam PANC, das sete que responderam não, cinco informaram que não experimentariam por medo. Quando questionados acerca do local onde as plantas podem ser encontradas, as 10 pessoas que informaram conhecer as PANC disseram que podem ser encontradas na feira, em quintais, na mata e em canaviais, além de quatro que não souberam informar. Ao serem questionados como conheceram as PANC, eles informaram ter sido através dos mais antigos, citando como exemplo os pais, tia, padrasto e dos colegas de profissão.

Perguntamos ainda, se o interesse dos jovens pelas plantas atualmente é maior ou menor que antigamente, oito participantes responderam ser menor e dois afirmaram ser maior, estes citaram: *“A tecnologia ajuda a buscar mais conhecimento”* e *“as plantas aumentam e as pessoas querem saber sempre mais”*. Por fim, perguntamos se eles possuem hábitos alimentares saudáveis, 11 disseram ter hábitos saudáveis e apenas um afirmou que não.

A equipe de pesquisa foi bem recebida na comunidade, apesar do receio para entrevistar os moradores e houve dificuldade para fotografá-los. Notou-se que os indivíduos que residem no povoado são economicamente carentes e vários comentavam sobre o descaso da prefeitura de Capela com eles.

O Povoado Lagoa Seca foi o último a ser visitado para a aplicação dos questionários, que ocorreu no dia 08 de outubro de 2019. Os moradores informaram que o povoado tem esse nome por conta da lagoa que existe na entrada (Figura 40).

Figura 40 – Lagoa no Povoado Lagoa Seca.



Fonte: Cristiane Neyre Almeida de Jesus, 2019.

O Povoado Lagoa Seca compreende as residências que ficam situadas às margens da Rodovia Carlos Alberto Vasconcelos onde as residências que se situam dentro do povoado, estas últimas sem saneamento básico e o mínimo de condições básicas para aquela população (Figuras 41 e 42).

Figura 41 – Rua do Povoado Lagoa Seca



Fonte: Cristiane Neyre Almeida de Jesus, 2019.

Figura 42 – Esgoto a céu aberto



Fonte: Cristiane Neyre Almeida de Jesus, 2019.

Do total de entrevistados, 12 foram do sexo feminino e oito do sexo masculino, na faixa etária entre 22 e 86 anos. Com relação à escolaridade, três pessoas informaram ter o ensino médio completo e três incompleto, cinco tem o ensino fundamental incompleto e três concluíram o fundamental, quatro tem o primário incompleto e duas completaram esse nível de ensino.

Dos participantes entrevistados no Povoado Lagoa Seca, obtiveram-se as seguintes respostas, conforme o quadro 11:

QUADRO 11 – Informação dos entrevistados no Povoado Lagoa Seca

POVOADO LAGOA SECA			
	SIM	NÃO	NÃO SOUBE
Conhece plantas alimentícias não convencionais	17	03	X
Tem dificuldade de encontrar essas plantas na região	06	11	X
Existe época do ano adequada para a coleta	11	01	05
Cultiva alguma planta que utiliza na alimentação	06	11	X
Conhece panc na uc mata do junco	X	17	X
Experimentaria planta alimentícia não convencional	13	07	X
Transmite seu conhecimento	08	09	X
Acredita que o saber e práticas populares podem desaparecer	15	05	X
Tem feito alguma coisa para evitar a extinção	05	12	X
Possui hábitos alimentares saudáveis	10	10	X
	NADA	ACONSELHAR	PLANTAR
Que tem feito para o conhecimento não desaparecer	14	03	X

Fonte: Trabalho de campo, 2020.

Organização: Cristiane Neyre Almeida de Jesus, 2020.

Os 17 entrevistados desse povoado que informaram conhecer as PANC, citaram as seguintes espécies: bredo, taioba, major-gomes, língua-de-vaca, inhame-do-mato e mangolô (*Phaseolus lunatus*). Ao serem inquiridos sobre como adquirem essas plantas, oito participantes informaram que procuram na rua, pedem no quintal do vizinho, plantam no próprio quintal, procuram em canavial e na mata, além das 10 pessoas que informaram não adquirir tais espécies. Foram questionados também sobre qual época do ano seria mais fácil encontrar as plantas, e 11 informaram ser no inverno, um mencionou encontrar tais espécies em qualquer época e cinco não souberam informar.

Ao serem perguntados se fazem uso de espécies de PANC na alimentação diariamente, seis pessoas confirmaram utilizar as PANC na alimentação, principalmente bredo, major-gomes, língua-de-vaca, mangolô e taioba.

Nenhum dos entrevistados informou conhecer PANC na Mata do Junco. Ao serem questionados se experimentariam PANC, 13 informaram que sim e sete responderam que não experimentariam por medo. Quando perguntados qual o local onde as plantas podem ser encontradas, as 17 pessoas que informaram conhecer as PANC disseram que podem ser

encontradas em canavial, quintal, sítio e mata, além dos três não souberam informar. Ao serem questionados como conheceram as PANC, eles informaram ter sido através dos mais antigos, a exemplo de vizinhos, dos pais, dos familiares, amigos, colegas de profissão e um deles disse: “*conheci na época que trabalhava na roça*”. Perguntamos ainda, se o interesse dos jovens pelas plantas atualmente é maior ou menor que antigamente, 15 participantes consideraram ser menor, 04 ser maior e apenas um não soube responder.

Por fim, questionamos se eles possuem hábitos alimentares saudáveis, 10 disseram ter hábitos saudáveis e 10 acham que não. Os moradores do Povoado Lagoa Seca foram solícitos e corteses.

Foram aplicados 112 questionários nas 06 comunidades analisadas nesta pesquisa, a primeira pergunta do questionário foi referente ao conhecimento dos entrevistados referente às Plantas Alimentícias Não Convencionais, destes, 81,25% afirmaram conhecer as plantas. Entretanto, apenas 26,37% dos que conhecem, cultivam na alimentação diária.

A maioria dos entrevistados afirma conhecer as PANC, porém, não fazem uso diário na alimentação. Tal informação deve-se as mudanças nos hábitos alimentares, a mudança da geração detentora do conhecimento em receitas e a falta de interesse dos mais jovens. Já em relação às 24 pessoas que cultivam PANC na alimentação, conforme o quadro 12 as plantas citadas são:

Quadro 12 – Espécies utilizadas pelos entrevistados.

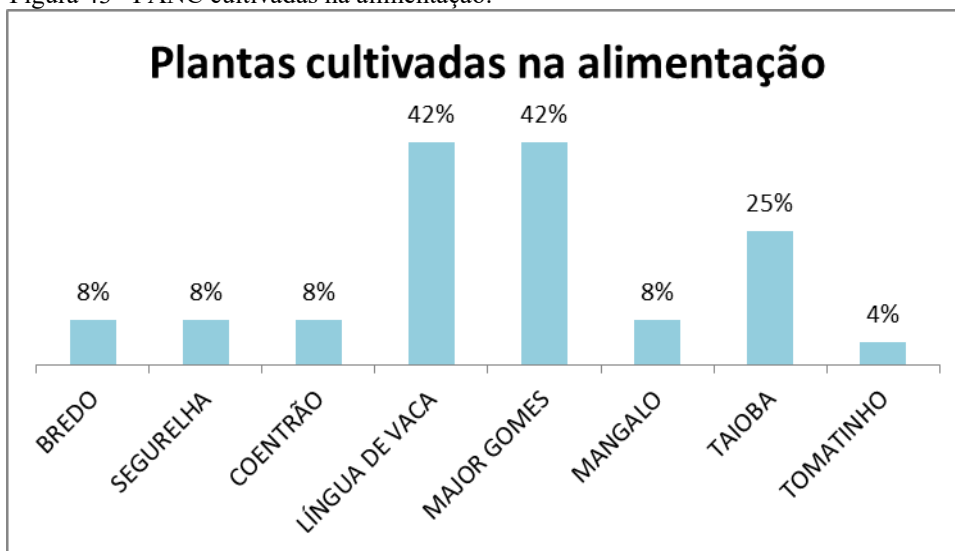
Plantas citadas:	Nome científico	Total
BREDO	Sem identificação	02
COENTRÃO	<i>Eryngium foetidum</i>	02
LÍNGUA DE VACA	Sem identificação	10
MAJOR GOMES	<i>Talinum paniculatum</i>	10
MANGOLÔ	<i>Phaseolus lunatus</i>	02
SEGURELHA	<i>Plectranthus amboinicus</i>	02
TAIOBA	<i>Xanthosoma sagittifolium</i>	06
TOMATINHO	<i>Lycopersicon sp.</i>	01

Fonte: Trabalho de campo, 2020.

Organização: Cristiane Neyre Almeida de Jesus, 2020.

Dentre as espécies cultivadas na alimentação consumidas pelos entrevistados (Figura 43), a língua-de-vaca corresponde a 41,67%, a major-gomes a 41,67% e a taioba corresponde a 25% das plantas.

Figura 43 –PANC cultivadas na alimentação.



Fonte: Cristiane Neyre Almeida de Jesus, 2020.

De acordo com o gráfico apresentado verifica-se o baixo consumo das demais espécies cultivadas que correspondem: bredo 8%, segurelha 8%, coentrão 8%, mangolô 8% e o tomatinho apenas 4%. Os resultados obtidos corroboram com o entendimento de Kinupp e Lorenzi (2014) que a humanidade não utiliza ou subutiliza espécies nativas que servem para complementação alimentar e diversificação dos nutrientes.

Em relação às pessoas que informaram conhecer as Plantas Alimentícias Não Convencionais, segue relação das citadas e a frequências de cada tipo (Quadro 13):

Quadro 13 – PANC citadas pelos entrevistados

Plantas citadas:	Nome científico	Total
ALECRIM	Sem identificação	01
ARATICUM	<i>Annona sp.</i>	02
ASSAFROA	<i>Bixa orellana</i>	01
AZEDINHO	<i>erva</i>	02
BERDUEGA	Sem identificação	01
BERTALIA	Sem identificação	01
BREDO	Sem identificação	26
CAXIXI	Sem identificação	01

COENTRÃO	<i>Eryngium foetidum</i>	07
FEIJÃO ANDU	<i>Cajanus cajan</i>	02
FOLHA DE MANDIOCA	<i>Manihot esculenta Crantz</i>	01
GANGORRA	<i>Fam. Solanaceae</i>	01
HORTELÃ	Sem identificação	01
INHAME DO MATO	Sem identificação	01
LÍNGUA DE VACA	Sem identificação	47
MACHU	Sem identificação	01
MAJOR GOMES	<i>Talinum paniculatum</i>	65
MAMÃO DE CERCA	<i>Não identificado</i>	01
MANGOLÔ	<i>Phaseolus lunatus</i>	02
PALMA	<i>Opuntia sp.</i>	02
QUIABO DE METRO	<i>Trichosanthes cucumerina</i> <i>L.</i>	01
SEGURELHA	<i>Plectranthus amboinicus</i>	06
SEMENTE DE MANDACARU	<i>Cereus jamacaru DC.</i>	01
TAIOBA	<i>Xanthosoma sagittifolium</i>	61
TAIOBINHA	Sem identificação	01
TANAJURA	Sem identificação	01
TOMATINHO	<i>Lycopersicon sp.</i>	54

Fonte: Trabalho de campo, 2020.

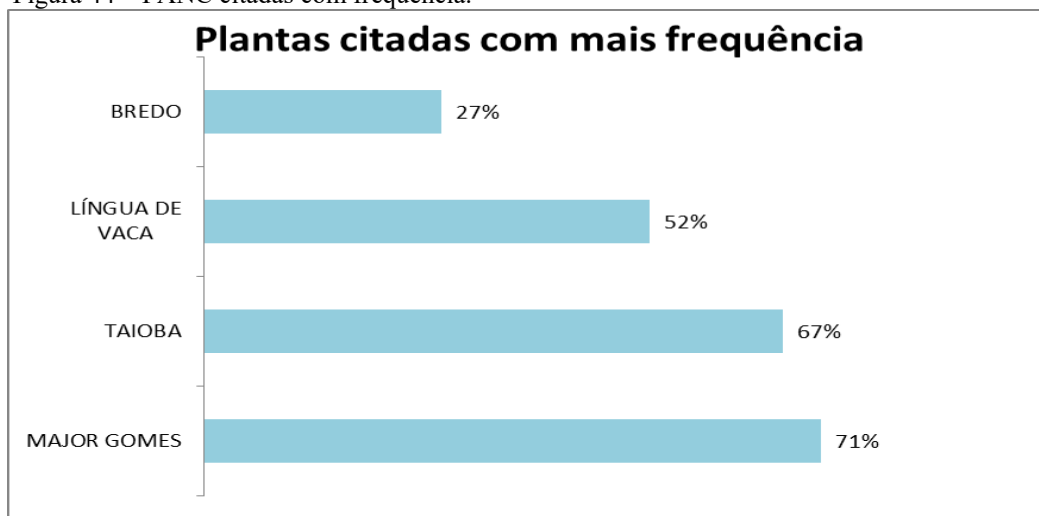
Organização: Cristiane Neyre Almeida de Jesus, 2020.

As espécies que se encontram sem identificação não foram localizadas para coleta e identificação, apenas citadas pelos entrevistados.

No trabalho realizado por Pardo-de-Santayana (2007), aponta-se que o uso de plantas espontâneas depende muito mais de fatores socioculturais do que de fatores biológicos. A troca de informações dentro da comunidade, preferência de sabor e valores culturais são razões para o consumo de determinadas espécies em detrimento de outras.

Dentre as espécies citadas no quadro 13 têm-se como dados obtidos as plantas com maior frequência que está representada na figura 44 tais como: major-gomes 71,43%, taioba com 67,03%, língua-de-vaca obteve 51,65% e bredo com 27,47%.

Figura 44 – PANC citadas com frequência.



Fonte: Trabalho de campo, 2020.

Organização: Cristiane Neyre Almeida de Jesus, 2020.

Pode-se perceber que o conhecimento das espécies citadas com mais frequência pelos entrevistados advém dos ensinamentos e experiências recebidos de seus antepassados. Porém, apesar de conhecidas pela maioria dos indivíduos não são utilizadas na alimentação diária por diversos fatores, tais como: falta de incentivo e de interesse, discriminação e pela praticidade dos alimentos industrializados.

Do total de entrevistados, em relação às pessoas que conhecem as PANC, apenas 12,09% conhecem alguma planta na Unidade de Conservação Reserva de Vida Silvestre Mata do Junco. Já em relação às pessoas que conhecem PANC, 87,91% desconhecem PANC na mata. Referente às pessoas que conheciam alguma planta alimentícia na mata, as citadas foram: Araçá (01 pessoa), araticum (01 pessoa), folhinha-roxa (01 pessoa), língua-de-vaca (05 pessoas), major-gomes (01 pessoa), maracujá-do-mato (01 pessoa), maria-preta (01 pessoa), murici (01 pessoa) e taioba (04 pessoas). Merece destaque que: araçá, folhinha-roxa, maracujá-do-mato, maria-preta e murici.

Percebeu-se que a maioria dos entrevistados tem pouco contato com a Mata do Junco, seja pela falta de interesse, pela rotina adquirida no dia a dia da população ou por questões políticas. Fato que retrata o alto número de entrevistados que desconhece espécies de PANC na Mata.

Quando perguntados se experimentariam Plantas Alimentícias Não Convencionais, 56,25% informaram que não experimentariam as PANC (Tabela 01). Entretanto, a partir da coleta, observa-se que 71,43% das pessoas que desconhecem as PANC também não

experimentariam, enquanto que 52,75% das pessoas que conhecem as PANC, não experimentariam novas plantas alimentícias. Para verificar se, de fato, há essa associação, foi calculado a razão de chances (RC):

$$RC = 2,2396$$

$$IC(RC) = [0,5055 ; 3,9849]$$

Tabela 01 –Relação entre conhecer e experimentar PANC

	Não experimental	Experimental	Total
Desconhece PANC	15	06	21
Conhece PANC	48	43	91
Total	63	49	112

Fonte: Trabalho de campo, 2020.

Organização: Eduardo Keidin Sera, 2020.

A partir desses cálculos, não se pode afirmar que há associação significativa entre esses dois fatores, ou seja, entre conhecer as espécies de PANC e experimentar. Ressalta-se ainda que dos indivíduos que desconhecem as PANC a grande maioria informou não experimentar.

Observa-se que a maioria dos entrevistados que desconhecem as espécies de plantas não experimentariam por falta de informação e divulgação. Estratégias de *marketing* e divulgação de PANC nas comunidades poderiam auxiliar ao conhecimento e à diversificação.

Referente às pessoas que não experimentariam PANC, as justificativas apresentadas foram as seguintes (Quadro 14):

Quadro 14 – Justificativas para não experimentar PANC.

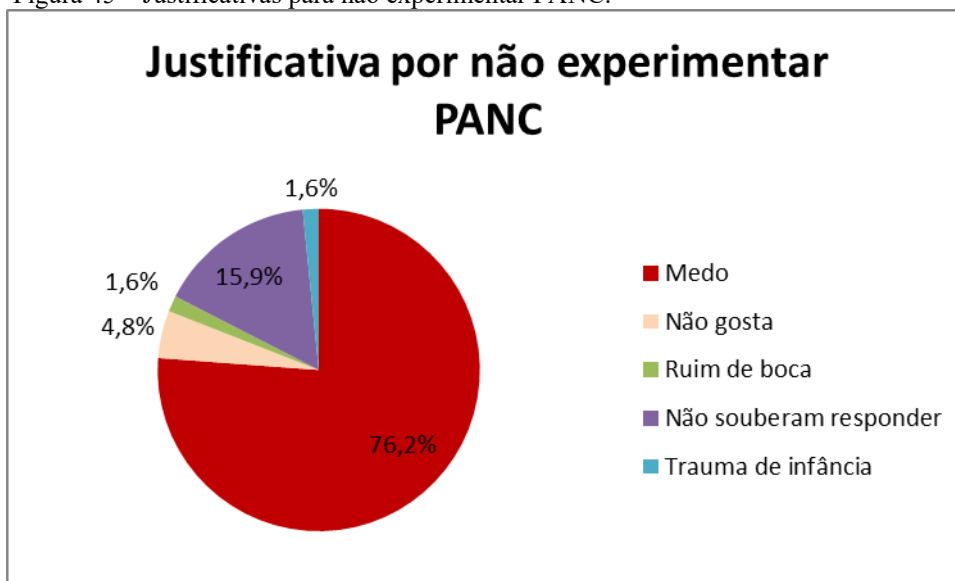
Medo	48
Não gosta	03
Ruim de boca	01
Não souberam responder	10
Trauma de infância	01

Fonte: Trabalho de campo, 2020.

Organização: Cristiane Neyre Almeida de Jesus, 2020.

Dentre as justificativas, na maioria dos casos, os entrevistados relataram que tinham medo de comer alguma planta desconhecida e ela ser venenosa (Figura 45). Um dos participantes relatou: “Tenho trauma de infância, era a única coisa que a gente comia, ou comia as plantas ou ficava com fome”.

Figura 45 – Justificativas para não experimentar PANC.



Fonte: Trabalho de campo, 2020.

Organização: Cristiane Neyre Almeida de Jesus, 2020.

Percebeu-se que dez indivíduos não souberam responder porque não experimentaria as PANC. E um entrevistado considerou-se não ingerir todos os tipos de alimentos. Apesar de três entrevistados terem informado que não experimentariam por não gostar, conclui-se que não tem como não gostar de algo que não se experimentou.

Em relação às pessoas que conhecem as PANC, praticamente metade não transmite o conhecimento e outra metade transmite o conhecimento, 49,45% das pessoas que conhecem PANC não transmitem o conhecimento e 97,83% transmitem oralmente (via fala).

Em relação às pessoas que transmitem o conhecimento, segue relação das formas de transmissão (Quadro 15):

Quadro 15 – Formas de transmissão de conhecimento

Oralmente	45
Gestos	01
Receitas	04

Fonte: Trabalho de campo, 2020.

Organização: Cristiane Neyre Almeida de Jesus, 2020.

Destes 97,83% que transmitem o conhecimento oralmente (via fala), 8,70% transmitem via receitas e 2,17% transmitem o conhecimento através de gestos.

No trabalho realizado por Carneiro (2004), a respeito das plantas alimentícias a autora constatou que o conhecimento e uso das espécies alimentícias ruderais está atrelado à

transmissão oral, dos mais velhos para os mais novos. Segundo a autora, as gerações mais novas, não utilizam certas espécies na mesma proporção que as gerações anteriores, ainda que ela não considere esse fato determinante para o desaparecimento das espécies.

Em relação às pessoas que conhecem as Plantas Alimentícias Não Convencionais, 81,32% não fazem algo para evitar a extinção destas. Dentre os 18,68% que afirmaram fazer algo, segue relação das formas que eles utilizam para evitar tal extinção (Quadro 16):

Quadro 16 – Formas de evitar a extinção das PANC

Planta e/ou cuida de planta	14
Não coloco droga na planta	02
Sensibilizando as pessoas	01

Fonte: Trabalho de campo, 2020.

Organização: Cristiane Neyre Almeida de Jesus, 2020.

Fica nítida a falta de empenho e interesse no tocante à práticas para evitar a extinção das espécies pelos entrevistados.

Das 17 pessoas que afirmaram fazer algo para evitar a extinção das plantas, 14 mencionaram que plantam e cuidam, duas informaram que não utilizam agrotóxicos nas espécies e apenas uma afirmou que buscar sensibilizar as pessoas quanto a necessidade de preservar essas plantas.

Foi perguntado se os entrevistados têm tomado alguma atitude para evitar a extinção das PANC por eles utilizadas. Dentre as pessoas que fazem algo para evitar a extinção das Plantas Alimentícias Não Convencionais 82,35% plantam e/ou cuidam das PANC, 11,76% não utilizam agrotóxicos e 5,88% sensibilizam as pessoas (Figura 46).

Figura 46 – Formas de evitar a extinção das PANC.



Fonte: Trabalho de campo, 2020.

Organização: Cristiane Neyre Almeida de Jesus, 2020.

A última pergunta do questionário foi se eles consideravam ter hábitos alimentares saudáveis. Foram obtidos os seguintes resultados (Tabela 02):

Tabela 02 – Relação entre conhecer e hábitos saudáveis

Hábitos saudáveis	NÃO	SIM	Total
Desconhece PANC	11	10	21
Conhece PANC	42	49	91
Total	53	59	112

Fonte: Trabalho de campo, 2020.

Organização: Eduardo Keidin Sera, 2020.

Do total de entrevistados, 47,32% informaram não possuir hábitos saudáveis. Ao considerar o conhecimento/desconhecimento sobre as PANC, entre “desconhecidos” houve prevalência de pessoas sem hábitos saudáveis e entre “conhecidos” houve prevalências de pessoas com hábitos saudáveis. No intuito de verificar se, de fato, há associação entre conhecimento das PANC com hábitos alimentares saudáveis, foi aplicado um teste qui-quadrado. Do resultado, deste teste estatístico foi 0,2654 (p-valor igual a 0,6064), ou seja, não há evidências para afirmar que há associação entre a presença/ausência de hábitos saudáveis e o conhecimento/desconhecimento das Plantas Alimentícias Não Convencionais.

Foi analisada a associação entre a presença de hábitos saudáveis e o consumo de PANC (na alimentação). De acordo com o teste qui-quadrado, obteve-se p-valor de 0,1215, ou seja, não há evidências suficientes para afirmar que há associação entre os supracitados fatores (Tabela 03).

Tabela 03 – Relação entre cultivar na alimentação X hábitos saudáveis

Relação	Não come PANC	Come PANC	Total
Sem hábitos saudáveis	45	8	53
Com hábitos saudáveis	43	16	59
Total	88	24	112

Fonte: Trabalho de campo, 2020.

Organização: Eduardo Keidin Sera, 2020.

Percebeu-se que a maioria dos moradores das comunidades do entorno da Unidade de Conservação Reserva de Vida Silvestre Mata do Junco conhecem as Plantas Alimentícias Não Convencionais, porém não consomem ou pouco utilizam na alimentação. Os hábitos alimentares restritos às plantas alimentícias convencionais, a falta de divulgação das propriedades nutritivas, facilidades de cultivo das PANC; a facilidade no consumo de comidas

industrializadas e o preconceito em fazer uso de “mato” na alimentação são fatores que contribuem para a não utilização dessas plantas pelos moradores dessas comunidades.

Segundo Carneiro (2004), as plantas ruderais, ou plantas espontâneas alimentícias não convencionais, podem ser importante complemento nutricional, além de estar envolvidas na manutenção de práticas culturais tradicionais.

Algumas dificuldades foram encontradas na comparação dos resultados com outros trabalhos, pela abordagem deste trabalho se dá em comunidades rurais e o foco foi em espécies alimentícias (excluindo as medicinais) o que pode impossibilitar a comparação dos dados.

Notou-se, durante esse estudo, que a maioria dos entrevistados conhece as Plantas Alimentícias Não Convencionais, porém não utilizam na alimentação, nem como fonte de renda. Os motivos pelos quais não utilizam, eles não souberam ou não quiseram responder. Dentre as pessoas que conhecem PANC, segue cruzamento (Tabela 04) das duas referidas variáveis ao desconsiderar 05 respostas (que não souberam opinar):

Tabela 04 – Relação de PANC na alimentação X dificuldade para encontrar PANC

Tem dificuldade de encontrar?	NÃO usa na alimentação	Usa na alimentação	Total
NÃO	33	17	50
SIM	29	07	36
Total	62	24	86

Fonte: Trabalho de campo, 2020.

Organização: Eduardo Keidin Sera, 2020.

Questionados sobre as dificuldades de encontrar as PANC, 54,95% informaram não ter dificuldades de encontrá-las, 39,56% informaram que existe dificuldade de encontrar as PANC. Os demais 5,49% não souberam opinar.

Em relação às pessoas que conhecem as PANC e souberam opinar, mas apresentam dificuldade em encontrá-las, foi aplicado um teste qui-quadrado para analisar se há associação entre essa dificuldade e o consumo (ou não) na alimentação. Do teste, obteve-se p-valor de 0,1376, ou seja, não há evidências suficientes para afirmar que há associação entre a dificuldade em encontrar PANC e a utilização dela na alimentação.

Os respondentes foram indagados se o saber e as práticas populares relacionadas às PANC podem desaparecer com o tempo. Do resultado, 23,21% responderam que não e

75,89% responderam que sim. Uma única pessoa (que representa menos de 1%) considerou que no “*interior não, na cidade sim*”.

Referente às respostas positivas (que acreditam no possível desaparecimento do conhecimento sobre as PANC), seguem as medidas que fazem para evitar esse desaparecimento (Tabela 05):

Tabela 05 – Medidas para evitar desaparecimento das PANC.

ACONSELHA AS PESSOAS	01	1,18%
COLOCA ÁGUA	01	1,18%
CONVERSANDO	02	2,35%
CONVERSO COM FAMÍLIA	03	3,53%
CUIDO EM CASA	01	1,18%
DIVULGA A TAIOBA AO MÁXIMO	01	1,18%
FAZ RECEITAS	01	1,18%
NADA	75	88,24%

Fonte: Trabalho de campo, 2020.

Organização: Cristiane Neyre Almeida de Jesus, 2020.

É notório que apesar da maioria dos entrevistados acreditarem no possível desaparecimento das Plantas Alimentícias Não Convencionais, a maioria deles declara nada fazer para evitar o desaparecimento e a extinção delas. Daí, a necessidade de fomentar estudos etnobotânicos com vistas a sensibilizar a população e resgatar o conhecimento empírico.

O uso das PANC está intimamente ligado à questão familiar, ou seja, de legado, onde uma pessoa mais velha ou que tenha conhecimentos sobre o preparo e manuseio das espécies, passa uma receita a seus jovens e assim os conhecimentos se perpetuam. Isso foi bastante explícito durante as leituras e coleta de dados, pois as pessoas não consomem o que não conhece, por isso a referência de um familiar, de um amigo ou de um conhecido é o que de fato faz com que as espécies de PANC sejam utilizadas.

É possível que em poucos anos algumas das plantas identificadas nesse estudo, consideradas não convencionais, tenham o seu uso mais restrito, ao ponto de não serem mais conhecidas e utilizadas, ou até mesmo extintas, pois inclusive podem desaparecer do cultivo, outras continuarão como plantas espontâneas, mas os saberes a elas atrelados podem não estar mais presentes na comunidade, além de ser fonte alternativa de alimentação, podem ser fontes de nutrientes absolutamente necessárias.

Como sugestões de medidas que poderiam ser adotadas, seria recomendável que houvesse apoio à transmissão desses conhecimentos, a criação de hortas escolares e sua

utilização na merenda, investimento da prefeitura nas escolas, além de incentivos para eventos na Unidade de Conservação Reserva de Vida Silvestre Mata do Junco pelo Governo do Estado de Sergipe.

O papel da divulgação dessas espécies associadas à sua importância, são um marco primordial para a disseminação desses conhecimentos que não podem ser apagados das gerações futuras.

CAPÍTULO 4 -
DESAFIOS PARA A UTILIZAÇÃO DAS
PANC: DESUSO OU FALTA DE
CONHECIMENTO?

4.1. O papel da divulgação das Plantas Alimentícias Não Convencionais

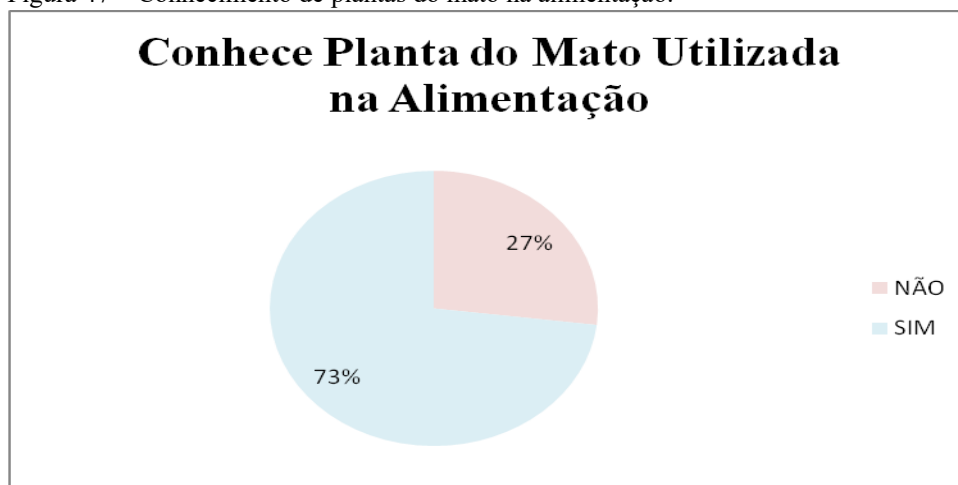
A partir do que já foi exposto neste estudo, realizou-se uma oficina de propagação de PANC no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe, onde os alunos demonstraram bastante interesse pelas atividades, pois eles se sentiram motivados através do contato direto com o objeto deste estudo. Percebeu-se que a prática estimulou o aprendizado, pois os estudantes saíram da rotina de aulas expositivas tradicionais e participaram ativamente do conhecimento.

Foram realizadas atividades, tais como, aplicação de questionários no início e no final da atividade para comparar o conhecimento dos alunos referente às PANC, explanação acerca dos tipos de propagação e da conservação ambiental, com utilização de Datashow, atividade prática onde eles tiveram a oportunidade de realizar a propagação sexuada (por semente), propagação vegetativa natural (parte da planta) e propagação vegetativa artificial (estaquia).

Na segunda etapa da atividade, os estudantes tiveram oportunidade de observar os resultados dos experimentos e a propagação de cada espécie utilizada. Houve enraizamento e brotação de estacas de ora-pro-nobis (*Pereskia aculeata*) e palma-miúda, assim como germinação de sementes de feijão-guandu e do cacto coroa-de-frade (*Melocactus zehntineri*) e distribuição das mudas propagadas na primeira etapa.

Quanto à aplicação do questionário para observar o nível de conhecimento dos alunos, uma das perguntas foi se eles conheciam alguma planta do mato que poderia ser utilizada na alimentação. Diante desse questionamento, obteve-se o seguinte resultado (Figura 47).

Figura 47 – Conhecimento de plantas do mato na alimentação.



Fonte: Trabalho de campo, 2020.

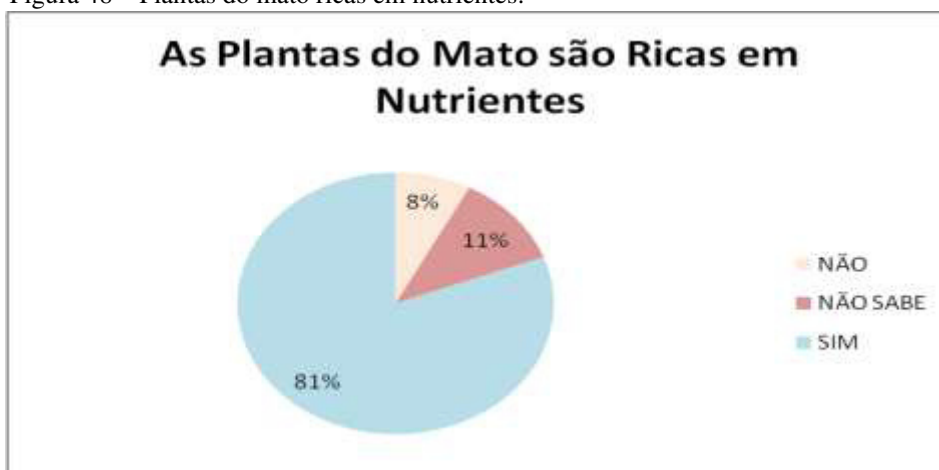
Organização: Cristiane Neyre Almeida de Jesus, 2020.

Dos 26 participantes, 73% manifestaram conhecimento em alguma planta do mato utilizada na alimentação e 27% disseram não conhecer.

Na pergunta seguinte, foi solicitado que eles informassem quais as plantas que eles conhecem. Os 73% que afirmaram conhecer, citaram as seguintes espécies: repolho, alface, hortelã, folha-de-louro, cenoura, brócolis, beterraba, tomate, caju, laranja, manga, acerola, morango, cacto, coentro, couve-flor, cebolinha, cidreira, milho, cogumelo, maracujá, macaxeira, banana, feijão, melancia, cogumelo, amendoim, batata, inhame, mamão, limão, goiaba, mastruz entre outras. Pode-se observar que eles conhecem as plantas convencionais, mas não conhecem PANC.

Em outra questão, foi indagado se eles acham que as plantas do mato são ricas em nutrientes (Figura 48).

Figura 48 – Plantas do mato ricas em nutrientes.



Fonte: Trabalho de campo, 2020.

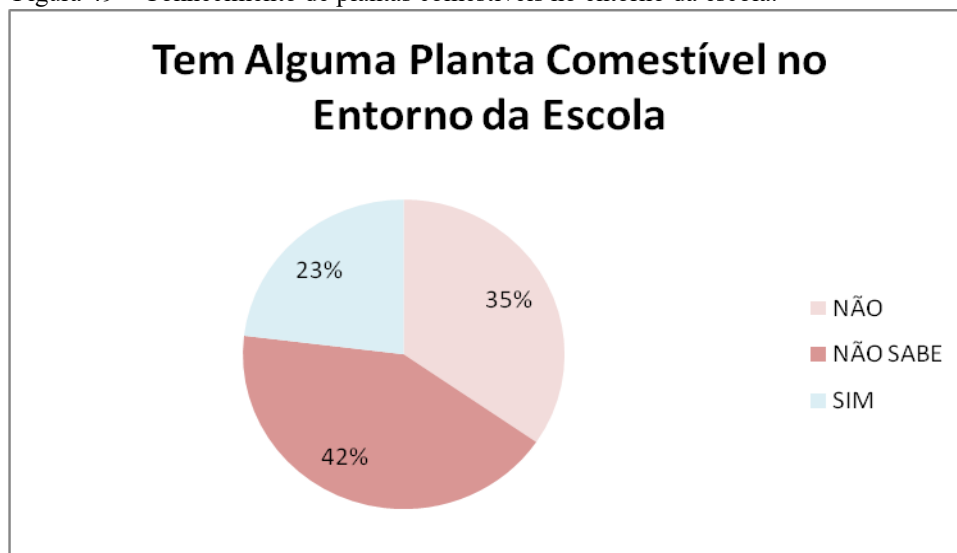
Organização: Cristiane Neyre Almeida de Jesus, 2020.

Quando questionados acerca dos motivos que os levaram a responder em relação aos nutrientes, quatro alunos não souberam responder e 22 não conseguiram explicar o porquê de essas plantas serem nutritivas. Os discentes foram indagados como é feito o preparo dessas plantas no uso culinário, 16 alunos justificaram que as plantas são lavadas e levadas ao fogo e 10 não souberam responder.

Em outra questão, perguntamos quais as plantas que poderiam ser encontradas no entorno da escola e se alguma seria comestível. A maioria dos alunos não sabia informar, seis participantes disseram que tinha mangueira e outras árvores e nove discentes disseram não ter nenhuma planta comestível no entorno da escola (Figura 49). A escola em questão fica

localizada no campus universitário, com muitas plantas frutíferas na arborização: cajueiros, coqueiros, goiabeiras etc. Mesmo assim, a maioria dos alunos demonstraram desconhecer a natureza que os cerca.

Figura 49 – Conhecimento de plantas comestíveis no entorno da escola.



Fonte: Trabalho de campo, 2020.

Organização: Cristiane Neyre Almeida de Jesus, 2020.

Em uma das questões, elencaram-se diversas plantas alimentícias não convencionais e foi solicitado que eles marcassem as plantas que eles conheciam e informassem a sua utilização. Do total dos participantes, 62% não souberam responder, quatro informaram conhecer o coentrão e utilizá-lo na comida, dois disseram que o cacto faz parte da decoração da casa, três responderam que o cacto é utilizado para alimentação do boi e apenas um participante disse que o cacto faz parte da alimentação humana.

A utilização do cacto na alimentação humana é quase que restrita a alguns moradores do sertão, por restrições de cultivo de plantas alimentícias convencionais em épocas de seca. Atualmente, o consumo de alguns tipos de cactos, como a palma (caule), mandacaru (fruto) e a pitaya (fruto) tem sido divulgado através de trabalhos técnicos (Domingos, 2017) e em diversos meios de comunicação.

De acordo com os resultados obtidos nesta pesquisa, conclui-se que os estudantes do 6º ano do CODAP têm pouco conhecimento geral sobre as plantas e suas formas de propagação. No entanto, participaram com bastante interesse das atividades propostas nesta pesquisa, o que pressupõe um impacto positivo na percepção dos estudantes sobre o tema abordado.

Confrontando os dados obtidos nas comunidades do entorno da Mata com a oficina realizada no Colégio de Aplicação, percebeu-se que a maioria dos entrevistados das comunidades conhece PANC, mas não fazem uso, já os alunos que responderam questionário não têm conhecimento sobre as espécies de PANC, tal dado reflete a falta de informação e divulgação de geração em geração.

As oficinas foram importantes para a sensibilização desses estudantes no tocante às Plantas Alimentícias Não Convencionais. Para a maioria, foi o primeiro contato com outras perspectivas nutricionais, para além do convencional.

Ações de Educação Ambiental precisam fazer parte das atividades permanentes da Educação Básica, de forma crítica, indo além daquelas comemorações que são estanques ao longo do ano e não despertam a sensibilidade do aluno e nem seu olhar crítico.

Para que as Plantas Alimentícias Não Convencionais possam ser utilizadas, consumidas e conhecidas, essas espécies precisam ser divulgadas. A ausência ou a indevida divulgação dessas espécies está associado ao fato de não serem consumidas e devidamente utilizadas. Salienta-se que a divulgação poderia ser realizada em exposições, feiras, eventos e até mesmo um guia de espécies por região. Vale frisar que a divulgação científica deve ser feita de forma clara, fácil e fidedigna, além de alimentar na população o interesse de buscar fontes sobre as espécies de forma clara e real.

É importante lembrar das palavras de Castelo Branco (2014) de que a divulgação científica reside na transformação dos conceitos científicos, através de uma linguagem mais simples e adequada ao público leigo.

Entende-se que a divulgação das PANC é necessária para que o devido conhecimento seja repassado às pessoas. O conhecimento sobre essas espécies vai além da alimentação, perpassa a questão alimentar, influencia os saberes tradicionais e também está ligada a saúde da população.

Não é possível, contudo, detectar se já houve uso no passado e ele desapareceu, ou se essas espécies nunca foram utilizadas pela população. A tendência é que, cada vez menos essas plantas sejam utilizadas pela população.

4.2. As oficinas realizadas com as comunidades do Entorno da Unidade de Conservação

No dia 13 de novembro de 2019, às 14h, realizou-se a primeira oficina de degustação e propagação de plantas, no Povoado Terra Dura, na residência da Senhora Raimunda, que

anteriormente exercia a função de presidente da Associação dos Moradores do Povoado. Esta senhora possui ligação com todos os moradores do Povoado e se mostrou interessada com os objetivos da pesquisa (Figura 50).

Figura 50 – Anfitriã da oficina no Povoado Terra Dura



Fonte: Cristiane Neyre Almeida de Jesus, 2019.

Nesse dia, contou-se com a participação de 20 moradores, entre eles, três crianças. Inicialmente, realizou-se a dinâmica de acolhida, onde os participantes tiveram a oportunidade de se apresentar e compartilhar algumas experiências sobre Plantas Alimentícias Não Convencionais. Percebeu-se o interesse e interação entre os sujeitos da pesquisa e a equipe da pesquisa. Os recursos didáticos utilizados foram: banners, que continham além dos tópicos abordados, fotografias das espécies e as técnicas de propagação de plantas (Figura 51 e 52).

Figura 51 – Momento de explanação na oficina.



Fonte: Cristiane Neyre Almeida de Jesus, 2019.

Figura 52 – Participantes da oficina na Terra Dura.



Fonte: Cristiane Neyre Almeida de Jesus, 2019.

Foi feita uma breve explanação sobre a importância e as formas de propagação de plantas, destacando, sobretudo a importância da conservação, valorização e participação de todos nesse processo. Foram suscitadas discussões acerca do valor das plantas e da conservação do ambiente para manutenção da biodiversidade e a relevância da propagação das espécies. Em relação à compreensão das técnicas de propagação apresentadas, 100% afirmaram ter compreendido.

A posteriori, foi ministrada uma palestra ressaltando a importância do cultivo e das Plantas Alimentícias Não Convencionais como alimento alternativo. Após a realização da palestra, os sujeitos foram questionados quanto aos conhecimentos adquiridos durante a oficina e todos os presentes consideraram importante a ocorrência de atividades como aquela.

Na segunda parte da oficina, realizou-se a degustação de suco, geleia e mousse de maracujá-do-mato, tendo havido boa recepção por parte dos participantes. Após a degustação de alimentos com PANC, eles tiveram a oportunidade de participar de um lanche da tarde. Cabe ressaltar que todos os presentes demonstraram estar interessados com o evento (Figura 53).

Figura 53 – Participantes da oficina de degustação e propagação de plantas no Povoado Terra Dura.



Fonte: Cristiane Neyre Almeida de Jesus, 2019.

Por fim, realizou-se um sorteio de 10 cartilhas com os presentes, além da distribuição de estacas de ora-pro-nobis (*Pereskia aculeata*) para todos os participantes presentes. Todos os participantes afirmaram ter gostado da oficina.

No dia 20 de novembro de 2019, às 15h, realizou-se a segunda oficina de degustação e propagação de plantas, que ocorreu no Povoado Miranda, na Escola Municipal Professora Maria da Conceição Barreto Alves Souza, com o imprescindível apoio de pesquisadores. A diretora da escola, Professora Djalma, cedeu prontamente o espaço para realização da oficina.

Nesse dia, houve o registro de 10 moradores, entre eles, duas crianças. O número pequeno de participantes deu-se devido ao feriado do dia da Consciência Negra, em que muitos moradores estavam envolvidos em outras atividades. Inicialmente, realizou-se a dinâmica de acolhida, onde os participantes tiveram a oportunidade de se apresentar e compartilhar algumas experiências sobre Plantas Alimentícias Não Convencionais. Os recursos didáticos utilizados nessa oficina foram: banners, que continham além dos tópicos abordados, fotografias das espécies e as técnicas de propagação de plantas.

Realizou-se uma breve explanação sobre a importância e as formas de propagação de plantas, destacando, sobretudo a importância da conservação, valorização e participação de todos nesse processo (Figura 54). Foram suscitadas discussões acerca do valor das plantas e da conservação do ambiente para manutenção da biodiversidade e a relevância da propagação das espécies. Em relação à compreensão das técnicas de propagação apresentadas, 100% afirmaram ter compreendido.

Figura 54 – Explanação na oficina do Povoado Miranda



Fonte: Cristiane Neyre Almeida de Jesus, 2019.

A posteriori, realizou-se uma palestra ressaltando a importância do cultivo e das Plantas Alimentícias Não Convencionais como alimento alternativo. Após a realização da palestra, os participantes foram questionados quanto aos conhecimentos adquiridos durante a oficina e todos os presentes consideraram importante a ocorrência de atividades como aquela.

Na segunda parte da oficina, realizou-se a degustação de suco, geleia e mousse de maracujá-do-mato, sempre com destaque para o interesse dos participantes nas atividades desse estudo (Figura 55). Nesse momento, os moradores ficaram com receio de experimentar os alimentos e disseram que somente experimentariam se os pesquisadores envolvidos degustassem junto com eles. Após a degustação de alimentos com PANC, eles tiveram a oportunidade de participar de um lanche da tarde. Cabe ressaltar que os presentes, mesmo com medo, experimentaram e demonstraram estar bastante satisfeitos com a participação no evento.

Figura 55 – Degustação dos alimentos no Miranda.



Fonte: Cristiane Neyre Almeida de Jesus, 2019.

Figura 56 – Participantes da oficina no Miranda.



Fonte: Cristiane Neyre Almeida de Jesus, 2019.

Por fim, foram distribuídas as cartilhas já mencionadas aos presentes, além da distribuição de estacas de ora-pro-nobis (*Pereskia aculeata*) com os moradores (Figura 56). Todos os participantes afirmaram ter gostado da oficina.

A terceira oficina de degustação e propagação de plantas realizou-se dia 27 de novembro de 2019 às 14h, a mesma ocorreu na Escola Municipal Rural da Boa Vista no Povoado Boa Vista. A diretora da escola dona Maria, cedeu o pátio da escola para realizarmos a atividade. Gratidão pela disponibilidade e recepção.

Nesse dia, houve registro de participação de 14 adultos e 29 alunos do 6º e 7º ano do ensino fundamental, no turno vespertino da referida escola, com moradores do Povoado Boa Vista e do Povoado Estreito. Destaca-se que para realizar esta oficina, houve o apoio de outros pesquisadores. Inicialmente, realizou-se a dinâmica de acolhida, onde os participantes tiveram a oportunidade de se apresentar e compartilhar algumas experiências sobre Plantas Alimentícias Não Convencionais, demonstrando interesse e interação entre eles e os pesquisadores (Figuras 57 e 58).

Figura 57 – Dinâmica de acolhida na oficina.



Fonte: Cristiane Neyre Almeida de Jesus, 2019.

Figura 58 – Compartilhamento de experiências.



Fonte: Cristiane Neyre Almeida de Jesus, 2019.

Percebe-se que um momento de atividade prática estimula o aprendizado, uma vez que os alunos são retirados da rotina de aulas expositivas e são convidados a participar ativamente do processo de construção do conhecimento. Os recursos didáticos utilizados foram: banners que continham além dos tópicos abordados, fotografias das espécies e as técnicas de propagação de plantas.

Realizou-se, ainda, uma breve explanação sobre a importância e as formas de propagação de plantas, destacando, sobretudo a importância da conservação, valorização e participação de todos nesse processo. Foram suscitadas discussões acerca do valor das plantas e da conservação do ambiente para manutenção da biodiversidade e a relevância da propagação das espécies. Quando arguidos acerca da dificuldade de entendimento referente à compreensão das técnicas de propagação apresentadas, 100% afirmaram ter compreendido.

A posteriori, realizou-se uma palestra ressaltando a importância do cultivo e das Plantas Alimentícias Não Convencionais como alimento alternativo. Após a realização da palestra, os sujeitos foram questionados quanto aos conhecimentos adquiridos durante a oficina e todos os presentes consideraram importante a ocorrência de atividades como aquela,

inclusive alguns participantes ratificaram a necessidade de envolver moradores das comunidades em eventos dessa natureza, “*a gente se sente importante*”, disse um dos participantes. Crianças e adolescentes sentem-se mais motivados a aprender quanto têm contato direto com o objeto de estudo (Figura 59).

Figura 59 – Alunos da Escola Municipal Rural da Boa Vista



Fonte: Cristiane Neyre Almeida de Jesus, 2019.

Na segunda parte da oficina, realizou-se a degustação de suco, geleia e mousse de maracujá-do-mato com os presentes. As receitas apresentadas com Plantas Alimentícias Não Convencionais causaram surpresa e todos comentaram que jamais imaginaram que pudesse provar comidas tão saborosas com plantas desconhecidas. Após a degustação de alimentos com PANC, os sujeitos da pesquisa tiveram a oportunidade de participar de um lanche da tarde. Cabe ressaltar que todos os presentes demonstraram estar bastante envolvidos com o evento (Figura 60).

Figura 60 – Degustação na oficina do Povoado Boa Vista



Fonte: Cristiane Neyre Almeida de Jesus, 2019.

Por fim, distribuíram-se cartilhas para os adultos presentes (Figura 61), para as professoras e disponibilizaram-se duas cópias para a biblioteca da escola, além da distribuição de estacas de ora-pro-nobis (*Pereskia aculeata*) para todos os participantes presentes, que sempre demonstravam interesse com as oficinas.

Figura 61 – Morados do Povoado Boa Vista e do Povoado Estreito



Fonte: Cristiane Neyre Almeida de Jesus, 2019.

No dia 04 de dezembro de 2019, às 15h, foi realizada a quarta e última oficina de degustação e propagação de plantas, na Sede da Unidade de Conservação Reserva de Vida Silvestre Mata do Junco. Para realização desta, houve a participação do coorientador da pesquisa e outra pesquisadora do PRODEMA.

Nesse dia, registrou-se a participação de 11 adultos e 22 alunos do 7º e 8º ano do ensino fundamental, do turno vespertino da Escola Municipal Rural Lagoa Seca, além dos moradores da Agrovila Santo Antônio e do Povoado Lagoa Seca. Inicialmente, assim como nas demais oficinas, realizou-se a dinâmica de acolhida, onde os participantes tiveram a oportunidade de se apresentar e compartilhar algumas experiências sobre Plantas Alimentícias Não Convencionais (Figura 62).

Um momento de atividade prática estimula o aprendizado, uma vez que os alunos são retirados da rotina de aulas expositivas e são convidados a participar ativamente do processo de construção do conhecimento. Os recursos didáticos utilizados foram: banners que continham além dos tópicos abordados, fotografias das espécies e as técnicas de propagação de plantas.

Figura 62 – Dinâmica de acolhida com participantes.



Fonte: Cristiane Neyre Almeida de Jesus, 2019.

Realizou-se uma breve explanação sobre a importância e as formas de propagação de plantas, destacando, sobretudo a importância da conservação, valorização e participação de todos nesse processo. Foram suscitadas discussões acerca do valor das plantas e da conservação do ambiente para manutenção da biodiversidade e a relevância da propagação

das espécies. Quando questionados acerca da dificuldade de entendimento referente à compreensão das técnicas de propagação apresentadas, alunos e moradores demonstraram ter compreendido (Figura 63).

Figura 63 – Explicação na oficina da Sede da Mata do Junco.



Fonte: Cristiane Neyre Almeida de Jesus, 2019.

A posteriori, realizou-se uma palestra, ressaltando a importância do cultivo das Plantas Alimentícias Não Convencionais como alimento alternativo. Após a realização da palestra, os participantes foram arguidos quanto aos conhecimentos adquiridos durante a oficina e todos consideraram importante a ocorrência de atividades como aquela. Crianças e adolescentes sentem-se mais motivados a aprender quanto têm contato direto com o objeto de estudo (Figura 64).

Figura 64 – Participantes da oficina na Sede da UC na Mata do Junco.



Fonte: Cristiane Neyre Almeida de Jesus, 2019.

Na segunda parte da oficina, houve a degustação de suco, geleia e mousse de maracujá-do-mato por parte dos sujeitos. As receitas apresentadas com Plantas Alimentícias Não Convencionais causaram surpresa e a maioria dos participantes se interessou em perguntar e anotar como foram realizadas tais receitas. Após a degustação de alimentos com PANC, eles tiveram a oportunidade de participar de um lanche da tarde. Cabe ressaltar que todos os presentes participaram ativamente em todas as etapas da oficina, além de se mostrarem bastante envolvidos (Figuras 65).

Figura 65 – Degustação de alimentos com PANC



Fonte: Cristiane Neyre Almeida de Jesus, 2019.

Por fim, foram distribuídas cartilhas para os adultos presentes, para a professora da escola supracitada e disponibilizadas duas cópias para a administração da Unidade de Conservação, além da distribuição de estacas de ora-pro-nobis (*Pereskia aculeata*) para todos os participantes presentes (Figuras 66 e 67). Todos os participantes estavam extasiados com as atividades da oficina.

Figura 66 – Alunos e moradores participantes da oficina na UC.



Fonte: Cristiane Neyre Almeida de Jesus, 2019.

Figura 67 – Equipe da organização na oficina da Sede.



Fonte: Cristiane Neyre Almeida de Jesus, 2019.

Com a conclusão da realização das oficinas, ficou nítida a relevância de trabalhos como este, através do qual permite que as pessoas conheçam melhor o ambiente à sua volta, bem como a riqueza da biodiversidade, pois, quanto maior o conhecimento sobre o espaço que se vive, melhor será a leitura desta realidade, de maneira que a população desenvolva ações dentro das comunidades, para que os cidadãos sejam sensibilizados quanto ao respeito pelo ambiente que vivem.

A realização dessas oficinas permitiu concluir que a maioria dos participantes envolvidos nas oficinas praticamente desconhecia e utilizava espécies de PANC da região. Pode-se afirmar que o objetivo das oficinas foi alcançado com sucesso, tendo em vista que todos afirmaram compreender as técnicas de propagação apresentadas e a importância dos temas abordados durante a atividade.

4.3. Com a palavra, as comunidades

O atual modelo de desenvolvimento implica na dissipação do conhecimento botânico local, no enfraquecimento da base social da cadeia produtiva de alimentos, no desemprego e no êxodo rural. Além da perda de variedades e conhecimentos, há também danos ambientais em diversas escalas, seja pelo empobrecimento do solo, pelo uso de agrotóxicos ou pela erosão genética (GALINDO, 2014).

Durante as entrevistas, foi possível o contato com as comunidades analisadas, e notou-se que o conhecimento informal, durante as falas, surge como a percepção socioambiental de oportunidade de uma nova condição de vida, distante do mundo agrícola e da produção de alimentos. As seguintes falas dos entrevistados corroboram com os pressupostos defendidos nesse estudo (Quadro 17).

Quadro 17 – Discursos dos entrevistados

DISCURSO DOS ENTREVISTADOS		
SUJEITO	FALA DO ENTREVISTADO	LOCAL
Indivíduo 1	“Antigamente a gente brincava com as plantas e carro de lata, hoje em dia eles só querem saber de celular”	Terra Dura
Indivíduo 2	“Faço aqui em casa as receitas com as plantas de antigamente e eles mangam de mim me chamando de lagarto”.	Terra Dura
Indivíduo 09	“Muitos querem tudo na rápido e compra comida pronta”.	Terra Dura
Indivíduo 12	“A terra não é sadia como antes, hoje a terra é doente. As pessoas não querem mais pelejar com o plantio”.	Terra Dura
Indivíduo 15	“Ninguém quer hoje, todo mundo tem condições de comprar”.	Terra Dura
Indivíduo 18	“Ninguém nem quer mais conversar sobre isso”.	Terra Dura
Indivíduo 20	“A gente comia antigamente porque tinha necessidade de comer”.	Terra Dura
Indivíduo 02	“Hoje em dia quer saber de facilidade”.	Santo Antônio
Indivíduo 05	“Eles dizem que planta é nojento”.	Santo Antônio
Indivíduo 07	“Aqui mal temos água para beber imagine para plantar”.	Santo Antônio
Indivíduo 11	“Hoje só tem interesse por droga e rede social”.	Santo Antônio
Indivíduo 12	“A gente fica muito triste quando o jovem não quer ir para o campo. Os filhos de hoje em dia só esperam ficar maior para ir pra cidade procurar emprego. Queria que eles seguisse minha herança”.	Santo Antônio
Indivíduo 2	“O povo é relaxado, não quer plantar, só gosta de comer”.	Santo Antônio
Indivíduo 14	“Os jovens querem a informática e rede social. A juventude perdeu o gosto de viver no assentamento e os familiares sofrem com a saída dos filhos para trabalhar na capital”.	Santo Antônio
Indivíduo 16	“Comia quando trabalhava na roça, o negócio ta ruim hoje mais nem tanto”.	Santo Antônio
Indivíduo 19	“Os jovens só querem saber de tecnologia”.	Santo Antônio
Indivíduo 6	“A situação é muito difícil, hoje mesmo tive que usar droga para amenizar a fome porque a comida que tinha dei a meus filhos”.	Estreito
Indivíduo 08	“A internet e tecnologia ajuda o povo a buscar mais sobre planta”.	Estreito
Indivíduo 11	“O povo de hoje é mais diferente de antigamente”.	Estreito
Indivíduo 12	“As crianças de hoje tem preguiça de aprender a cozinhar só quer saber de brincar”.	Estreito
Indivíduo 03	“Antigamente o sustento era as plantas e hoje em dia a fome amenizou”.	Miranda
Indivíduo 06	“O povo não quer ouvir falar imagine aprender”.	Miranda

DISCURSO DOS ENTREVISTADOS		
Continuação		
SUJEITO	FALA DO ENTREVISTADO	LOCAL
Indivíduo 09	“Os pais não conversam com os filhos, só quer saber de internet, cada um come sozinho não tem reunião de família para comer na mesa”.	Miranda
Indivíduo 10	“As famílias devia passar o conhecimento para a próxima geração”.	Miranda
Indivíduo 14	“No tempo antigo os pais influenciava”.	Miranda
Indivíduo 18	“O tempo de hoje ta mudado”.	Miranda
Indivíduo 01	“Os mais jovem não vai saber conhecer as planta”.	Boa Vista
Indivíduo 05	“As pessoas querem outras mordomias”.	Boa Vista
Indivíduo 08	“Daqui a um pouco o conhecimento dessas plantas vai acabar”.	Boa Vista
Indivíduo 12	“A juventude tem medo de usar, por isso o povo de antigamente é sadio e os jovens é doente”.	Boa Vista
Indivíduo 16	“O conhecimento sobre essas plantas vem aumentando a cada dia”.	Boa Vista
Indivíduo 17	“O povo não quer comer nem as frutas atuais, imagine o resto”.	Boa Vista
Indivíduo 04	“Hoje em dia a maioria do povo é rico e não come essas coisa. Eles pisa no chão porque não tem jeito”.	Lagoa Seca
Indivíduo 10	“Peço por tudo a meus fios que não esqueça o que ensino pra eles”.	Lagoa Seca
Indivíduo 16	“A gente conversa muito sobre planta por isso nunca vai desaparecer”.	Lagoa Seca
Indivíduo 17	“Com o aparecimento dessa tecnologia, hoje eles vivem em outro mundo”.	Lagoa Seca
Indivíduo 19	“Se o pai tiver um meio de vida, de sustentar a família o resto fica encostado”.	Lagoa Seca

Fonte: Trabalho de campo, 2019.

Organização: Cristiane Neyre Almeida de Jesus, 2019.

No quadro 17, percebe-se, durante os relatos, a percepção dos entrevistados a respeito dos conhecimentos que eles detêm, geralmente adquiridos na convivência no campo e com seus antepassados. Percebe-se pelas informações desse estudo, que tais saberes não têm sido repassados adiante por falta de insistência dos adultos e desinteresse dos mais jovens, de forma que a geração detentora do conhecimento botânico local pode não ter a chance de ter seus saberes e práticas perpetuados.

Convém ressaltar que os moradores da Agrovila Santo Antônio e dos Povoados Terra Dura, Miranda, Boa Vista, Estreito e Lagoa Seca detêm o conhecimento sobre a importância das Plantas Alimentícias Não Convencionais, porém a maioria dos entrevistados não as utilizam com frequência, não possuem práticas de cultivo, não desenvolvem ações para evitar

a extinção e não tem atitudes para evitar que as mesmas desapareçam. Sendo assim, o futuro do conhecimento botânico local é incerto.

O estudo do uso e o relato do desaparecimento dos saberes a respeito das plantas espontâneas e não convencionais, como visto em Reyes-García (2015), está associado ao urbano, à industrialização, no qual as plantas alimentícias espontâneas perdem sua importância histórica enquanto alimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A valorização dos saberes pela própria comunidade é uma forma de gerar interesse e relevância por esse sistema de conhecimento, gerando protagonismo para os seus detentores, em geral os idosos. Espaços de convivência entre as gerações também poderiam ser positivos no reforço desses vínculos entre gerações, mas também não garantem a transmissão desse conhecimento. Atividades complementares ao currículo da educação escolar devem ser encorajadas.

Realizou-se um levantamento etnobotânico onde foram identificadas as espécies de PANC e as famílias botânicas no recorte da pesquisa e identificaram-se 20 espécies conhecidas/utilizadas pelas comunidades pertencentes a 16 famílias botânicas que podem ser utilizada na alimentação humana sendo múltiplas as formas de uso, com destaque para produção de doces, suco, chá, saladas, entre outros. As espécies de plantas encontradas nesse levantamento, as folhas e frutos são as partes mais utilizadas como alimento.

A fim de investigar se haveria o consumo de PANC nas comunidades estudadas, realizou-se aplicação de questionários com 112 entrevistados e percebeu-se que a maioria dos moradores das comunidades do entorno da Unidade de Conservação Reserva de Vida Silvestre Mata do Junco conhecem as Plantas Alimentícias Não Convencionais, porém não consomem ou pouco utilizam na alimentação. A falta de divulgação, a facilidade no consumo de comidas industrializadas e o preconceito em fazer uso de “mato” na alimentação, são fatores que contribuem para a não utilização dessas plantas pelos moradores dessas comunidades. Apesar de terem sido apresentadas pelos entrevistados plantas que são utilizadas apenas com a finalidade medicinal, elas não foram contabilizadas no presente trabalho.

Realizou-se nas comunidades do entorno da UC oficinas com demonstrações das formas de propagação de PANC para que pudesse contribuir para a segurança alimentar e se tornar fonte de renda. A realização dessas oficinas permitiu concluir que a maioria dos participantes envolvidos nas oficinas praticamente desconhecia e utilizava espécies de PANC da região.

Por fim foi realizada oficina de propagação com PANC com alunos do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe. As oficinas foram importantes para a sensibilização desses estudantes no tocante às plantas alimentícias não convencionais e fortalecer o conhecimento, pois atividades como essas estimulam o aprendizado. Para a maioria, foi o primeiro contato com outras perspectivas nutricionais, para além do convencional. De acordo com os resultados obtidos nesta pesquisa, concluí-se que os

estudantes do 6º ano do CODAP tem pouco conhecimento geral sobre as plantas e suas formas de propagação.

Conclui-se que na Unidade de Conservação Reserva de Vida Silvestre Mata do Junco existem diversas espécies de PANC que não são utilizadas de forma nutricional e econômica pelas comunidades do entorno da Mata confirmando desta forma, a hipótese inicial.

Como sugestões de medidas que poderiam ser adotadas, seria recomendável que houvesse apoio à transmissão desses conhecimentos, em especial para as gerações mais novas, através da criação de hortas escolares e sua utilização na merenda, além de atividades nas comunidades que promovam a interação e suscite o interesse nos adultos. Ainda é importante que sejam adotadas medidas de multiplicação dos saberes ambientais, que levem esse conhecimento para além dos quintais e hortas urbanas.

Dito isso, o papel da divulgação dessas espécies associadas à sua importância, são um marco primordial para a disseminação desses conhecimentos que não podem ser apagados das gerações futuras.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, U. P.; ANDRADE, L. H. C. Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de caatinga no estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil. *Acta Bot. Bras.*, vol. 16, n. 3, p. 273-285, 2002.

ALBUQUERQUE, U. P. Manejo tradicional de plantas em regiões neotropicais. *Acta Botânica Brasilica*, Feira de Santana, v. 13, n. 3, p. 307-315, 1999.

ALBUQUERQUE, U. P. **Introdução a etnobotânica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Interciência, 2005. 93 p.

ALBUQUERQUE, U. P. de. **Introdução à etnobotânica**. Recife: Bagaço, 2002. 87 p.

ALBUQUERQUE, U. P.; HANAZAKI, N. As pesquisas etnodirigidas na descoberta de novos fármacos de interesse médico e farmacêutico: fragilidades e perspectivas. *Revista Brasileira de Farmacologia*, São Paulo, v. 16, p. 678-689, 2006.

ALBUQUERQUE, U. P. de; LUCENA, R. F. P. de; CUNHA, L. V. F. C. da. Seleção dos participantes da pesquisa. In: Albuquerque U. P. de; Lucena R. F. P. de; Cunha, L. V. F. C. da, editores. **Métodos e Técnicas na Pesquisa Etnobiológica e Etnoecológica**. Recife. Ed. Nupeea, 2010. p. 23-37.

ALCORN, Jane B. The scope and aims of ethnobotany in a developing world. In: SCHULTES, R. E.; REIS, S. V. (Ed.). **Ethnobotany: evolution of a discipline**. Cambridge: Timber Press, 1995.

AMOROZO, M. C. **A perspectiva etnobotânica e a conservação de biodiversidade**. In: Congresso da Sociedade Botânica de São Paulo, XIV, Rio Claro: UNESP, 2002. 2P.

ANA – Articulação Nacional de Agroecologia. **Soberania e Segurança Alimentar na construção da Agroecologia**. Sistematização de Experiências. 2010.

BARBIERI, R. L.; STUMPF, E. R. T. (editores técnicos). **Origem e Evolução de plantas cultivadas**. Brasília: EMBRAPA, 2008, 909p.

BARBOSA, P. R. A. **Índice de sustentabilidade empresarial da bolsa de valores de São Paulo (ISE-BOVESPA)**: exame de adequação como referência para aperfeiçoamento da gestão sustentável das empresas e para formação de carteiras de investimentos orientadas por princípios de sustentabilidade corporativa. Dissertação de mestrado, Programa de Pós Graduação em Administração, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto COPPEAD de Administração, 2007.

BELIK, W. **Perspectivas para Segurança Alimentar e Nutricional no Brasil**, SciELO Brasil, v. 12, n. 1, 2003.

BENTO, I. C.; ESTEVES, J. M. M. de; FRANÇA, T. E. **Alimentação saudável e dificuldades para torná-la uma realidade: percepções de pais/responsáveis por pré-escolares de uma creche em Belo Horizonte/MG, Brasil**, SciELO Brasil, v. 20, n. 8, 2015.

BEZERRA, J. P. O papel dos quintais urbanos na segurança alimentar, bem estar e conservação da biodiversidade. Dissertação de Mestrado, Programa de Desenvolvimento e Meio Ambiente- Centro de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014.

BONAT, Debora. **Metodologia da pesquisa**. 3.ed. Curitiba: IESDE Brasil, 2009. ISBN: 978-85-387-0395-2.

BORGES, C. K. G. D. **Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC): A divulgação científica das espécies na cidade de Manaus**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós Graduação em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia, Universidade do Estado do Amazonas, Minas Gerais, 2013. p. 118.

BORGES, R. e PEIXOTO, A. L. 2009. Conhecimento e uso de plantas em uma comunidade caiçara do litoral sul do Estado do Rio de Janeiro, Brasil. **Acta Botanica**. Brasília. 23(3): 769-779.

BORGES, C. K. G. D.; SILVA, C. C. Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC): a divulgação científica das espécies na cidade de Manaus, AM. **Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar**, Mossoró, v. 4, n. 11, p. 466-477, 2018.

BRASIL, 2006b. Presidência da República. Casa Civil. **Lei n 11.346**, de 15 de setembro de 2006. Cria o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional – SISAN com vistas a assegurar o direito humano à alimentação adequada e dá outras providências.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Manual de hortaliças não convencionais**. 2 ed. Brasília: MAPA/ACS, p. 99, 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS: atitude de ampliação de acesso**. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2015, 96 p. il.

BREWER, J. et al. **A Blueprint to End Hunger**. Waltham, M. A.: Brandeis University, Heller School for Social Policy and Management, Center on Hunger and Poverty, Food Security Institute, 2004.

CANDAU, V. M.; SCAVINO, S. B.; MARANDINO, M.; MACIEL, A. G.;. **Oficinas pedagógicas de direitos humanos**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

CARLOS, A. F. A. Espaço público e “nova urbanidade” no contexto do direito à cidade. **Confins Revue franco-brésilienne de géographie/Revista franco-brasileira de geografia**, n. 18, 2013.

CARNEIRO, A. M. Espécies ruderais com potencial alimentício em quatro municípios do Rio Grande do Sul. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

CASTELO BRANCO, A. K. A. **O projeto observatório da educação/CAPES/EUA: fases da difusão do conhecimento.** Dissertação de Mestrado. UEA, Manaus, 2014.

CHAVES, M. S. **Plantas Alimentícias Não Convencionais em comunidades ribeirinhas na Amazônia.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Agroecologia. Universidade Federal de Viçosa. 2016.

COSTA, I. B. C. **Etnobotânica e práticas agroecológicas na comunidade rural Rio dos Couros, Cuiabá, MT, Brasil.** Faculdade de Ciências Agrônômicas da UNESP - Campus de Botucatu, 2015.

CULTRETA, M. Estudos etnobotânicos de plantas alimentícias cultivadas por moradores da periferia de Santo Antônio de Leverger, MT. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências Agrônômicas da Unesp – Campus de Botucatu, 2008.

DAM, A. Que comeremos dentro de veinte años? **Interciencia**, Caracas, v. 9, n.1, p. 35-36, 1984.

DELWING, A. B.; FRANKE, L. B.; BARROS, I. B. I.; PEREIRA, F. S.; BARROSO, C. M. A Etnobotânica como ferramenta da validação do conhecimento tradicional: manutenção e resgate dos recursos genéticos. *Rev. Bras. Agroecologia*, v.2, n.1, p.421-425, 2007.

DI STASI, L. C. **Plantas medicinais em seus distintos contexto de uso.** São Paulo: UNESP, 2007b.

DOMINGOS, T. **O Chef do Sertao: reinventando o Sertão** . 1. ed. Nossa Senhora da Glória: Lumia -Escritório de Desing, 2017. 102 p. v. 1.

DROESCHER, F. D. ; SILVA. E. C. da. **O pesquisador e a produção científica**, SciELO Brasil, v. 19, n. 1, 2014.

DUARTE, G. **Levantamento e Caracterização das Plantas Alimentícias Não Convencionais do Parque Florestal de Monsato – Lisboa.** Tese de Mestrado em Ecologia Humana e Problemas Sociais, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2017.

DUTRA, L. V. **Insegurança alimentar e nutricional e produção para o autoconsumo na zona rural de São Miguel do Anta, Minas Gerais.** Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, 2013. p. 118.

FERREIRA, F. N. **Conhecimento e uso de Plantas Medicinais e suas interconexões com a saúde pública do Município de Arauá/SE.** Dissertação de Mestrado, Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, 2017.

FIGUEIROA, D. **Padrões Alimentares: da teoria à prática – o caso do Brasil.** Publicação do Departamento de História e Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ensino Superior do Seridó – Campus de Caicó. V. 04. N. 09, fev./mar. de 2004. –

Semestral. Disponível em: <http://www.cerescaio.ufrn.br/mneme/pdf/mneme09/005-p.pdf>. Acesso em 20 de junho de 2019.

FILHO, E. S. B.. **Diversidade, etnobotânica, e propagação de cabeça-de-frade (Melocactus LINK & OTTO - CACTACEAE) no Estado de Sergipe. Dissertação de Mestrado**, Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, 2014.

FONSECA-KRUEL, V. S. da; PEIXOTO, A. L. Etnobotânica na Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo, RJ, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v.18, n1, p.177-190, mar. 2004.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FRITZ, K. B. B. **A Insegurança Alimentar no rural do Rio Grande do Sul: análise da privação de uma capacitação básica**. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

FONSECA-KRUEL, V. S.; PEIXOTO, A. L. Etnobotânica na Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo, RJ, Brasil. **Acta Bot. Bras.**, v.18, n.1, p.177 – 90, 2004.

FORUM MUNDIAL SOBRE SOBERANÍA ALIMENTARIA. Por el derecho de los pueblos a producir, a alimentarse y a ejercer su soberanía alimentaria. **Declaración final**. Havana, Cuba, 2001.

FUFR, R. **Levantamento de Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) No Município de Pato Branco-PR. Trabalho de Conclusão de Curso** (Engenharia Agrônoma)- Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Paraná, 2016. 66pp.

GALINDO, F. L. O. C. **Comendo Bem, que Mal Tem? Um estudo sobre as representações Sociais dos riscos alimentares**. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. 2014.

GALLUZZI, G.; EYZAGUIRRE, P.; NEGRI, V. Home gardens: neglected hotspots of agrobiodiversity and cultural diversity. **Biodiversity and Conservation**, v. 19, n. 13, p. 3635-3654, 2010.

GODFRAY, C. J. et al. Food security: the challenge of feeding 9 billion people. *Science*, Washington, v.327, p.812-818, 2010. Disponível em: http://web.mit.edu/12.000/www/m2019/pdfs/Godfray_2010_Science.pdf. Acesso em: 18 abril. 2019.

GONÇALO, E. Panorama da segurança de alimentos no Brasil e no mundo, 2006. Disponível em: <http://www.beefpoint.com.br/?noticiaID=29259&actA=7&areaID=60&secaoID=179>. Acesso em 05 de maio de 2019.

GONZÁLEZ-INSUASTI, M. S.; CABALLERO, J. **Managing Plant Resources: How Intensive Can it be?** *Human Ecology* 35: 303-314, 2007.

GROSSL, C. **Cultivando Alimentos**. Ed Clube dos Autores. 2016.

GUARRERA, P. M.; SAVO, V. Perceived health properties of wild and cultivated food plants in local and popular traditions of Italy: a review. **Journal of Ethnopharmacology**, Lausanne, v. 146, n. 3, p. 659-680, 2013.

HAVERROTH, M. Etnobiologia e Saúde de Povos Indígenas. Moacir Haverroth (org). Recife, PE: NUPPEA, 2013.

INCRA- Instituto de Colonização e Reforma Agrária. Diagnóstico Fundiário de Sergipe. Aracaju, 2005.

KELEN, M. E. B.; NOUHUYS, I. S.V.; KEHL, L. C. K.; BRACK, P.; SILVA, da. D. B. 2015. **Plantas Alimentícias Não Convencionais PANC: Hortaliças espontâneas e nativas**. – 1.ed. Porto Alegre, UFRGS, 2015.

KEPPLE, A. W. O estado da segurança alimentar e nutricional no Brasil. Um retrato multidimensional. Relatório. Brasília. 2014. Disponível em PDF: http://www.fao.org.br/download/SOFI_p.pdf.

KINUPP, V. F.; LORENZI, H. **Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) no Brasil**: guia de identificação, aspectos nutricionais e receitas ilustradas. São Paulo: Instituto Plantarum de Estudos de Flora, 2014.

KINUPP, V. F. **Plantas Alimentícias Não Convencionais da Região Metropolitana de Porto Alegre, RS**, Brasil. 2007. **Tese (Doutorado em Fitotecnia)** – Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia, Faculdade de Agronomia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

KINUPP, V. F. **Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC)**: Uma riqueza negligenciada. **Anais** da 61 Reunião Anual da SBPC, Manaus, AM, 2009.

KOHLERr, M.; BRACK, P. **Frutas nativas no Rio Grande do Sul: Cultivando e Valorizando a Diversidade**. 2016. Acessado em Disponível em pdf: http://aspta.org.br/wp-content/uploads/2016/08/Agriculturas_V13N2-Artigo01.pdf

LAUDAN, L. Um modelo de progresso científico. In. **O progresso e seus problemas**. Rumo a uma teoria do crescimento científico. Ed. UNESP, São Paulo, 2011.

LEFF, E. **Saber ambiental**: Sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

LIMA, J. S. **Uso e conservação de recursos botânicos por comunidades rurais do entorno ao Parque Nacional da Serra de Itabaiana: Uma abordagem Etnobiológica. Dissertação de Mestrado**, Programa de Pós Graduação em Agroecossistemas, Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, 2010.

LIPORACCI, H. S. N. **Plantas medicinais e alimentícias na Mata Atlântica e Caatinga: Uma revisão bibliográfica de cunho etnobotânico. Dissertação de Mestrado**, Programa de Pós Graduação em Biologia de Fungos, Algas e Plantas. Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2015.

LOPES, B. P. C. S. **Estudo Etnobotânico de plantas medicinais na terra indígena Kaxinawá de nova Olinda, Município de Feijó, Acre, Brasil. 2017. Dissertação (Mestrado em Agronomia)**. Faculdade de Ciências Agrônômicas, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2017.

MACHADO, C.; ANDRADE, L.; MARINHO, L.; BOSCOLO, O.; ROBERTO, P.; SIRIMARCO, R. 2015. **Conhecendo outras Plantas Alimentícias**. Universidade Federal Fluminense. Disponível em: http://www.uff.br/sites/default/files/informes/cartilha_conhecendo_plantas_alimenticias.pdf. Acesso em: 15 dez. 2018.

MACIEL, M.A.M. et AL. Plantas medicinais: A necessidade de estudos multidisciplinares. *Química Nova*, v. 25, n.3, p.429 – 38, 2002.

MADEIRA, N. R.; et al. **Manual de proteção de hortaliças tradicionais**. Brasília: EMBRAPA, 2013.

MALUF, R.; O Novo contexto internacional do abastecimento e da segurança alimentar In: Belik, W & Maluf, R. **Abastecimento e Segurança Alimentar**. Campinas: Unicamp, 2000.

MALUF, R. S.; BURLANDY, L.; SANTARELLI, M.; SCHOTTZ, V.; SPERANZA, J. S. Agricultura sensível à nutrição e a promoção da soberania e da segurança alimentar e nutricional no Brasil. *Ciência e Saúde Coletiva*, v. 20, n. 08, p. 2303-12, 2015.

MARQUES, M. P. E. Embates em torno da segurança e soberania alimentar: estudo de perspectivas concorrentes. **Segurança Alimentar e Nutricional**, Campinas, v. 17, n. 2, p. 78-87, 2010.

MING, L. C. **A etnobotânica na recuperação do conhecimento popular**. Departamento de Produção Vegetal. Faculdade de Ciências Agrônômicas. UNESP, 2009.

MINAYO, M. C. D; SANCHES, O. **Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade?** Cad. Saúde Públ., Rio de Janeiro, v. 9 n. 3, p. 239-262. 1993.

PRESCOTT-ALLEN, R.; PRESCOTT-ALLEN, C. How many plants feed the world ? **Conservation Biology**, Gainesville, v.4, n.4, p. 365-374, 1990.

MONTEIRO, J. A. V. Do mato ao prato. Educação Ambiental em Ação, [Brasil], v. 49, n. 18, 2014. Disponível em: <http://www.revistaea.org/pf.php?idartigo=1881>. Acesso em: 20 mar. 2019.

MONTELES, R.; PINHEIRO, C. U. B. Plantas medicinais em um quilombo maranhense: uma perspectiva etnobotânica. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**, v.7, n. 2 p. 38-48, 2007.

MOREIRA, R. C. T.; COSTA, L. C. B.; COSTA, R. C. S.; ROCHA, E. A. Abordagem Etnobotânica acerca do Uso de Plantas Medicinais na Vila Cachoeira, Ilhéus, Bahia, Brasil. Bonaerense. **Acta Farm.** v. 21, n. 3, p. 205-11, 2002.

OLIVEIRA, D. M. de. **Percepção ambiental, conhecimento e uso de recursos vegetais no assentamento agroextrativista São Sebastião, Pirambu, Sergipe. Dissertação de Mestrado**, Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, 2012.

OLIVEIRA, F. C.; ALBUQUERQUE, U. P.; FONSECA-KRUEL, V.S.; HANAZAKI, N. 2009. Avanços nas pesquisas etnobotânicas no Brasil. **Acta Botanica Brasilica** 23(2): 590-605.

PARDO-DE-SANTAYANA, M. et al. Traditional knowledge of wil edible plants used in the northwest of the Iberian Peninsula (Spain and Portugal): a comparative study. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 3, n. 1, p. 27, 2007.

PLEAPO. Rio Grande Agroecológico – **Plano Estadual de Agroecologia e Produção Orgânica 2016-2019**. Secretaria de Desenvolvimento Rural, Pesca e Cooperativismo do Rio Grande do Sul, SDR/RS, 2016.

PIRES, M. V. *et al.* Etnobotânica de terreiros de candomblé nos municípios de Ilhéus e Itabuna, Bahia, Brasil. **Revista Brasileira de Biociências**, Porto Alegre, v. 7, p. 3-8, 2009.

PRACE, G. T. Etnobotânica de algumas tribos amazônicas. **SUMA Etnológica Brasileira – Etnobiologia**. 2ª. Ed. Petrópolis, 1987. P-119-134.

PROENÇA, R. P. C. Alimentação e globalização: algumas reflexões. **Ciência Cultura**, São Paulo, v. 62, n. 4, p. 43-47, 2010.

RANIERI, G. R. **Levantamento etnobotânico das plantas alimentícias nos municípios de Areias e São José do Barreiro-SP: Um patrimônio nos quintais urbanos**. Programa de Pós Graduação em Ciência Ambiental. Instituto de Energia e Ambiente. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

RAUBER, A. C. **Conhecimento etnobotânico sobre plantas medicinais e plantas alimentícias não convencionais das famílias agricultoras pertencentes ao núcleo regional luta camponesa da Rede Ecovida de Agroecologia**, Brasil. 2016. **Dissertação (Mestrado em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável)** – Programa de Pós-Graduação em

Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, Universidade Federal da Fronteira do Sul, Santa Catarina, 2016.

REYES-GARCIA, V. et al. From famine foods to delicatessen: Interpreting trends in the use of wild edible plants through cultural ecosystem services. **Ecological Economics**, v. 120, p. 303-311, 2015.

RUDEBJER, P. *et al.* **Explorar o potencial de espécies negligenciadas e subutilizadas**. Rome: Bioversity International, 2014.

SAHA, D.; SUNDRIYAL, M.; SUNDRIYAL, R. C. Diversity of food composition and nutritive analysis of edible wild plants in a multi-ethnic tribal land, Northeast India: an important facet for food supply. **Indian Journal of Traditional Knowledge**, New Delhi, v. 13, n. 4, p. 698-705, 2014.

SALAMI, A. M. Hábitos alimentares de agricultores familiares assentados de Alberto Luz-SC. **Dissertação de Mestrado**. Programa de Pós-Graduação em Agroecossistemas, Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2009.

SANTILLI, J. O reconhecimento de comidas, saberes e práticas alimentares como patrimônio cultural imaterial. DEMETRA: Alimentação, **Nutrição & Saúde**, v.10, n. 3, p. 586, 2015.

SANTOS, M. J. S., **Mata do Junco (Capela-SE): Identidade Territorial e Gestão de Conflitos Ambientais**. **Dissertação de Mestrado**, Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, 2007.

SEMARH - Secretaria de Estado do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos; **Plano de Manejo do Refúgio de Vida Silvestre Mata do Junco, Sergipe**, 2010. Disponível em <http://www.semarh.se.gov.br/wp-content/uploads/2017/02/PlanoDeManejoRVSJunco.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2018.

SEPLANTEC. Perfis Municipais – Capela. Aracaju, 1997.

SERGIPE. **Decreto Estadual nº 24.944, de 26 de dezembro de 2007**. Cria o Refúgio de Vida Silvestre Mata do Junco, Município de Capela e dá outras providências. Disponível em: <http://oads.org.br/leis/2365.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2018.

SILVIA, E. S. da. **Plantas Alimentícias em Comunidades Agrícolas do Município de Rio Preto da Eva-Am**. **Dissertação de Mestrado**, Programa de Pós Graduação em Botânica, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 2017.

SIMON, E. L.; ETGES, V. E.; MINASI, S. M. A gastronomia regional e o turismo como elementos fortalecedores da identidade cultural frente à tensão entre o global e o regional. *Revista Cenário*, v. 3, n. 5, p. 153-171, 2015.

SIMON, G. A. **Food Security**: Definition, Four dimensions, History. 2012. Disponível em: <http://www.fao.org/fileadmin/templates/ERP/uni/F4D.pdf>. Acesso em: 29 de março de 2019.

SHIVA, V. **Monoculturas da mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia**, São Paulo: Gaia, 2005.

SOARES, E. **Metodologia científica: lógica, epistemologia e normas**. São Paulo: Atlas, 2003.

SOGLIO, F. D.; KUBO, R. R. Organizadores. **Desenvolvimento, agricultura e sustentabilidade**. Porto Alegre: editora UFRGS, 2009.

SOUZA, C. D.; FELFILI, J. M. Uso de plantas medicinais na região de Alto Paraíso de Goiás, GO, Brasil. **Acta bot. bras.** São Paulo v. 20, n. 1, 135- 142. 2006.

Takako H. Nature of Traditional Ecological Knowledge Loss: A Quantitative Approach. **政策科学**. 2004; 11: 147–155. Available.

TILMAN, D. *et al.* Agricultural sustainability and intensive production practices. **Nature**, London, v. 418, n. 6898, p. 671-677, 2002.

TILMAN, D. *et al.* Global food demand and the sustainable intensification of agriculture. **PNAS**, Washington, DC, v. 108, n. 50, p. 20260–20264, 2011.

VALENTE, F. L. S. (Org.) **O direito humano à alimentação: desafios e conquistas**. São Paulo: Cortez, 2002.

VÁSQUEZ, S. P. F.; MENDONÇA, M. S.; NODAS, S. N. Etnobotânica de plantas medicinais em comunidades ribeirinhas do Município de Manacapuru, Amazonas, Brasil. **Revista Acta Amazônica**, v.44, n.4, p.458, Manaus, 2014.

VITTO, L. A; PETENATTI, E. M. Asteráceas de importância econômica y ambiental. Primera parte. Sinopsis morfológica y taxonômica, importancia ecológica y plantas de interes industrial. **Multequina**, v. 18, p. 87-115. 2009.

VOGL-LUKASSER, B. et al. Plant species with spontaneous reproduction in homegardens in eastern tyrol (Austria): Perception and management by women farmers. **Ethnobotany Research and Applications**, v. 8, p. 001-015, 2010.

ZIMMERMANN, C. Monocultura, e transgenia: impactos ambientais e insegurança alimentar. **Veredas do Direito**, v. 6, n. 12, p. 79-100, 2009.

WINKLERPRINS, A.; OLIVEIRA, P. S. S. Urban agriculture in Santarém, Pará, Brazil: diversity and circulation of cultivated plants in urban homegardens. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, v. 5, n. 3, p. 571-585, 2010.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Termo de Consentimento



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO E
MEIO AMBIENTE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E
ESCLARECIDO – TCLE

BASEADO NAS DIRETRIZES CONTIDAS NA
RESOLUÇÃO CNS Nº466/2012, MS.

Convido você a participar da pesquisa **“Diversidade e importância das Plantas Alimentícias Não Convencionais em Sergipe: Mato ou alimento?”** que está sendo desenvolvida pelo mestrando **Cristiane Neyre Almeida de Jesus**, estudante do curso de **Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente** da Universidade Federal de Sergipe, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Marlúcia Cruz de Santana e co-orientação da Prof. Dr. Jailton de Jesus Costa.

Esta pesquisa tem o objetivo de analisar a diversidade e a importância das espécies de PANC na Unidade de Conservação Reserva de Vida Silvestre Mata do Junco e em algumas comunidades do seu entorno. Desse modo, solicito a sua colaboração para participar da aplicação de questionários, que visam analisar o conhecimento e as formas de utilização das plantas alimentícias dos participantes que vivem nas comunidades localizadas na região mencionada. Posteriormente realizaremos a oficina de propagação de plantas onde será distribuído mudas de algumas espécies e ensinaremos a propagação de plantas além de realizar a oficina de degustação, onde os participantes terão a oportunidade de degustar alimentos preparados com plantas alimentícias não convencionais.

Através deste termo, também peço sua autorização para que os resultados dessa pesquisa sejam apresentados e publicados em meio científico. É garantido total sigilo com sua identidade durante a análise e publicação dos resultados.

O nome do participante não será divulgado e será identificado na pesquisa através de números. Reforço que todos os participantes têm o direito de desistir e liberdade de retirar a autorização em qualquer fase dessa pesquisa sem nenhum prejuízo.

Não se trata de avaliar o que a pessoa sabe e sim de aprender com o participante, pois o mesmo tem o direito de responder só o que sabe e que se sinta confortável em responder. Este trabalho trará o benefício de trazermos para você o que já sabemos sobre as plantas e aprendermos com o participante sobre as plantas. Essa pesquisa não oferece grandes riscos à integridade física dos participantes e traz como principal benefício o conhecimento acerca da diversidade de plantas existentes na sua localidade, permitindo uma melhor utilização das espécies, bem como a possibilidade de utilização de outras, até então desconhecida, para variados usos. O risco dessa pesquisa é mínimo e dano imaterial: lesão em direito ou bem da personalidade, tais como integridades física e psíquica, saúde, honra, imagem e privacidade, elicitamente produzida ao participante da pesquisa por características ou resultados do processo de pesquisa.

Para quaisquer outras informações, você poderá entrar em contato com a pesquisadora através de:

E-mail **neyrecristiane@gmail.com**

Telefone **(79) 99946- 7643**

Endereço: Av Augusto Franco, 1697. Bairro: Pereira Lobo. CEP: 49.052.230
Aracaju/SE

Considerando, que fui informado(a) dos objetivos e da importância da pesquisa, de como será minha participação, dos procedimentos e possíveis riscos do estudo, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa. Também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (divulgação em congressos, artigos e no trabalho final do curso).

Estou ciente que receberei uma via desse documento.

São Cristóvão/SE, ____ de _____ de
2019.

Assinatura ou identificação do/a participante de pesquisa

Cristiane Neyre Almeida de Jesus

Mestranda

APÊNDICE B

Roteiro de Entrevistas

ROTEIRO DE ENTREVISTA SOBRE PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS

DADOS GERAIS DO ENTREVISTADO Nº _____ A: ____/____/____

Nome: _____

Endereço: _____

Idade: _____

Sexo: () Masculino () Feminino () Outros

Naturalidade: _____ Escolaridade: _____

OCUPAÇÃO _____

Tempo que reside na comunidade: _____

1) Você conhece, usa, receita, vende ou compra Plantas Alimentícias Não Convencionais ?

() Não () Sim / () Conhece () Usa () Receita () Ven () Compra

Caso negativo, responder as questões de 5 a 8.

Caso positivo, preencher a tabela abaixo:

Nome popular da planta	Forma de utilização

2) Tem dificuldade para encontrar na região alguma dessas plantas? () Sim () Não

Qual (is)?

Por quê?

3) De que forma você adquire essas plantas?

4) Existe época do ano adequada para a coleta?

☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

Qual (is)?

5) Você cultiva alguma planta que utiliza na alimentação diária?

☐ Sim ☐ Não

Qual (is)?

6) Conhece alguma PANC na Unidade de Conservação Reserva de Vida Silvestre Mata do Junco?

☐ Sim ☐ Não

Qual (is)?

7) Você experimentaria alguma planta alimentícia que cresce como mato?

☐ Sim ☐ Não

Por quê?

8) Na região, qual o local onde essas plantas podem ser encontradas?

☐ Mata ☐ Quintal ☐ Comércio ☐ Feira ☐ Sítio ☐ Out

9) Como conheceu as Plantas Alimentícias Não Convencionais?

10) Você transmite seu conhecimento para outras pessoas ?

☐ Não ☐ Sim / ☐ Parente ☐ Pessoas da Comunidade ☐ Estudantes/Pesquisadores

11) De que forma seu conhecimento é transmitido? Por meio:

☐ da fala ☐ da escrita ☐ de gestos

12) Como é conhecido (a) na região?

☐ Rezador ☐ Garrafeira ☐ Mateiro ☐ Parteira ☐ Outros

13) Você considera que atualmente o interesse dos jovens pelo conhecimento e uso das Plantas é maior ou menor que em sua geração?

14) Por quê?

15) Você acredita que o saber e as práticas populares relacionadas as Plantas Alimentícias podem desaparecer com o tempo ?

16) O que tem feito para evitar que o conhecimento das plantas desapareça ao longo do tempo?

17) Tem feito alguma coisa para evitar a extinção das plantas alimentícias?

☐ Sim ☐ Não

19) Conhece alguém na comunidade que tem conhecimento sobre Plantas Alimentícias Não Convencionais?

☐ Sim ☐ Não

Quem?

20) Você acha que possui hábitos alimentres saudáveis?

☐ Sim ☐ Não

APÊNDICE C

Questionário CODAP



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
COLÉGIO DE APLICAÇÃO



QUESTIONÁRIO

Nome do(a) aluno(a): _____

Ano: 6º Turma: _____

Onde você nasceu: _____ (Município/Estado)

Onde mora atualmente: _____ (Município/Estado)

1. Preencha o quadro abaixo com características de dois ambientes: Mato x Lavoura (roça).

	MATO	LAVOURA (ROÇA)
SOLO		
PLANTAS ENCONTRADAS		
ANIMAIS ENCONTRADOS		
ALIMENTO DOS ANIMAIS		

2. Cite algumas plantas alimentícias que você conhece.

3. **Você conhece alguma planta do mato que pode ser utilizada na alimentação:**

() Sim

() Não

4. **Quais as plantas do mato que podem ser utilizadas na alimentação?**

5. **Você acha que as plantas do mato também são ricas em nutrientes? Sim ou não e por que?**

6. **Como são preparadas essas plantas para uso culinário?**

7. **Dentre as plantas abaixo, marque aquelas que você conhece e diga quais são os seus usos ou para que serve.**

- a. Manjogome
- b. Cacto.....
- c. Coentrão.....
- d. Cambucá.....
- e. Cruiri.....
- f. Gajeru.....
- g. Araçá-de- boi
- h. Abacaxi-do-mato.....
- i. Adicuri.....
- j. Araticum.....
- k. Marcujá-do-mato.....

- l. Cajuí
- m. Mata-fome.....

8. Quais as plantas encontradas no entorno da sua escola? Tem alguma comestível?

APÊNDICE D

Cartilha

Cristiane Neyre Almeida de Jesus

Jailton de Jesus Costa

Ingrid Carvalho Santos Oliveira

Marlúcia Cruz de Santana



Sabores da Mata do Junco

Levantamento das
Plantas Alimentícias Não Convencionais na
Mata do Junco e comunidades do entorno.

Autores:

Cristiane Neyre Almeida de Jesus

Jailton de Jesus Costa

Ingrid Carvalho Santos Oliveira

Marlucia Cruz de Santana

Ilustração:

Camilo Rafael Pereira Brandão

Ingrid Carvalho Santos Oliveira

Foto da capa:

Cristiane Neyre Almeida de Jesus



Criação Editora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Tuxped Serviços Editoriais

Bibliotecário Pedro Anizio Gomes CRB -8/8846

J58s

Jesus, Cristiane Neyre Almeida de

Sabores da Mata do Junco: levantamento das plantas alimentícias não convencionais na Mata do Junco e comunidades do entorno / Cristiane Neyre Almeida de Jesus, Jailton de Jesus Costa, Ingrid Carvalho Santos Oliveira e Marlucia Cruz de Santana. – 1. ed. – Aracaju: Criação, 2019.

32 p.

ISBN 978-65-80067-55-8

1. Alimentação 2. Botânica 3. Cartilha 4. Culinária 5. Meio Ambiente 6. Plantas 7. Plantas Alimentícias não Convencionais 8. PANC
I. Título II. Assunto III. Organizadores

CDD 641.303

CDU 612.3:58

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Alimentos derivados de plantas
2. Plantas alimentícias.



DEDICATÓRIA


Aos moradores das comunidades do entorno da Mata do Junto, em especial, a Agrovila Santo Antônio e os Povoados Terra Dura, Miranda, Boa Vista, Estreito e Lagoa Seca e a todos que contribuíram com seus saberes e fazeres para a pesquisa intitulada “Diversidade das Plantas Alimentícias Não Convencionais em Sergipe: Estudo Etnobotânico”, em sinal de gratidão pela colaboração prestada e para retribuir, minimamente, a atenção dispensada.

Esta cartilha é parte dos resultados da pesquisa de mestrado acima intitulada e realizada pela primeira autora junto ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal de Sergipe, sob orientação da Profa. Dra. Marlucia Cruz de Santana (UFS) e Coorientação do Prof. Dr. Jailton de Jesus Costa (UFS). A finalidade foi dar retorno às comunidades envolvidas na pesquisa e informar os demais interessados na temática, além de possibilitar a socialização do saber popular, através da escrita de um texto ilustrado que demonstre as espécies de Plantas Alimentícias Não Convencionais encontradas na Mata do Junco e nas comunidades do seu entorno.

Foram de fundamental importância para esse trabalho os moradores das comunidades que nos receberam com carinho e sempre se disponibilizaram a ajudar com os saberes populares, em especial agradecemos a dona Raimunda, do Povoado Terra Dura, que nos recepcionou com toda alegria e atenção e, por fim, agradeço imensamente o apoio de Marcelo “Guigó” que gosta de ser carinhosamente chamado assim, sua disponibilidade durante os trabalhos de campo foi de fundamental importância para a realização da pesquisa. Meus sinceros agradecimentos.

Esta cartilha traz o levantamento de algumas espécies de Plantas Alimentícias Não Convencionais que foram e são utilizadas por moradores das comunidades estudadas. Porém, cuidado: “Não coma plantas sem saber se elas são plantas alimentícias, pode ser bastante perigoso”. Siga o passo a passo das receitas e cuidado no momento da coletar as plantas.

Cristiane Neyre Almeida de Jesus
Jailton de Jesus Costa
Ingrid Carvalho Santos Oliveira
Marlucia Cruz de Santana





SOU PEQUENINO,
REDONDO E
VERMELHINHO.

Quem sou eu?



EU SOU O TOMATINHO

Lycopersicon sp. (Solanaceae) - erva

Formas de uso:



SALADAS



SOPAS



DIVERSOS TEMPEROS



TENHO A FOLHA
PEQUENA, SOU
VERDE E TENHO
PEQUENAS
FLORES ROSAS.

Quem sou eu?



SOU A MAJOR GOMES

Talinum paniculatum (Portulacaceae) - erva



SALADAS



REFOGADOS



TENHO FOLHAS
GRANDES E SOU
VERDINHA.

Quem sou eu?



EU SOU A TAIOBA

Xanthosoma sagittifolium (Araceae) - erva

Formas de uso:



SALADAS



SOPAS DETOX



FAROFAS



SOU ESPINHOSA,
VERDINHA E
SABOROSA.

Quem sou eu?



ORA-PRO-NOBIS

Pereskia aculeata (Cactaceae) - arbusto



SALADAS



REFOGADOS



TORTAS



PÃES



SOU VERDINHA, COM
FOLHAS PEQUENAS E
MUITO CONHECIDA
PELOS MAIS VELHOS.

Quem sou eu?



LÍNGUA-DE-VACA

Fam. Portulacaceae – erva



SALADAS



REFOGADOS



SOU CONHECIDO
COMO O “REI DOS
FRUTOS” E MINHA
COROA PODE
MACHUCAR SEU
DEDO.

Quem sou eu?



ABACAXI-DO-MATO

Ananas sp. (Bromeliaceae) -herbácea



DOCES



BOLOS



SUCOS



SOU AMARELINHO,
REDONDO E TENHO
FOLHAS GRANDES.

Quem sou eu?



ARAÇÁ-DE-BOI

Campomanesia eugenioides (Myrtaceae) - árvore



GELEIAS



SORVETES



SUCOS



SOU DURO PARA
QUEBRAR, REDONDO E
VERDINHO.

Quem sou eu?



EU SOU O ADICURI

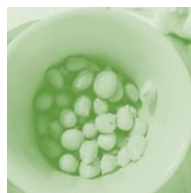
Syagrus coronata (Arecaceae) - arbustiva



SALADAS



DOCES



IN NATURA



TENHO FOLHAS
PEQUENINHAS E
VERDINHAS.

Quem sou eu?



EU SOU O AZEDINHO
erva



SALADAS



SOPAS



OMELETE



MINHAS FOLHAS
SÃO GRANDES E
MINHAS FLORES
ESPETAM UM
POUQUINHO.

Quem sou eu?



SOU O COENTRÃO

Eryngium foetidum (Asteraceae)- erva



SALADAS



SOPAS



DIVERSOS TEMPEROS



CUIDADO QUE
TENHO ESPINHO
NOS CAULES E
NAS FOLHAS.

Quem sou eu?



EU SOU A JURUBEBA

Solanum sp. (Solanaceae) - subarbusto



CACHAÇA



SUCOS



SOU BEM ALTA E
MINHAS FOLHAS
SÃO VERDE-
CLARAS.

Quem sou eu?



EU SOU A GUABIRABA

Campomanesia guaviroba (Myrtaceae) árvore



SALADAS



SOPAS



DIVERSOS TEMPEROS



MEU SUCO DEIXA
VOCÊ CALMINHO
CALMINHO.

Quem sou eu?



EU SOU O MARACUJÁ-DO-MATO

Passiflora sp. (Passifloraceae) - erva



SUCO



DOCE



GELEIA



MEUS FRUTOS SÃO
PEQUENOS,
REDONDOS E
PRETINHOS.

Quem sou eu?



EU SOU A MARIA PRETA

Fam. Rubiaceae - árvore



GELEIA



DOCE



LICOR

TENHO A CASCA
VERDE, DE
FORMATO
ARREDONDADO E
CARNUDA.



Quem sou eu?



EU SOU O ARATICUM

Annona sp. (Annonaceae) - árvore



GELEIA



DOCE



SUCO



LICOR



SOU DE COR
VERMELHA E
COMIGO AS
COMIDAS TEM COR.

Quem sou eu?



EU SOU A ASSAFROA

Bixa orellana (Bixaceae) - Arbusto



SALADAS



SOPAS



DIVERSOS TEMPEROS



SOU
ARRENDONDADA, DE
COR ALARANJADA E
MINHA POLPA É
CARNOSA.

Quem sou eu?



EU SOU O MURICI

Byrsonima sericea (Malpighiaceae) - arbusto



LICOR



DOCE



BOLO



GELEIA



MINHA SEMENTE É
COR MARROM E
SOU UM POUCO
APIMENTADA.



Quem sou eu?



SOU A PINDAÍBA

Duguetia lanceolata (Annonaceae) - árvore



TEMPERO



CACHAÇA

RECEITA DE GELEIA DE ARAÇÁ-DE-BOI



Utilize a polpa do fruto cuidadosamente retirada. Adicione metade de açúcar cristal e cozinhe em fogo baixo, mexendo sempre até dar o ponto desejado. Sirva com torradas ou biscoitos.



(Imagem retirada da internet)

RECEITA DE ABACAXI DO MATO ASSADO NO FORNO

Fatie um abacaxi grande descascado e já limpo. Asse-o em forno médio com açúcar cristal e canela a gosto. Deixe as rodelas dourarem bem e vire para assar por igual. A polpa desta espécie também pode ser usada para suco, bem como para o preparo de sorvetes, licores e mousses.



(Imagem retirada da internet)



RECEITA DE DOCE DE GUABIRABA

Utilize a polpa da guabiraba e açúcar. A mesma quantidade de polpa será a quantidade de açúcar. Leve ao fogo e mexa por aproximadamente três horas. Fica maravilhoso.



(Imagem retirada da internet)

RECEITA DE SALADA DE LÍNGUA-DE-VACA

Colha as folhas jovens. Limpe-as, lave-as e pique-as bem fininhas. Tempere com molho de iogurte natural, mel, sal e azeite, ou seus temperos preferidos. Pode misturar com outros ingredientes de sua escolha. É levemente ácida, portanto dispense o limão e o vinagre. As folhas ficam muito boas para sopas cremosas.



(Imagem retirada da internet)



PATÊ VERDE DE MAJOR-GOMES

Selecione e lave as folhas, afervente e pique-as. Refogue com queijo, com 2 colheres de sopa de azeite, 1 colher de chá de sal, alho, orégano, pimenta e demais temperos a gosto. Adicione as folhas, mexa e deixe murchar. Triture no liquidificador, se precisar coloque água fervente. Consuma gelado, após ser guardado em geladeira. ótima para recheios.



(Imagem retirada da internet)

RECEITA DE GELEIA DE MARACUJÁ-DO-MATO



Utilize a polpa do fruto cuidadosamente retirada. Adicione metade de açúcar cristal e cozinhe em fogo baixo, mexendo sempre até dar o ponto desejado. Sirva com torradas ou biscoitos.



(Imagem retirada da internet)

DOCE DE MURICI

Retire a polpa do murici. Para cada quilo de polpa pura adicione 500g de açúcar cristal. Mexa sem parar com colher de madeira sempre em fogo baixo, até dar o ponto desejado.



(Imagem retirada da internet)

TAIOBA REFOGADA

Colha folhas jovens e corte eliminando as nervuras principais ou rasgue com as mãos, selecionando apenas o limbo e nervuras menores. Escalde e escorra bem, pique fininho e refogue de sua forma tradicional com os temperos de costume. Acrescente as folhas cortadas fininhas, igual a couve ou em pedaços. Refogue bem até murchar totalmente.



(Imagem retirada da internet)

Maria José Nascimento Soares
Coordenadora do Prodema

Laura Jane Gomes
Vice-coordenadora do Prodema

PORTARIA Nº. 206 DE 4 DE SETEMBRO DE 2018

O presente trabalho foi realizado com apoio da
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior -
Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

